

Arsénio Mota

ESTUDOS REGIONAIS  
SOBRE A  
**BAIRRADA**

bibRIA



Figueirinhas

Arsênio Mota

**ESTUDOS REGIONAIS  
SOBRE A  
BAIRRADA**

**bibRIA**

A EDIÇÃO DESTA LIVRO TEM O APOIO DAS  
CÂMARAS MUNICIPAIS DE  
OLIVEIRA DO BARRIO, ANAÍAS E AVEIRO

© Arsênio Mota  
Colecção Bibliotecas de Arquivo Histórico

Cada livro desta colecção tem o seu preço  
Bibliotecas Municipais: Rua de Anáias, 41 — 4100 BORGES  
Rua de São João, 206-2 — 4100 LISBOA

Impressão: Imprensa Regional / Porto  
Deposito Legal: 2011/10

ISBN 978-989-981-000-0

ESTUDOS REGIONAIS  
SOBRE A  
BAIRRADA

# bibRIA

A EDIÇÃO DESTE LIVRO TEM O APOIO DAS  
CÂMARAS MUNICIPAIS DE  
OLIVEIRA DO BAIRRO, ANADIA E AVEIRO

© Arsénio Mota

Colecção: Biblioteca de Autores Bairradinos

Capa: Sobre óleo "Volta da romaria", de Fausto Sampaio

Edição: Livraria Figueirinhas: Rua do Almada, 47 — 4000 PORTO

Rua da Prata, 208-2º — 1000 LISBOA

Impressão: Humbertipo / Porto

Depósito Legal: 66818/93

INDICE

Arsénio Mota

# ESTUDOS REGIONAIS SOBRE A BAIRRADA

  
b

Concelho de Oliveira do Bairro

Distrito de Aveiro

3770-355 Palhaça

Portugal

## OBRAS DO AUTOR

(poesia, como Arsénio de Bustos:)

*O Canto Desconforme*, Coimbra, 1955.

*Hoje com Harmonia Dentro*, Coimbra, 1956.

*A Voz Reencontrada*, Porto, 1978.

*Biografia Fantástica*, crónica-ficção, Aveiro, 1960.

*Besouro na Floresta*, contos, Porto, 1962.

*Sol para Todos*, contos, Porto, 1972.

*Burlescarias*, crónicas, Jornal do Fundão Ed., 1974.

*Burlescarias II*, crónicas, Liv. Ler, Lisboa, 1975.

*Bustos — Elementos para a sua História*, ed. ABC de Bustos, 1983.

*Som de Origem — Arte d'escrita*, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.

*A Última Aposto*, contos, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.

*Artistas ao Norte*, Porto Editora, 1989.

*Júlio Resende — A Arte Como/Vida*, Livraria Civilização, Porto, 1989 (org. e co-autor).

*Letras Bairradinas — Antologia*, ed. AJEB, Anadia, 1990

*O Museu no Sótão*, crónicas, a sair.

### Contos para Crianças

*Os Segredos do Subterrâneo*, Prémio Ano Internacional da Juventude, ilust. Ivone Ralha, Ed. Um de Outubro, Lisboa, 1986.

*História com Ratos da Paspalhóvia*, ilust. Manuela Bacelar, Ed. Afrontamento, Porto, 1986.

*Histórias com Historinha Dentro*, ilust. Júlio Resende, Liv. Figueirinhas, Porto, 1986.

*A Roda Que Saiu dos Eixos*, ilust. Luísa Brandão, Ed. Asa, Porto, 1987.

*A Sopa das Nove Letras*, ilust. Emerenciano, Porto Ed., 1988.

*Tenho uma Ideia*, ilust. Júlio Resende, Porto Ed., 1989.

*A Nuvem Cor-de-Rosa*, ilust. Júlio Resende, Ed. Asa, Porto, 1989.

# ÍNDICE

SOLEIRA

- 9 Solcira
- 11 Ao encontro da Bairrada
- 13 O lugar dos Estudos Regionais
- 20 Em busca da Bairrada no mapa
- 28 Esboço de caracterização
- 32 Conclusão
- 33 A casa rural da Bairrada  
Algumas notas preliminares
- 47 Sobre o falar regional
- 53 Vocábulos
- 57 Alguns ditos proverbiais
- 58 Conclusão
- 61 A «Plêiade Bairradina»  
e a Bairrada no início do séc. XX
- 79 Quando se fez a Curia
- Arqueologia regional
- 91 — Breve relance
- Letras Bairradinas
- 103 Primeira adenda

(contida como Artigos de Base)

O Camo Desaparecido, Coimbra, 1955.

História com Harmonia Desata, Coimbra, 1956.

A Voz Resuscitada, Porto, 1978.

Segredos Passadissimos, Guimarães, 1980.

Segredo na Primavera, Coimbra, Porto, 1984.

Sol sobre Tordes, Coimbra, Porto, 1972.

Surfismos, publicação interna do Instituto de Letras, 1981.

Surfismos II, publicação IEL, Lda, 1982.

Surfismos III, publicação IEL, Lda, 1983.

Surfismos IV, publicação IEL, Lda, 1984.

Surfismos V, publicação IEL, Lda, 1985.

Surfismos VI, publicação IEL, Lda, 1986.

Surfismos VII, publicação IEL, Lda, 1987.

Surfismos VIII, publicação IEL, Lda, 1988.

Surfismos IX, publicação IEL, Lda, 1989.

Surfismos X, publicação IEL, Lda, 1990.

Surfismos XI, publicação IEL, Lda, 1991.

Surfismos XII, publicação IEL, Lda, 1992.

Surfismos XIII, publicação IEL, Lda, 1993.

Surfismos XIV, publicação IEL, Lda, 1994.

Surfismos XV, publicação IEL, Lda, 1995.

Surfismos XVI, publicação IEL, Lda, 1996.

Surfismos XVII, publicação IEL, Lda, 1997.

Surfismos XVIII, publicação IEL, Lda, 1998.

Surfismos XIX, publicação IEL, Lda, 1999.

Surfismos XX, publicação IEL, Lda, 2000.

Surfismos XXI, publicação IEL, Lda, 2001.

Surfismos XXII, publicação IEL, Lda, 2002.

Surfismos XXIII, publicação IEL, Lda, 2003.

Surfismos XXIV, publicação IEL, Lda, 2004.

Surfismos XXV, publicação IEL, Lda, 2005.

Surfismos XXVI, publicação IEL, Lda, 2006.

Surfismos XXVII, publicação IEL, Lda, 2007.

Surfismos XXVIII, publicação IEL, Lda, 2008.

Surfismos XXIX, publicação IEL, Lda, 2009.

Surfismos XXX, publicação IEL, Lda, 2010.

Surfismos XXXI, publicação IEL, Lda, 2011.

Surfismos XXXII, publicação IEL, Lda, 2012.

Surfismos XXXIII, publicação IEL, Lda, 2013.

Surfismos XXXIV, publicação IEL, Lda, 2014.

Surfismos XXXV, publicação IEL, Lda, 2015.

Surfismos XXXVI, publicação IEL, Lda, 2016.

Surfismos XXXVII, publicação IEL, Lda, 2017.



## SOLEIRA

Compõem este livro alguns textos resultantes de uma pesquisa pessoal desenvolvida ao longo dos últimos sete anos com vista ao (re)conhecimento dos valores culturais da região em foco. Apartado da sua Bairrada natal, tornou-se para o autor mais fácil redescobri-la em certos traços da cultura do passado recente (da cultura que, em última análise, é a alma corporizada do seu povo), como se em ausência, embora parcial e mitigada, melhor pudesse manifestar-se em plenitude a *presença* de uma fisionomia familiar já muito delida e, ao mesmo tempo, já irreconhecível. Aconteceu entretanto que, quem fez o trabalho de recuperação, acabou, também neste caso, de algum modo por ser “feito” por ele. Não bastou levantar do pó os valores culturais detectados em processo de extinção e perda irremediáveis; tornou-se conveniente começar por reflectir sobre o lugar que às culturas regionais cabe ocupar no quadro global da cultura e, desde logo, tratar de inserir aí a cultura da Bairrada. A organização algo laminar do livro justifica alguma repetição, que os textos da colectânea não dispensam a fim de recalcar opiniões e conclusões tidas pelo autor como pontos de partida indispensáveis. Enfim, será escassa esta migalhinha perante a vastidão do que se impõe realizar antes que mais se esvaia pelos rasgões da indiferença. Mas representa o contributo possível trazido por quem, acima de tudo, se compeliu a um papel com alguma dimensão cívica por acreditar nos bons frutos da pedagogia do exemplo.

Compõem este livro alguns textos resultantes de uma pesquisa pessoal desenvolvida no longo dos últimos sete anos com vista ao (re)conhecimento dos valores culturais da região em foco. Apartado da sua história rural, tornou-se para o autor mais fácil redescobri-la em certos ramos da cultura do passado recente (da cultura que, em última análise, é a alma corporizada do seu povo), como se em algumas, embora poucas e miligadas, melhor pudesse manifestar-se em particular a presença de uma história mais recente. A maioria delas é, no mesmo tempo, já irreversível. Aconteceu entretanto, que em 1970, a região da ocupação, cultura e história, foram abordadas de modo por vezes diferente. Não há a intenção de pôr as várias culturas descoladas em processo de extinção e perda irreversíveis; tornou-se conveniente começar por reflectir sobre o lugar que as culturas regionais cabe ocupar no quadro global da cultura e desde logo, tratar de inserir a cultura da história. A organização, a selecção de livros, artigos e alguns textos de referência não dispõem a fim de recorrer opiniões e opiniões de fontes autor como pontos de partida indispensáveis. Então, não esqueça esta mensagem porque a verdade do que se segue tem um valor que não se cavaia pelas regras da indústria. Mas repetição e conteúdo possível trazido por quem, antes de tudo, se conspiciu a um papel com alguma dimensão crítica por referência aos bons frutos da pedagogia de exemplo.

bibRIA

## O LUGAR DOS ESTUDOS REGIONAIS

Q uo observar ainda parece um retorno à situação que preferíamos explicar. De facto há pouco para ser, os estudos regionais ainda hoje são raros. Surgem com alguma frequência estudos isolados sobre temas pontuais, em artigos, sob qualquer forma, com uma dada região, mas não é disso que se quer falar aqui. Trata-se de apontar a inexistência quase completa de estudos regionais sistemáticos em um momento tão crucial do desenvolvimento

## AO ENCONTRO DA BAIRRADA

esta nossa época de vigorosas afirmações políticas-administrativas, em Portugal e outros países europeus, que se corporizam na criação de governos regionais, aproximações descentralizadas e descentralizações, apoio ao reforço do poder local, etc. Repete-se que vivemos num tempo em que o regional, o local e mesmo a particularidade encontram espaços abertos para viverem, como se um desenvolvimento tal se tivesse a realizar e não caregasse para a existência de um mundo homogêneo, e comparável ao mundo global.<sup>1</sup> Ora, não há estudos regionais que possam dar conta da realidade regional, e a realidade regional não se encontra no âmbito da realidade global.

No entanto, por detrás de tais tipos de aperturas, não é tão evidente o que se encontra. Em Portugal, a visão cultural revela notória dificuldade de melhor acompanhamento das mudanças por que está a passar a esfera social e, portanto, as transformações político-administrativas, resultantes da dinâmica das forças sociais, não vão sendo o devido reflexo no plano cultural. As pesquisas dos

<sup>1</sup> Esta afirmação portuguesa, apesar de alguns equívocos, é bastante útil para a expansão do conceito de política baseada no sistema regional e, neste particular, evidência que se poderia fazer de novo, dentro da região. De Portugal, o Conselho de Henrique Galvão, que se propõe a definir qual o lugar dos regionais, pode ser um caso típico, por isso mesmo, e o seu trabalho de trabalho particularmente de uma unidade de país. Em estes dois casos, se os locais regionais, sobretudo dependentes que se desenvolvem no nível de existência de estudos culturais em Portugal, a investigação portuguesa, em geral, é bastante de nível de nível médio, e a emergência de um independente pensamento.

## AO ENCONTRO DA BAIRRADA

# bibRIA

## O LUGAR DOS ESTUDOS REGIONAIS

O observador atento percebe num relance a situação que pretendemos explanar. De facto há pouco para ver, os estudos regionais ainda hoje são raridade. Surgem com alguma frequência estudos isolados sobre temas pontuais, em ligação, sob qualquer forma, com uma dada região, mas não é disso que se quer falar aqui. Trata-se de apontar a inexistência quase completa de estudos regionais ordenados por um programa mais ou menos sistemático.

O quadro pode surpreender o observador que tenha presente esta nossa época de vigorosas afirmações político-administrativas, em Portugal e noutros países europeus, que se corporizam na criação de governos autonómicos regionais, movimentos descentralizadores e desconcentracionários, apelos ao reforço do poder local, etc. Repete-se que vivemos num tempo em que o regional, o local e mesmo o particularizado encontram espaços abertos para vicejar, como se um movimento de refluxo estivesse a reequilibrar o tão carregado pendur do mundo para a osmose massificante, o esmagamento da diversidade no molde unificador da «aldeia global».<sup>1</sup> Ora isso evidencia a corrente, cada vez mais rápida, que leva as populações a privilegiarem formas de convivencialidade segundo o conceito de Ivan Illich.

No entanto, por debaixo da fina capa das aparências, não é isto exactamente o que se encontra. Em Portugal, a esfera cultural revela notórias dificuldades no melhor acompanhamento das mudanças por que está a passar a esfera social e, portanto, as transformações político-administrativas, resultantes da dinâmica das forças sociais, não vão tendo o devido reflexo no plano cultural. As procuras das

---

<sup>1</sup> Com idêntica perspectiva, alguns sociólogos evocam o pormenor, tido como expressivo, do consumo de jornais franceses: as maiores tiragens nacionais pertencem aos diários que se publicam fora de Paris, dentro das regiões. Em Portugal, o «Jornal de Notícias» (Porto), que se proclama o diário com a maior tiragem nacional, pode ser um caso similar, pois a sua audiência e o seu noticiário se localizam principalmente na zona nortenha do país. Por outro lado, notem-se as forças político-económico-financeiras que se desenvolvem no seio da comunidade de estados europeus em integração: a regionalização corresponderá por certo, no interior de cada um desses estados, à emergência de um indispensável contraponto.

identidades, nacionais ou regionais, que andam tão em voga, ainda mais realçam tais dificuldades.

Se quisermos encontrar um elemento de inovação, só poderemos apontar o único que se faz conhecer, o caso açoriano, que surge, nesta perspectiva, como um «caso», e por isso ganha aspecto pioneiro. Para além dos Açores, região autónoma que proclama uma cultura de raiz a que não falta a expressão literária, parecem restar simples migalhas de cultura regional espalhadas de norte a sul do país, sem possibilidade de verdadeira sistematização.

Evidentemente, poderão aduzir-se, em sentido inverso, as obras artísticas que se deixaram impregnar por certas regiões portuguesas, digamos as obras literárias de um Aquilino beirão serrano, um Camilo minhoto, um Eça lisboeta, um Torga transmontano, e já agora, para deixar abrir um pouco este leque, um Teixeira Gomes algarvio, um Manuel da Fonseca alentejano, um Alves Redol ribatejano, um Nemésio açoriano, um Carlos de Oliveira gandarês... Mas não é disso, simplesmente, que se pretende falar aqui. Os estudos regionais debruçam-se sobre essas obras, alimentam-se delas e vão mais longe, organizando-se como um *corpus* teórico estruturado por um projecto autojustificável e com vida própria. Como veremos, os estudos regionais, em última análise, não são separáveis, ao que julgamos, da problemática geral do conhecimento e do que nele pode caber.

É verdade que apareceu recentemente um curso de pós-graduação, anunciado por uma Faculdade da Universidade Nova de Lisboa<sup>2</sup>, a concorrer no sentido indicado, mas não é a primeira andorinha que nos fará crer na Primavera. Veja-se a inoperância em que se têm mantido, por força das circunstâncias, as diligências bem intencionadas que pretendem ligar cada escola ao seu meio.

---

<sup>2</sup> Em Setembro de 1991, o Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa) anunciou um «mestrado em Literatura e Cultura Portuguesa - Época Contemporânea: Culturas Regionais Portuguesas». Um ano decorrido, soube-se do projecto que visa transformar aquele curso, introduzido com um certo carácter experimental, numa opção programada e permanente focada sobre Culturas Regionais Portuguesas. Por outro lado, 80 alunos concluíram um curso de Gestão das Artes (quatro anos) do Instituto Nacional de Administração, em Lisboa, para intervirem em projectos de desenvolvimento cultural regionais com apoio da SEC.

As culturas regionais permanecem ainda entre nós em estado embrionário, retidas à distância por um singular desinteresse que parece desvalorizá-las (até aos olhos de gente «de cultura»!) como se fossem expressões subalternas do que pode encontrar-se algures em formas mais lídimas e categorizadas. Mas a ideia é errônea e, talvez por isso, os estudos regionais continuam a ser levados muitas vezes numa relação consequente com a entidade «província» e com o folclore, mesmo com o provincianismo cultural, intuindo-se o regional contraposto à cidade (capital), ou seja, degradando-o como mero regionalismo.

Deste modo, não restará dúvida de que é preciso proceder quanto antes a uma reforma de mentalidade neste aspecto, corrigindo noções defeituosas que se conservam apenas pela lei da inércia. Persiste ainda demasiada confusão nas ideias correntes relacionadas com o lugar que devem ocupar de direito os estudos regionais e convem corrigi-las, como estorvos que são à melhor acção cultural. Aspira-se comumente a uma «universalidade», projecção ideal o mais vasta possível mas tão falaciosa que poucos parecem importar-se com o que realmente seja. Por tal caminho, está a perder-se a inteligência do que é a *universalidade*, o *universal* e o *universalismo*, palavras ressonantes com significações diferentes que no entanto acabam por se amalgamar lamentavelmente, passando a significar o mesmo arbitrário.

É preciso dizer com toda a clareza que esta noção da *universalidade* corrente não vale mais que a «universalidade» das ficções de Walt Disney. Não têm marcas de tempo nem de lugar para mais facilmente comunicarem com os heterogêneos públicos planetários. Os referentes são cuidadosamente expurgados dessas ficções não para se atingir uma pretensa dimensão universalista, em obediência a um postulado estético, mas sim por comezinhos e muito utilitários interesses de penetração nos mercados, de obtenção rápida e fácil de mais lucros. E quando gente de cultura se afoita na defesa desta «universalidade», como se fosse a derradeira paragem a caminho do paraíso, é o mesmo formulário in-estético que inadvertidamente está a defender.

Não é pelo caminho da rasura das marcas de tempo e lugar que mais se atinge a universalidade. Não é pela supressão do *hic et nunc* que uma obra chegará a ser de todos os tempos e todos

os lugares, antes se arrisca ao extravio. E se hoje há quem porfie no contrário, isso deve-se a um efeito perverso da ideologia do mercado infiltrada nos domínios da criação artística e da crítica de arte e que tende para o descaro de se consagrar como bom o que mais se vende e consome, prometendo gerar mais gordos benefícios. No entanto, não se equipara uma obra produzida acatando as receitas do sucesso garantido, portanto de fórmula decalcada, com uma outra obra realmente inovadora, que assume as contingências para as superar com rasgos de génio.

De facto, a ver bem, uma obra conseguida não dispensa o *hic et nunc* a fim de ganhar coerência interna, força expressiva e autenticidade (que é dignidade) artística. Não dilui na vaguidade de intenção «universalista» as suas marcas de origem em nome de uma ilusória eficácia, antes se ergue numa circunstância concreta para se projectar, a partir dessa base, em direcção ao céu mais alto que tudo recobre e pode espelhar. Enfim, não vive fora do tempo e do lugar.

Nenhuma cultura começa por ser universal ou se anima com ambições de vir a sê-lo, embora possa tornar-se universalizável à força de assimilações e contaminações cada vez mais extensas e profundas ao serviço de algum poder. Uma cultura «universal», seja ela qual for (popular ou erudita, rural ou urbana, científica ou técnica, humanística, estética...), apenas é concebível como abstracção. No universo da cultura estão presentes, necessariamente, todas as culturas nacionais, regionais e locais existentes, cada uma delas imbuída da sua própria especificidade, isto é, com os respectivos traços de originalidade inconfundível e vasada numa peculiar expressão linguística.

Estes breves afloramentos de um tema tão vasto servem aqui tão-só para vincar que toda a obra de cultura não dispensa facilmente, ao invés do que vulgarmente se crê, as dimensões temporal e espacial. Por outro lado, em contraponto, destinam-se a estabelecer o lugar que compete aos estudos regionais para, nesse enquadramento, afirmar a necessidade de articular estudos sistemáticos relativos à região da Bairrada. De olhos limpos veremos então que os estudos regionais em geral são complementares dos de âmbito nacional, pois o mosaico de uma nação se compõe de localidades e regiões individualizadas que é preciso contemplar e conhecer de

perto a fim de chegarmos à compreensão do todo nacional. Não poderemos conhecer a nação senão na medida em que conhecemos as regiões que a compõem, e não poderemos conhecer uma região senão na medida em que conhecemos a miríade de locais que a integram. Concretamente, conheceremos tão bem ou tão mal um todo na proporção em que tivermos conhecimento das suas partes constituintes. Se é possível sentir e compreender um pequeno local até à interiorização, por estesia, da espécie de vida que nele se comporta, poderemos ascender pelo estudo ao conhecimento de uma região inteira em resultado do entrecruzar de múltiplas abordagens disciplinares; mas será naturalmente com muito maiores dificuldades que chegaremos a elaborar uma síntese rigorosa da incógnita entidade nacional. Em conclusão, sobram os motivos para que sejam estimulados os estudos regionais. Um povo conhecerá outro povo através da imagem que tenha de si próprio, isto é, na medida em que se conheça. Do mesmo modo, sabe-se que um falante canhestro na sua língua materna não está capacitado para dominar correctamente um segundo idioma. Estabelecem-se as inter-relações.

No caso da Bairrada, a necessidade do seu estudo torna-se especialmente notória. A região está bem presente na literatura, conforme observou Joaquim Correia<sup>3</sup> (graças, em boa medida, a contributos de escritores chegados de fora, não apenas dos seus naturais), mas continua a ter escassíssima afirmação enquanto unidade cultural. As mudanças que se notam na verde terra do vinho maduro e do leitão assado na última meia dúzia de anos<sup>4</sup>, embora demonstrem a potencialidade da região, ainda não a

<sup>3</sup> No artigo de apreciação ao livro «Letras Bairradinas - Antologia», in Boletim ADERAV, Aveiro, nº 18, Nov. 1990, pp 24-27), Joaquim Correia conclui: «É um facto. A Bairrada está dentro da literatura.»

<sup>4</sup> Podem apontar-se, a propósito, como sinais de mudança, a organização, desde 1988, de prémios literários e de encontros anuais de escritores, jornalistas e colaboradores da Imprensa, a criação da Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada, a edição de livros e outras acções culturais de cunho regional (por sinal sempre devidas à iniciativa do autor deste livro). Por outro lado, a fundação da Confraria dos Enófilos da Bairrada em 1988 e o projectado Museu do Vinho assumem especial importância entre outras acções em curso.

despertam da pesada sonolência em que mergulhou há uns cinquenta anos.<sup>5</sup>

Na realidade, é mais fácil conseguir uma integração no âmbito local ou, no máximo, concelhio, dentro da esfera do interesses culturais mais imediatos de cada indivíduo, do que ascender à abrangência elaborada de uma abordagem de alcance regional, e tanto mais se escasseiam, acaso afluivamente, os instrumentos operatórios, os meios práticos e os incentivos. Nestas condições, a Bairrada continua a ser bastante conhecida de nome mas desconhecida pelo que é realmente.

Terá sido Acúrcio Correia da Silva (1889-1925), organizador do grupo «Plêiade Bairradina» em 1918, quem introduziu, julga-se que pela primeira vez, o conceito de «região» na cultura da Bairrada. Quis transformar o sentimento da terra em algo mais, numa bandeira de proclamação «regionalista» (sic), pois a época mais não permitia. Ergueu-se como seu defensor ardente ao publicar «Seroadas Fulvas», livro de 1915 com versos escritos enquanto frequentava o Seminário de Coimbra. Esses versos, compostos «contra a podridão moderna» quando o autor tinha 22 anos de idade e publicados após a sua estreia literária («Dor e Luz», 1912), rematavam com uma prosa do poeta «Post finem». Nos derradeiros parágrafos, o jovem poeta aludia a «este jardim magnífico da Bairrada»; ele queria guardar «de perturbações carniceiras, lá longe cachoantes, os poetas que por aqui cantam, à sombra dos parrais no estio, ou às lareiras no inverno, os feéricos encantos da nossa linda *região dos pântanos...*», e concluía assim:

«E o meu sonho, nesta hora, seria, alheio a teimas regateirais de escolas, pôr num poema estranho de ineditismo de estilo, caricioso e bizarro, toda a graça desta vida de trabalho, religiosidade e paz, em páginas de urdidura leve, rendilhando carícias finas em aladas rimas, para dizer todo o lirismo das vindimas, dos noivados

---

<sup>5</sup> Fazem-se lembrar, talvez com uma ponta de nostalgia, duas crónicas: «Bairrada sem literatura» e «Bairrada encantada», in «Jornal de Notícias» de 21-02-1987 e 18-07-1987, respectivamente, publicadas pelo autor depois da resolução de dar à estampa o seu «velho» livro inédito «A Última Aposto - Ficções na Bairrada» (col. Encontro, Livros Horizonte, Lisboa, 1987). Com isso, alguma coisa começou a mudar,

e mais das procissões, e sobre que pairasse, bafejando-as de misticismo, o espírito regionalista da nossa Terra tão linda...

«Meus dúcidos ideais de Religião e de Arte, quando vos realizarei!...»

Não chegou a realizá-los (a morte levou-o aos 35 anos), mas ficou o seu empenho de lançar o cabouco de uma literatura bairradina. Corresponhia a «realizar o seu sonho em poema de fôlego», como Manuel Rodrigues Lapa anotou e já noutro lugar ficou citado.<sup>6</sup> A brevidade da sua vida apenas lhe permitiu ensaiar um estilo renovado nas páginas da imprensa regional, onde colaborou abundantemente assinando textos (como Sálcio Bairrada ou com outro pseudónimo) em que o vocábulo bairradino reluzia, marchetado na sua prosa. Hoje devemos regressar naturalmente a este postulado fundamental do padre Acúrcio, com perspectivas mais amplas e actuais, pois se encara a viabilidade de uma cultura regional em que a expressão literária tem de estar presente. Aliás, Rodrigues Lapa é outra referência indispensável no mesmo contexto. Manteve-se muito atento à sua região natal durante os anos que viveu em Lisboa<sup>7</sup> e, como remédio contra a decadência cultural que se fazia sentir, chegou a sugerir em 1938 a criação de um Centro de Estudos Bairradinos para se dedicar ao património cultural da região, já naquele tempo visto numa situação preocupante.<sup>8</sup>

Um projecto de cultura regional levanta agora dificuldades diferentes porque é diferente a sua morfologia e complexidade. Requer a presente fase hermenêutica, mas carece também de se implantar no seu espaço geográfico concreto e de avançar para uma definição dos sinais caracterizadores que nesse espaço se contém.

---

<sup>6</sup> Na *Introdução* de «Letras Bairradinas - Antologia», ed. AJEB, Anadia, 1990, pp 22 e 26.

<sup>7</sup> Numa época notadamente diversa da actual, pois os bairradinos, quando estavam em Lisboa, punham os olhos na terra natal; e se respiravam os ares do berço, ainda menos se desligavam da Bairrada.

<sup>8</sup> O citado artigo de Manuel Rodrigues Lapa foi publicado no jornal «A Ideia Livre», de Anadia, em 30 de Julho de 1938, com o título de «As tradições regionais». É de notar a colaboração que Rodrigues Lapa deu aos jornais bairradinos. Merecia estudo aprofundado para um melhor conhecimento da vida e obra do erudito anadiense.

## EM BUSCA DA BAIRRADA NO MAPA

A Bairrada nunca chegou a ser entidade administrativa. Espalha-se por diversos concelhos situados entre o Buçaco e o Caramulo, a Gândara, Coimbra e Aveiro, apresentando limites não definidos ou mal conhecidos. A região bairradina tem portanto uma existência algo fantasmática. Embora possua um núcleo bem caracterizado, o seu contorno como que se dilui para além da zona nuclear, abrindo margens à polémica. Enfim, não se sabe ao certo onde começa e onde acaba a Bairrada e tal ignorância, curiosamente, não parece incómoda para quantos se lhe referem como território reconhecível e mesmo familiar.

Já aflorámos um pouco este problema num quadro diverso<sup>9</sup> (a fim de estabelecer o espaço abrangido pelo tema em foco, ou seja, destringer os escritores «bairradinos» antologíveis), mas, porque se trata de um ponto crucial em alguns sentidos fundamentais, e até fundadores, retomamo-lo aqui, não, obviamente, para o deixarmos resolvido por fim, pois nos falecem as aptidões para tanto, e sim para, num esforço de síntese, colocarmos em cima da mesa, porventura em confronto, as abordagens já conhecidas e enunciarmos o miolo da questão.

A primeira dificuldade levanta-a logo a designação genérica de «região» que estamos a atribuir à Bairrada. Na classificação usual dos tratadistas, é uma «sub-região», mas nós gostamos (ousamos gostar!) da designação mais caracterizadora por motivos não só filiados no sentimento. Uma região pode ser mais grande ou mais pequena, isto é, de acordo com a óptica adoptada, uma região pode caber dentro de outra de maior escala constituída por um grupo de países ou por uma certa porção homogénea de um único país, necessitando apenas, para legitimar a designação, de manter os seus traços unificadores, ou seja, de possuir uma coesão interna reconhecível. Nesta perspectiva, cremos que a Bairrada pode ser *região* — a cantada «região dos pâmpanos». Mas teremos, mais adiante, de reverter ao assunto.

<sup>9</sup> Na *Introdução* de «Letras Bairradinas» já citada.

Vencida esta dificuldade, entramos no plano da controvérsia. O problema que a seguir se levanta começa com o estudo do topónimo *Bairrada* pelos especialistas. Divergem filólogos e geógrafos depois do «velho» Pinho Leal, no conhecido verbete que consagrou à região, ter lavrado sentença: «Na minha opinião — Bairrada procede da palavra árabe *Barria*, que significa *campina* ou *coisa campestre*.» Uns deles inclinam-se para a ideia segundo a qual o topónimo proveio de *barro*, material abundante na região, a teoria mais vulgarizada nomeadamente por Jorge Gaspar<sup>10</sup>, mas contrariada um pouco por José Pedro Machado, Amorim Girão e Joaquim da Silveira.<sup>11</sup> Estes, por exemplo, preferem relacionar o topónimo com *bairro*, vocábulo «de origem duvidosa»<sup>12</sup> que tão amiúde se repete no nome das localidades bairradinas. Pedro Machado remete o leitor do seu «Dicionário Etimológico» que procure a entrada *Bairrada* para *barra*, termo que no latim vulgar «deve ter tido os sentidos de “travessa, divisória; parede, ramo”, os quais explicam os de: “separação, o que separa” e “o que está separado, exterior”; (...) “peça de qualquer matéria, especialmente metais, de forma comprida e estreita” (...) e até, sempre sugerido pela forma, “a entrada estreita de um porto”. A figura de “homem robusto” lembra a posição de *barra* colocada na posição vertical.»<sup>13</sup>

Joaquim da Silveira, por seu turno, tem o cuidado de registar

---

<sup>10</sup> In «As Feiras de Gado na Beira Litoral», Livros Horizonte, Lisboa, 2ª ed., 1986, p 18.

<sup>11</sup> José Pedro Machado, in «Dicionário Etimológico», Livros Horizonte, 3ª ed., 1977, entrada «Bairrada», afirma: «De *bairro* veio o top. Bairrada»; Amorim Girão, in «Guia de Portugal», vol. 3, «Bairrada»; Joaquim da Silveira in artigo publicado por José Rodrigues no seu livro «O Couto de Aguim», Anadia, 1959, p 147. Toda a nota deste livro, intitulada «Acerca dos limites da Bairrada e do respectivo topónimo» (pp 147-150) constitui um resumo muito bem informado, e por isso valioso, da questão. Joaquim da Silveira mostra-se, aí, terminante neste ponto: «*Bairro* nada tem que ver com barro», escreve.

<sup>12</sup> No Dicionário de Moraes, 10ª ed., Lisboa.

<sup>13</sup> Todo o artigo que José Pedro Machado dedica a «Bairrada» no seu «Dicionário Etimológico» tem grande interesse, mas a extensão do texto dissuade a transcrição na íntegra. Também importa ao assunto a leitura do livro «Coimbra e Região», por Nelson Correia Borges (col. Novos Guias de Portugal, Ed. Presença, Lisboa, 1987, pp 138-154, em especial «A Bairrada», p 147.

que a primeira referência à região que se conhece data do século XI, na forma de *Barrios* ou *illos Barrios* — «isto é, os Bairros», escreve — e do ano de 1708 na forma actual de *Bairrada*, tal como figura na «Corografia Portuguesa» do padre Carvalho da Costa. No fim do mesmo texto, o erudito bairradino reforça a teoria aludindo à existência, na parte norte do concelho de Santarém, de uma vasta região «que se estende até cinco léguas, ou mais, da cidade, isto é, até Vaqueiros», à qual «se dá ainda hoje indiferentemente o nome de *Bairro* ou *Bairrada*, como eu [ele] próprio ouvi muitas vezes, quando morei em Alcanena.»<sup>14</sup>

Mas há cinco lugares de freguesias no país com nome idêntico, segundo A. C. Amaral Frazão, que recenseia também formas derivadas: duas Bairradas (sic) e duas Bairradinha(s), acrescentando um Bairrinho, um Bairrão, onze Bairral(es) e muitos Bairro(s).<sup>15</sup> Por outro lado, há notícia de que na Póvoa do Paço, lugar próximo de Cacia, Aveiro, o topónimo serve como adjetivo: ali, no caso de uma colheita abundante, dizem, por exemplo, que um terreno deu «uma bairrada de batatas».<sup>16</sup>

No entanto, só nos casos da Bairrada e da região referida por Joaquim da Silveira, a norte do concelho de Santarém, o topónimo designa algo semelhante ao «conjunto de bairros» que os defensores da tese em apreço inculcam como sinónimo, mas por ora não é fácil perceber o que neste pormenor realmente se implica. Mais frequente é, pelo que se vê, encontrarmos o topónimo e seus derivados a nomear simples lugares rurais, aparentemente sem ligação com uma eventual presença de barro.<sup>17</sup>

Entretanto, parece útil admitir a hipótese de que a formação da Bairrada se relaciona, de algum modo ainda não averiguado, com

---

<sup>14</sup> Citado por José Rodrigues no seu livro, p 149.

<sup>15</sup> In «Novo Dicionário Corográfico de Portugal», Ed. Domingos Barreira, Porto, 1952.

<sup>16</sup> A informação deve-se pessoalmente ao dr. Joaquim Correia, docente da Faculdade de Letras de Coimbra, nascido naquele lugar da Póvoa do Paço.

<sup>17</sup> Viterbo cita *barro* também na acepção de «lugar pequeno, quinta, aldeia, casa de campo ou abegoaria».

as evoluções por que passou a Ria de Aveiro através dos tempos, convindo por isso que seja estudada nesse enquadramento mais vasto.<sup>18</sup> A Ria, lembre-se, começou a tomar forma a partir do século X no local onde antes existiu uma ampla baía, que se estendia de Espinho até ao cabo Mondego. Nesse tempo, os rios Cértima, Vouga e Antuã desaguavam directamente no mar, constituindo um verdadeiro estuário na zona onde o mar preenchia uma reentrância da costa. Coimbra, então, estava mais perto do mar.

De qualquer modo, esta região poderá ser um dia encontrada no mapa numa faixa litoral difusa que poderá chegar às portas de Coimbra, ou seja, reconhecida no seu próprio terreno, mediante uma acumulação conveniente de contributos disciplinares entrecruzados. Por ora, heurísticamente, podemos notar as variadas abordagens produzidas em sentido mais ou menos afim das duas teorias principais em confronto. O momento ainda é de confusão. Por algum motivo o geógrafo António Manuel Fevereiro Chambel iniciava um dos raros textos consagrados à «região dos pântanos» desde sempre nestes termos algo lamentosos: «Considerada, por muitos geógrafos, uma das Sub-Regiões que, com a Ribeira, a Ria e a Gândara, faz parte da Região da Beira Litoral, a Bairrada apresenta limites imprecisos e flutuantes, de acordo com critérios que têm sido adoptados para a sua definição.»<sup>19</sup>

De facto, quem percorre a escassa bibliografia disponível, ainda demasiado dispersa, sobre o tema, depara com importantes discrepâncias nos estudos de geólogos e geógrafos que, apesar disso,

---

<sup>18</sup> Sobre este assunto, vejam-se designadamente as obras seguintes: «As Origens da Ria de Aveiro», por Alberto Souto, Aveiro, 1923; «Bacia do Vouga - Estudo geográfico com a fotografia do Modelo da Região construído pelo Autor, 3 cartas geográficas, vários desenhos e fotografias», por Aristides de Amorim Girão, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1922; «A Vila de Cacia», Cacia, 1989 (artigo de Eduardo Cerqueira, em especial p 27); e «Breve história da Barra de Aveiro», por Francisco Ferreira Neves, artigo com fotos e bibliografia, rev. «Arquivo do Distrito de Aveiro», nº 3, 1935, e o artigo «Formação da Ria e povoamento da região de Aveiro», pelo pº João Gonçalves Gaspar, rev. «Aveiro e o seu Distrito», nº 36, 1986.

<sup>19</sup> Artigo «Bairrada: Aspectos físicos», por António Manuel Fevereiro Chambel, *in* Boletim ADERAV, Aveiro, nº 16, Maio, 1987. Apresenta uma carta geológica da Bairrada e um mapa intitulado «esboço físico (hidrografia e relevo)».

tendem para a repetição. De qualquer modo, nunca se gerou um esforço sério, verdadeiramente empenhado, para acabar de vez com a indefinição em que se têm mantido os limites reais da região da Bairrada, esforço que requer preliminarmente uma problematização e a resolução o mais consensual possível das dificuldades que o caso levanta.

O único traço do contorno bairradino que parece ganhar uma certa consistência localiza-se entre a Gândara, região arenosa, e a chamada «terra verde». Nota-o quem observa os mapas das ditas sub-regiões descritas na faixa litoral do Baixo Mondego, para norte, até Ovar, enquadrando a Bairrada, a Ribeira, a Gafanha, a Ria e, naturalmente, a própria Gândara, de acordo com geógrafos como Paul Choffat, Amorim Girão e Jorge Gaspar<sup>20</sup>. O contorno restante perde-se na vaguidade, apesar de alguns autores da Bairrada persistirem em fixar limites que parecem envolver apenas o núcleo central da região. É o caso de José Rodrigues, por exemplo, que escreve: «Um curioso manuscrito do século XVIII que encontramos há tempo num cartório particular e dá informes valiosos sobre a sociedade desta região nesses tempos já distantes, marca desta forma as fronteiras da Bairrada:

«"lato modo, percorrendo de Vilarinho do Bairro, território da Rial Casa de Bragança, a Oliveira do Bairro e daqui a Avelans de Caminho, e desta à de Cima e daí à Mouta; e desta freguesia até Vila Nova de Monsarros em direitura à Vacariça, cortando linha recta a Casal Comba e Murtede, estrada de Aveiro acima até à Pedreira, lugar da freguesia de Vilarinho"».<sup>21</sup>

Todavia, José Rodrigues, na mesma obra, um pouco adiante apoia-se em Amorim Girão para assinalar os limites da Bairrada nestes termos: «a sul, a linha de altitudes de que fazem parte as colinas de Murtede e Cantanhede; ao norte, as proximidades da Pateira de Fermentelos, abrangendo assim, parte do concelho de

---

<sup>20</sup> Esses mapas encontram-se nomeadamente nas obras: Jorge Gaspar, «As Feiras de Gado»..., pp 20 e 29; Fernanda Delgado Cravidão, «A População e o Povoamento da Gândara (Génese e Evolução)», tese de doutoramento, Coimbra, 1988, pp 28-29, etc.

<sup>21</sup> José Rodrigues, obra cit., p 147.

Águeda, a quase totalidade dos concelhos de Oliveira do Bairro, Anadia e Mealhada e ainda uma pequena área do concelho de Cantanhede (freguesias do Bolho, Sepins, Murtede e Ourentã).»<sup>22</sup>

Opinião diversa emite Viriato de Sá Fragoso, que afirma sem reboço: «O concelho de Cantanhede está compreendido na região da Bairrada, de que fazem parte, além dele, os concelhos de Anadia, Mealhada e Oliveira do Bairro (todos três pertencentes ao distrito de Aveiro)». <sup>23</sup> Duas enciclopédias em uso confirmam-no e ampliam mesmo a área reconhecida.

Um guia de Nelson Correia Borges, «Coimbra e Região», onde «apenas se incluem as povoações bairradinas dos concelhos de Coimbra e Cantanhede e do concelho da Mealhada», considera-as, «conjuntamente como de Anadia, os mais característicos». O autor observa na mesma página: «Os limites desta região plana que se estende a oeste da Serra do Buçaco e da sua ligação com o Caramulo não são fáceis de definir com precisão, tanto mais que o estabelecimento da região vinícola demarcada veio lançar alguma confusão, nela incluindo terras que são caracteristicamente da Gândara, do Campo de Coimbra, ou da Ribeira (Vouga).»<sup>24</sup>

Pinho Leal descreve a Bairrada como «terreno nas cercanias do rio Sértema, comarca e conc. de Anadia, famoso pelo seu vinho. Fica entre os rios Mondego, Águeda e Vouga, e nas duas margens do Sértema.»<sup>25</sup> Um dicionário de geografia publicado em 1878 descreve a Bairrada nestes termos: «País vinhateiro constituído por uma parte de território dos distritos de Aveiro e Coimbra (Portugal). É uma das regiões mais importantes pela produção vinícola. Pode considerar-se limitada a Sul pelas povoações de Souzelas, Adões e Granja, e a Norte por Oliveira do Bairro, abrangendo todo o concelho da Mealhada e parte dos de Anadia e Cantanhede.»<sup>26</sup>

<sup>22</sup> Idem, p 148.

<sup>23</sup> Viriato de Sá Fragoso, «Cantanhede - Subsídios para a sua História», Coimbra, 1960, p 6.

<sup>24</sup> Obra citada, p 148.

<sup>25</sup> In «Portugal Antigo e Moderno», 1º vol., p 307.

<sup>26</sup> «Dicionário de Geografia Universal», por Tito Augusto de Carvalho (dir.), Lisboa, 1º vol., 1878. Insere um longo artigo sobre a Bairrada, com indicações curiosas sobre as qualidades da produção vinícola de cada lugar, exportações, etc.

Por seu turno, Deniz de Ramos apresenta uma descrição algo incoincidente: «A *Bairrada* engloba, na subdivisão de Amorim Girão e Choffat, os concelhos de Anadia, Oliveira do Bairro e parte do de Cantanhede e recorta-se em formas atenuadas de relevo, à sombra da serra do Buçaco que, de cimos aplanados e vertentes abruptas, se lança no maciço ibérico antigo. Os seus solos são constituídos por arenitos e conglomerados do triássico e calcários do jurássico, irrompendo, aqui e além, arcias do pliocénico. A sub-região corresponde praticamente à bacia do rio Cértima que, descendo no Buçaco, toma, junto à Pampilhosa, a direcção do norte até correr na Pateira de Fermentelos, antes de afluír ao Águeda. As suas águas banham as margens calcárias da Pampilhosa e, a partir de Santa Luzia, os barros do coração da *Bairrada*. O rio Levira, um dos seus afluentes, acompanha-lhe o curso ascendente até a ele se juntar nas proximidades da Pateira de Fermentelos. Outros rios e ribeiros, de reduzido volume, compõem a rede hidrográfica bairradina.»<sup>27</sup>

Torna-se perceptível a persistência de algumas linhas delimitadoras nestas diferentes abordagens, entre discrepâncias por vezes notórias. No entanto, vêm-se excluídos concelhos de Águeda e outros vizinhos, onde há por certo freguesias que um critério fiável, seja ele qual for, tem de tomar em princípio como bairradinas. No fundo, as abordagens já citadas tendem a reproduzir o bem conhecido estudo de António Augusto de Aguiar publicado há mais de cem anos sobre o «Paiz vinhateiro da *Bairrada*».<sup>28</sup> Contempla o miolo indiscutível da região e negligencia as adjacências. Mas, se o critério a adoptar hoje como o melhor quiser privilegiar acima de tudo o carácter vinícola da «terra verde», objective-se então a área dos 18 mil hectares correspondente à Região Demarcada criada em 1979, que abrange também

---

<sup>27</sup> Deniz de Ramos, «Subsídios para a História da Vinha na *Bairrada* (Séculos X ao XII)», ed. AJEB, Anadia, 1991, cap. «Meio físico: a *Bairrada*», p. 16.

<sup>28</sup> António Augusto de Aguiar, «Memória sobre os processos empregados nos principais centros vinhateiros do Continente do Reino: *Bairrada*», Imprensa Nacional, Lisboa, 1887. Contém um mapa muito divulgado, *in*, por exemplo, Deniz de Ramos, obra cit., no fim.

localidades dos concelhos de Coimbra, Cantanhede, Vagos, Aveiro e Águeda, para além dos de Oliveira do Bairro, Anadia e Mealhada na totalidade.<sup>29</sup>

Poderá entender-se que as dimensões da região ficam por tal modo excessivamente dilatadas e desconformes com a realidade. Ignora-se, porém, que realidade seja essa. Quem passa pelas proximidades de Antuã, no concelho de Albergaria-a-Velha, e depara com as suaves ondulações das suas colinas, onde vicejam extensos vinhedos de aspecto familiar e campos agrícolas orlados de pinhais, sob um céu alto e despejado, talvez se sinta «em casa», na Bairrada. Eis um mero exemplo, entre outros possíveis — e possíveis, no fim de contas, porque se ignora onde começa e onde acaba a região, porque se ignora o que de verdade nela se contém.

Note-se o que o geógrafo Orlando Ribeiro escreve sobre o assunto: «uma região não é, na maior parte dos casos, apenas um produto natural, mas o resultado de uma combinação num quadro físico, de obras e acções humanas.» E, para sustentar que «a Geografia regional não é uma ciência do geral, mas de certo ambiente», sublinha: «Cada região é um ser único, a resultante de combinações complexas que não se repetem integralmente noutra lugar».<sup>30</sup>

A questão maior, a resolver com urgência, consiste portanto na escolha e aplicação de um critério uniforme tanto mais válido e defensável quanto mais atender às características essenciais que distinguem a Bairrada. Mas o esforço para a sua elaboração terá que ser considerável. Não há modelos prontos para usar. É demasiado nova a matéria. Enfim, o modelo a aplicar terá que ser criado pelo esforço conjunto de uma equipa interdisciplinar devidamente encorajada para a inovação.

---

<sup>29</sup> Sobre a Região Demarcada, ver designadamente o mapa respectivo *in* Deniz de Ramos, obra cit., no fim. Também *in* António Capão, «Relance Histórico-Linguístico sobre a Região da Bairrada - Influências Árábicas», ed. AJEB, Anadia, 1992, p. 35.

<sup>30</sup> Orlando Ribeiro, «Introdução ao Estudo da Geografia Regional», Ed. João Sá da Costa, Lisboa, 1987, pp. 37, 7 e segs., respectivamente.

## ESBOÇO DE CARACTERIZAÇÃO

Que aspectos da realidade de uma região concentram os sinais que aos nossos olhos a tornam reconhecível entre as demais? Que espécie de exalações misteriosas constituem aquele «espírito do lugar» resultante da complexa relação que o homem estabelece com a terra?

Sabemos que a Bairrada se caracteriza por ser região agrícola tradicional, com uma estrutura de propriedade em que avulta o minifúndio e com um tipo de povoamento que os estudos de geografia humana descrevem como «disperso ordenado». Nas principais produções agrícolas da região incluem-se o vinho e o milho. É de supor que a chamada «revolução do milho», quando eclodiu, e a cultura da batata, intensificada já nos nossos dias, alteraram profundamente as paisagens bairradinas e o tipo da economia familiar,<sup>31</sup> mantendo-se apenas, com certas oscilações, ao longo dos séculos, a produção vinícola.<sup>32</sup> Extinguiram-se e desapareceram totalmente culturas como a do linho (de que se apagou até a memória!), fibra têxtil que serviu em boa medida para vestir gerações,<sup>33</sup> ou de alguns cereais, como a cevada, aveia e mesmo o trigo, levados por uma «revolução silenciosa» que alterou

---

<sup>31</sup> Até ao início da Segunda Grande Guerra (1939-1945), cada exploração agrícola bairradina, de base familiar, produzia fundamentalmente para o auto-consumo. O lavrador comprava e pagava o estritamente indispensável. Por exemplo, sempre que possível (isto é, quando a abastança era suficiente), mofa em casa o milho para o fabrico do pão doméstico, a broa. Eram numerosas as atafonas. Depois passou gradualmente a produzir e a depender do mercado.

<sup>32</sup> No século XVIII, uma lembrada ordem do marquês de Pombal fazia arrancar a maior parte das vinhas da região. Foi pior que a filoxera... Em 1890, Tavares da Silva introduziu o fabrico de espumantes; veja Deniz de Ramos, «Tavares da Silva e os espumantes na Bairrada», ed. Confraria dos Enófilos da Bairrada, Anadia, 1990.

<sup>33</sup> É de notar que o já citado «Dicionário de Geografia Universal» (Lisboa, 1878) indica que Águeda possuía então três engenhos de amassar linho.

hábitos, técnicas de produção e mentalidades no ápice dos últimos cinquenta anos.<sup>34</sup>

Também se sabe que a Bairrada é região de *bairros e barros* — dois vocábulos com significados diferentes que alguns filólogos admitem terem tido origem única, de *bairros* — que se espalham por terrenos férteis de elevada produtividade. A geologia regional está suficientemente divulgada e relacionada um pouco com o respectivo microclima, ao passo que não abundam nem os registos nem os estudiosos dos elementos etnográficos regionais. António Capão reconhece e lamenta isso mesmo<sup>35</sup> e o prof. Bento Lopes, em livro em que anota diversos costumes e tradições da região, acaba por se maravilhar: «É notável a riqueza etnográfica desta generosa Bairrada!»<sup>36</sup>

Abundam as indicações de que terá sido a produção vinícola que começou a caracterizar a região de algum modo, isto é, a distingui-la. Ainda hoje tal produção é capaz de representar a sua principal riqueza. Parece remontar, de modo significativo, ao período da ocupação romana. No séculos X a XII, e posteriores, as fontes históricas indicam que a produção continuou a ser importante. Tal importância reflecte-se no relatório de António Augusto de Aguiar, de 1867, que por vezes é encarado como a primeira «declaração» de Região Demarcada no país. Mas embora não se pretenda regatear o lugar de relevo que o vinho ocupa na economia e na sociedade bairradinas desde sempre, terá que ser cautelosa e reticente qualquer diligência para reduzir o valor da agricultura regional a uma única produção e, no fim de contas, a tomar a agrologia como factor primordial de (re)conhecimento da Bairrada.

Com certeza, outros factores devem ser levados em conta

---

<sup>34</sup> Ver sobre o tema a série de artigos «Uma revolução silenciosa nos campos», pelo autor, «Jornal de Notícias», de 25-02-1982 a 03-03-1982, e também o posfácio de «A Última Aposta - Ficções na Bairrada».

<sup>35</sup> In «Encontros de Escritores e Jornalistas da Bairrada - Comunicações»: «Bairrada e Etnografia», ed. AJEB, 1991, pp 68-71.

<sup>36</sup> In «Bairrada - Alguns Aspectos e Costumes», Anadia, 2ª ed. aumentada, 1983, p 27.

por um tentame razoável de caracterização, de modo a captar a personalidade essencial e a vida da Bairrada. Pense-se, por exemplo, na arquitectura tradicional das casas rurais da região tal como as conhecemos ontem e hoje. A gastronomia, os jogos tradicionais, a literatura oral e o vocabulário regional, entre outros elementos ligados aos costumes populares, também interessam não pouco ao esboço de caracterização. Lembre-se ainda a valia que podem conter documentos diversos, de carácter histórico, por exemplo os resultantes de visitas pastorais ou de viagens feitas através da região, digamos desde a do romântico aventureiro príncipe Félix Lichnowsky, de 1842, até à de José Saramago, realizada em data muito recente. Tão-pouco poderão negligenciar-se tradições ancestrais do povo bairradino, como a da emigração, pois poderá constituir um traço importante da sua personalidade.

A facilidade com que o bairradino salta do berço para o exterior (seja dentro ou para fora da pátria) e aí não tarda a enraizar-se, fazendo sua a terra estranha, é equivalente à facilidade com que, na Bairrada, recebe e acolhe gente forasteira, que pára de passagem e faz amizade ou que aparece para ficar — e fica mesmo. Possivelmente, esta notória abertura do bairradino ao «outro», dentro e fora da sua própria casa, terá alguma relação com o seu meio natural.

A região situa-se numa planície com orografia muito suave, a uma baixa altitude média, próxima dos 60 ou 90 metros, o que lhe confere condições de especial luminosidade. A vista expande-se facilmente na Bairrada, na coroa de cada colina, sem topar barreiras intransponíveis excepto a dos montes do Buçaco e do Caramulo, na periferia, e, para ocidente, o mar brilhante como espelho a acenar convites para que o devassemos.

A suavidade do relevo orográfico bairradino já foi relacionado com a extraordinária difusão que a bicicleta teve na região como meio de transporte de pessoas e bens. Aliás, o ciclismo como indústria e modalidade desportiva desenvolveu-se em Portugal, pelo que julgamos, na Bairrada ou vizinhanças, ou seja, no interior ou perto da primeira concentração de usuários que surgiu. Nos anos do pós-guerra, a bicicleta a pedal multiplicou-se ali de forma invulgar, até que a vulgarização dos motores veio banir os pedais quase por completo. Mas a bicicleta persistiu, sob o disfarce de

«motorizada». Como um bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal, parafraseado, diria, «se abrissemos o peito a um homem destas bandas, estou em crer que talvez encontrassem lá dentro uma bicicleta...»<sup>37</sup>

A sua mobilidade física corresponde um pouco à mobilidade social. O bairradino acredita profundamente nos frutos do trabalho valente e porfiado, acredita no futuro. Viaja, comunica, aprende com desenvoltura. Avesso a grandes gestos de violência, é de natureza alegre e expansiva. Tende a manifestar uma generosidade franca que parece igualar em generosidade o terreno fértil que o alimenta. Castilho, poeta invisual, não tardou a notar a suavidade de trato e de costumes deste povo, que logo enalteceu em páginas soberbas de ficção e poesia. José Saramago distinguiu na Bairrada a paisagem aprazível e sem sobressaltos.<sup>38</sup> Jaime Cortesão não fez menos na sua Bairrada. Evoca «dois dias de Júlio Dinis: saboreando os encantos da vida quotidiana, familiar e simples, sem ênfase nem dramas.» Acentua: «Estamos na Bairrada, mas a terra e o homem continuam-se. Bate-se à porta e entra-se por ali dentro como na casa dum parente chegado. A mesma abundância de coração e a mesma tradição hospitaleira. (...) Ah! Com esta gente boa e tão tipicamente portuguesa, tão afável e acolhedora, tão semelhante à paisagem, como um filho aos pais; com este barro humano, bem se podiam moldar novos tipos dum romance de Júlio Dinis.»<sup>39</sup>

Estamos realmente mergulhados no ambiente da «Filha de Labão», o tão comovedor romance-écloga de Tomás da Fonseca!

<sup>37</sup> Sobre o assunto, ver designadamente o livro «Encontros», ed. AJEB, Anadia, 1991: Idalécio Cação, pp 99-101; e J. A. Branquinho de Carvalho, pp 88-89. Todavia, vale a pena anotar que já em 19 de Outubro de 1902 o jornal «O Povo de Aveiro» comentava a difusão do uso da bicicleta naquela cidade, lamentando os desastres que causava. O pormenor indica que a bicicleta está presente há mais tempo na região. Por outro lado, já se disputavam corridas de bicicleta na Bairrada em 1913: o «Jornal de Anadia» de 06-09-1913 anunciava para o dia 14 seguinte duas ou três provas com prémios. O programa abrangia aquela vila, Luso, Venda Nova, Mealhada, Malaposta, Famalicão, Arcos e centro da vila (Praça da República). Entre os corredores surgia «o distinto cyclistista Julio Bernardo Ferreira, de Coimbra.»

<sup>38</sup> «Viagem a Portugal», Círculo de Leitores, Lisboa, 1991, p 86.

<sup>39</sup> In «Portugal - A Terra e o Homem», Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1987 (reed.), pp 159-162.

## CONCLUSÃO

Impõe-se com urgência a tarefa de pôr no mapa uma linha delimitativa do território da Bairrada, separando, na faixa de transição, o que deve ser excluído do que tem de ser preservado, nem que seja em termos não rigorosos, controvertíveis. Enquanto tal esforço não for realizado (desejavelmente por grupo de geólogos, geógrafos, etnólogos, historiógrafos e outros estudiosos), a caracterização do que é a Bairrada, ou seja, a identificação dos seus sinais próprios, não chegará a tornar-se viável e o estudo global da região continuará a marcar passo, tolhido por esta lacuna fundamental. Possivelmente, a criação do Centro de Estudos Bairradinos proposto em 1938 por Manuel Rodrigues Lapa seria uma boa forma de congregar energias e vontades para se sair da situação.

A região existe na simples forma de fragmentos isolados, aparentemente sem conexões entre si, pelo que carece de objectivação enquanto todo coerente. É preciso arranjar maneira de ensinar a ver a evidência: cada parte (a freguesia, o concelho) aparece inserida no todo em que se integra (a região) e de ensinar a ver o todo presente em cada parte. É preciso, enfim, que o *todo* do país deixe de ser entendido como a usual abstracção e passe a ser sentido, mais corporizadamente, como o mosaico constituído por partes, as suas regiões naturais cada vez mais nossas conhecidas. Em suma, é preciso amar, saber amar a Bairrada. Amá-la em nome da cultura!

Da cultura que não temos e que, a cumprir-se, nos fará mais plenos e autênticos.



## CONCLUSÃO

Impõe-se, portanto, a necessidade de se pôr em prática um conjunto de medidas de caráter estrutural, visando à transformação da atual situação de estagnação em que se encontra o país, para uma situação de desenvolvimento econômico e social. Para isso, é necessário que se estabeleça um quadro de prioridades, visando à realização de um conjunto de obras e serviços, que tenham um impacto imediato e significativo na melhoria da situação econômica e social do país. É necessário, também, que se estabeleça um quadro de prioridades, visando à realização de um conjunto de obras e serviços, que tenham um impacto imediato e significativo na melhoria da situação econômica e social do país.

**bibRIA**

Da cultura que não nasce e que, a começar-se, nos fará mais pobres e autênticos.

O movimento cultural que tem vindo a crescer na Bairrada faz mudar alguma coisa: a região acorda passadas décadas de adormecimento. Continua, porém, ainda desprovida dos contributos culturais mais básicos, quer dizer, dos mais imprescindíveis. Lamentavelmente, continua a ser mais designada pelo nome que conhecida e reconhecida pelos seus traços peculiares, pelos seus reais conteúdos. Deste modo, a região vai-se mantendo como exterioridade enigmática até para os seus naturais, neste sentido de algum modo estrangeiros na própria terra.

É numa situação deste molde, afinal pouco sofrível, que nos compelimos a esboçar algumas considerações preliminares sobre a casa rural da Bairrada, pois não se descortina quem, com mais zelo e competência, se disponha a curar do assunto. Ninguém ainda quis debruçar-se sobre tal matéria, apesar da relevância que assume. Pelo menos não se conhece nenhum estudo focado sobre a arquitectura da casa popular da região.<sup>40</sup> Daí o ousio desta foicinha metida em tal seara.

O estudo do tipo da casa tradicional bairradina tem um interesse que excede o da simples erudição. Pode tornar-se determinante em qualquer aspecto imprescindível à definição da

---

<sup>40</sup> O livro «Arquitectura Tradicional Portuguesa», dos etnólogos Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano (col. Portugal de Perto, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992) contém algumas alusões indirectas à casa rural da Bairrada (ver pp 178-205). Os autores, com lugar eminente nos estudos portugueses sobre arquitectura popular, dão muita atenção à casa gandraesa, notando variantes detectadas em Mira, Tocha e Cantanhede, que documentam com diversas imagens, mas só aludem à bairradina na medida em que esta aparece contraposta à vizinha. O pormenor evidencia-se porque os autores admitem que o povoamento da Gândara resulta fundamentalmente da instalação, nas areias gandraesas, «dos excedentes populacionais dos concelhos vizinhos» (p 185), portanto também da Bairrada. Este assunto já foi aprofundado pela prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Fernando Delgado Cravidão. Nelson Correia Borges, no livro «Coimbra e Região» (Ed. Presença, Lisboa, 1987, p 147), escreve: «Na casa típica da Bairrada o primeiro piso é construído de pedra e o segundo de adobe. O rés-do-chão destina-se à habitação do proprietário, enquanto o sobrado (primeiro andar) é utilizado como celeiro. Um pátio interior separa (e une) a casa dos currais.» Por outro lado, Amaro Neves publica no Boletim da ADERAV (Aveiro, n<sup>o</sup> 18, Novembro, 1990, pp 41-56) um texto em que homenageia o arq<sup>o</sup> Cipriano Maia, bairradino pelo nascimento, e a sua obra, mas refere-se tão-só a vivendas apalaçadas construídas nomeadamente na Bairrada na primeira metade deste século, não às moradias bairradinas tradicionais.

identidade regional, atendendo ao modo expressivo como se plasmam no *habitat* os valores culturais estruturantes da vida de um povo.

A agricultura foi, e ainda é, a actividade principal dos bairradinos, pelo que a arquitectura predominante se deixou por ela condicionar, mas não se ignora até que ponto os processos da produção agrícola têm evoluído, com velocidade crescente, no nosso tempo. Testemunhando um passado relativamente próximo, ainda há meia centena de anos era possível encontrar na Bairrada, aqui ou acolá, algumas choupanas, casas pobres com tectos de colmo. E não pede muito rasgo de fantasia o imaginar em *flash-back* a região, no século XIX, pejada de florestas sombrias, gândaras ermas e povoações esparsas com raros casais dispersos pelos agros, à beira dos caminhos pouco transitados e transitáveis, ou das linhas de água.

Não parece arriscado supor que as casas populares da região conheceram mudanças muito reduzidas até ao dealbar do século XX. Os antigos servos da gleba, alforriados, continuaram ligados à terra que lhes exigia a mão e o calo, a espinha dobrada e o suor da frente. As necessidades progressivas de força de trabalho e de mão-de-obra foram-se compatibilizando com o crescimento demográfico e o arroteamento das novas terras subtraídas à floresta. É de crer que os primeiros ventos de mudança começaram a soprar após as revoluções liberais, sobretudo na segunda metade de oitocentos. Rasgaram-se estradas e apareceu o caminho de ferro na região, que facilitaram as comunicações e as correntes da emigração.

Evidentemente, a traça da casa rural bairradina requer algumas matizações. A choupana do jornaleiro nunca se confundiu com a casa do agricultor abastado, proprietário de vinhedos, terras de pão, pinhais e matos, pousios e, por vezes, também «praias» de junco, bom para estrume. O vário nível da prosperidade e do *status* de cada agricultor encontrou sempre formas de se patentear nas respectivas habitações, por mais espartanas que fossem. Apesar disso, julgamos que é possível obter uma ideia razoável da casa rural da região fixando as linhas mais constantes que nela se podem encontrar.

De qualquer modo, as circunstâncias não nos permitiriam esboçar uma imagem estática do tipo dessa casa com validade extensa. A curteza dos elementos documentais disponíveis obrigam

a circunscrever o alcance destas notas preliminares aos testemunhos coligidos por nosso conhecimento directo, portanto exclusivamente referidos à época contemporânea. Estas notas terão, portanto, o alcance vulgar de uma memória pessoal exarada para que conste.

De facto, ignora-se o teor das mudanças que a casa popular bairradina terá sofrido através dos tempos. Não se conhecem registos. Pode supor-se que se distinguiu escassamente da arquitectura das casas rurais de outras zonas do país e, também, que terá evoluído muito lentamente até à nossa época. Mas é de crer que o processo das mudanças se iniciou na segunda metade do século passado e se acelerou nos anos da primeira República e, em especial, após a Segunda Grande Guerra, com a expansão das comunicações, da circulação do dinheiro e do comércio a acompanhar o aumento demográfico e a renovação das técnicas agrícolas.

Em suma, a casa rural da Bairrada que poderemos evocar (utilizando uma terminologia que para nós é a vulgar mas que pode conhecer alguma variante de lugar para lugar, dentro da região) remonta ao fim do século passado no máximo, mas ainda é bastante actual, embora se encontre sujeita às poderosas forças de transformação que adiante indicaremos.

No início do período a que nos reportamos, a casa bairradina típica pretendia manter-se o mais possível como entidade auto-suficiente no seu espaço. Produzia e consumia ainda em estreito circuito fechado, circunstância que se reflectia nas respectivas dimensões agrárias e estruturas arquitectónicas. Limitava-se a vender os excedentes — do vinho, de milho e de batata, talvez um ou dois porcos e algum cântaro de azeite, mais qualquer «miudeza» de feijões, ovos, peles de coelho — e a comprar o que não conseguia produzir e lhe era indispensável: panos, por exemplo. Variadas produções destinavam-se exclusivamente ao auto-consumo.

A casa bairradina pretendia ser tão auto-suficiente que podia subsistir longamente sem depender do exterior. Disponha com frequência de atafona ou outro moíno próprio para transformar o grão em farinha. Acontecia então que o cereal (milho, usualmente) era produzido, moído, amassado, cozido e consumido dentro da mesma casa. Só mais tarde, com a propagação da força motriz, passou a recorrer à moagem mecânica, alinhando na clientela desviada do moleiro, dono de azenha, para a fábrica da moagem.

E não tardou a prescindir do forno doméstico que servia para cozer o pão e o leitão dos dias de festa, a favor do pão de trigo comprado ao padeiro, e a usar fogão a gás em vez de lenha na lareira. As panelas e os panelões de ferro fundido, as trempes e as tripeças desapareceram com o antigo borralho, onde os poiais se fixavam às paredes laterais.

Se acrescentarmos os espaços cobertos necessários para adega, currais de gado e alpendres onde se guardavam palhas, lenhas e alfaias, para além da cozinha espaçosa, sala e quartos, começaremos a ter uma ideia da amplidão da casa rural bairradina típica. Porém, não pode conceber-se tal casa sem um razoavelmente amplo aido, terreno anexo de cultivo onde cabiam eira, cabanal, horta, pomar e logradouro.

A casa popular da Bairrada é normalmente térrea e com telhado de duas águas. Porém, em numerosos casos, tem frontaria alta com janelo de celeiro sobradado aberto para a frente, que ilumina um quarto de dormir ou de arrumos inserido no vão do telhado. Apresenta, a um lado da fachada, a parte «nobre»: uma porta, amiúde com dois batentes, abre para a sala. Pode ter vidraças protegidas por grades de ferro forjado. Uma ou duas janelas, da mesma sala ou de algum quarto ou saleta contíguo, iluminam o interior. Porém, tal porta abre-se poucas vezes e sempre com memorável solenidade: quando há casamento ou funeral, ou no domingo de Páscoa.

Praticável, quase sempre aberta para servir todas as necessidades quotidianas, é o grande portão, que comunica com o pátio onde estaciona o carro de bois ao lado das bicicletas encostadas à parede e se espalham alfaias, variados apetrechos de lavoura. O visitante, ao chegar, anuncia-se accionando a aldraba ou elevando a voz à entrada.

O pátio pode ser, na designação usual, o espaço interior coberto para o qual abre o grande portão da rua (e não, já, o espaço traseiro, fechado e a céu aberto, onde passou a localizar-se a estrumeira doméstica). Comunica, por um lado, com a porta da cozinha e os quartos e, pelo outro, com o portão da adega, onde convem que o carro de bois possa entrar, na época das vindimas, com a dorna cheia para abastecer os lagares (normalmente dois,

com a prensa no meio). Os tonéis, alinhados em cima de potentes vigas, com bojos de variada bitola, fazem lembrar os tubos de órgão em catedral gigantesca quando o lavrador faz gala de uma boa produção. Se o carro não tem acesso à adega pelo interior do pátio, a frontaria da casa possui com certeza uma abertura (janela) pela qual as uvas da dorna são introduzidas no lagar através de uma prancha, à força de forquilha.

Ali, na adega, escura e arejada por frestas na empena, se recebem os amigos e, apalavrando negócios, se provam as pingas. Os copos repousam em cima dos postigos dos tonéis, junto com algum prato constelado de rodela de chouriço para «fazer boca». É lugar de convívio, parlatório, confiança derramada em ombro amigo.

Atravessado o pátio interior, entra-se na cozinha, divisão ampla, com mesa comprida, guarda-loiças e uma lareira enorme onde arde a fogueira e se apinham panelas e panelões recobertos de carvão enegrecido. Um pouco acima, ao centro, abre-se a boca do forno e, na garganta da chaminé, suspensos de paus atravessados, devem oscilar filas de chouriços agitados pelo turbilhão das labaredas. Na prateleira, sobre a verga da chaminé, alinham-se pratos, bacias de barro vidrado e tachos. Contígua, pode encontrar-se outra cozinha, talvez chamada casa do forno quando este não abre a boca para a cozinha principal.

Perto da cozinha, em lugar fresco e sombrio, estará a salgadeira onde se conserva a carne da última matança de porco, feita à entrada do Inverno. Um corredor leva aos quartos e à sala.

Algures no pátio coberto — centro radial da casa, onde são colocadas as mesas dos banquetes porque a sala fica pequena para conter a multidão dos convidados — encosta-se à parede uma escada que liga com o sobrado e o sótão. Ali se guardam batatas e há tulhas de milho, arrecadações. O pátio é fechado nas traseiras por um outro portão. Vê-se fora, a céu aberto, a pia onde o gado bebe. O alpendre abriga os currais e vacas, porcos, coelhos e galinhas, talvez uma retrete, montes de palha e mato, lenha e feixes de vides secas, alguma atafona imóvel. A capoeira tem uma pequena abertura rente ao chão por onde as galinhas saem para o aido e se recolhem à noite.

Perto, encontra-se a eira, talvez com a «casa da eira» num

topo. É uma pequena arrecadação de cereais e alfaias (debulhadora, ventilador, esteiras de bunho, manguais) sombreada por alguma árvore de fruto (figueira, ameixeira, laranjeira, nespereira, pereira). Não longe encontra-se o poço ainda com engenho e alcatruzes a enferrujar-se, bomba manual de tirar a água, pia para lavagem de roupas, e logo a extensão aberta do aido com medas de palha, montes de estrume e, numa estrema, algum tufo de canavial.

A casa popular bairradina era construída com adobes antes de surgir a presente proliferação do tijolo de barro vermelho. O termo tem origem indicada no árabe *attob*. Imensos muros e paredes permaneciam sem reboco nem ponta de pintura, o que levou Amorim Girão, no «Guia de Portugal», a considerar algo triste a paisagem da região.

O adobe é um material de construção produzido com elementos extraídos na própria região: areia e cal misturadas em argamassa que secava em formas ao sol. Novo, o adobe apresenta um tom róseo, mas com as chuvas e o tempo, enegrece. A rugosidade da superfície das paredes construídas com este material também não é agradável à vista e, pior, o adobe esmigalha-se facilmente, cedendo à corrosão. Daí o aspecto escaldado, dir-se-ia «leproso», de tantas paredes velhas, com marcas da popular «tinha», que subsistem na Bairrada e lhe vincam a fisionomia. Mas a durabilidade deste material pode ser prolongada em condições ambientais propícias.

Durante longo tempo, a construção das casas e muros recorreu intensivamente ao adobe devido à rareza da pedra na região, o que influenciou a respectiva arquitectura (por outro lado condicionada por necessidades inerentes às culturas agrícolas praticadas, como a da vinha: notem-se as dimensões das adegas, por exemplo). Este antigo material de construção, com natureza reconhecidamente ecológica,<sup>41</sup> mas hoje suplantado pelo tijolo de barro vermelho, originou a multiplicação estratégica de fornos de cal que foram no

---

<sup>41</sup> Alguns entendidos consideram o adobe, feito de argamassa, degradável por completo. Acham-no ideal para as casas, pois é material «fresco no Verão e aconchegante no Inverno».

seu tempo a primeira actividade industrial não directamente ligada à agricultura. Por outro lado, as pedreiras e os pinhais que alimentaram de lenha aqueles fornos acabaram por dar nome a lugares e a pessoas.<sup>42</sup>

De facto, a utilização do adobe na construção expandiu-se mais ou menos por toda a Região Centro do país, numa faixa litoral não averiguada que parece subir de Leiria até Ovar, portanto sensivelmente numa envolvimento da Bairrada.<sup>43</sup> Repare-se que a comercialização da cal e dos adobes se tornava possível naqueles tempos com recurso ao transporte em carros de bois. Foi muito intensa na região a actividade dos numerosos carreiros, ou fazedores de carros, que levavam as cargas, vinho incluído, nomeadamente até aos portos da Figueira da Foz ou à beira-ria de Aveiro, onde eram transferidas para os barcos que as conduziam digamos até Ovar.

A casa bairradina típica costuma ostentar padieiras e umbrais em pedra de Ançã a emoldurar o portão e a porta da sala e talvez, também, das janelas. Traziam-na os carreiros do concelho de Cantanhede nos pachorrentos carros de bois e por vezes um canteiro afeiçoava a pedra no local, esculpindo no centro da verga o ano da construção do prédio ou as letras iniciais do nome do respectivo proprietário. Para além de embelezar, a pedra de Ançã, que também vinha de Portunhos, reforçava a solidez das molduras.

---

<sup>42</sup> Sobre o assunto, vejam-se os textos seguintes: «Apontamentos sobre a produção de cal em Oliveira do Bairro», por António Oliveira, in Boletim da ADERAV, nº 18, Novembro de 1990; «Fornos de cal», série de sete artigos por Rosinda de Oliveira, semanário «Jornal da Bairrada», de 22-11-91 a 10-01-1992; e «A Pedralva e a indústria da cal», série de três artigos por Victor Cruz, «Jornal da Bairrada», de 22-05-92 a 05-06-1992; mereceu o Prémio de Jornalismo/Reportagem da AJEB (Associação de Jornalistas e Escritores da Bairrada). Além disso, as antigas obras de consulta referiam habitualmente a existência de fornos de cal em cada localidade. O livro «Arquitectura Tradicional Portuguesa», acima citado, indica em nota de rodapé, na p 189, a técnica completa do fabrico dos adobes em uso na Mealhada em 1955.

<sup>43</sup> Trata-se, ao que tudo indica, de uma reminiscência árabe. Neste sentido, um visitante bairradino não deixa de se impressionar ao deparar-se, por exemplo no Egipto, perto do Vale dos Reis, com uma aldeia muito antiga cujas casas são feitas de adobe ou, no Marrocos, ao ver campos de milho regados com água de poços conduzida por regos e represada em pequenas «marinhas». A semelhança destas imagens com as que se encontram na Bairrada evoca poderosamente uma herança histórico-cultural.

Telha calcira, ou de meia cana, foi usada em tempos recuados na cobertura das casas. Era quebradiça e pouco eficaz. Foi substituída pela telha marselhesa, de tipo achatado e com superior resistência. A indústria cerâmica passou a fabricar cornijas decorativas, com formas geométricas (pequenos torreões) ou de animais (serpentes enroladas, cães, patos e gatos sentados, pássaros, etc.) que logo apareceram nos cumes dos telhados bairradinos.

As casas populares da região eram projectadas pelo seus próprios construtores, mestres de obras da vizinhança, que agiam sob indicações gerais dos seus futuros moradores. As casas rurais bairradinas integraram-se deste modo no ambiente concreto em que surgiam, mantendo-o com alterações mínimas ao longo dos tempos até que, na nossa época, a mudança dos processos produtivos motivou uma reviravolta global na relação estabelecida do homem com a terra.

A generalização dos motores na agricultura banuiu o gado bovino, inutilizou os antigos currais, sacrificou em grande medida a produção do estrume (fertilizante orgânico), reforçou a dependência dos adubos químicos, eliminou a necessidade de armazenar forragens, etc. Por outro lado, o encarecimento dramático da mão-de-obra forçou a aplicação da força motriz na lavoura (aliás, cada vez mais pronta a dispensar trabalhadores excedentários no sector e a deixar maninhos os terrenos) e as adegas privadas reduziram o tamanho: os tonéis foram substituídos por cubas e os lagares ficaram vazios, pois as adegas cooperativas encarregaram-se da vinificação... Enfim, foi uma verdadeira «revolução silenciosa», consumada numas breves dezenas de anos.

A arquitectura tradicional da casa bairradina não tardou a acompanhar estas mudanças. Passou a dispensar os grandes alpendres, as grandes adegas e, até certo ponto, ao reduzir o seu tamanho, alindou-se, «urbanizou-se». O botão da campainha substituiu a aldraba, simbolizando a profunda alteração que avassalou inclusive os hábitos sociais: a taberna foi trocada pelo café, o bailarico transferiu-se para a discoteca.

O tractor substituiu o carro de bois, a motorizada tomou o lugar da bicicleta a pedal ou, no mínimo, encostou-se a ela. A casa agrícola tornou-se mais dependente do exterior ao fechar o leque

das suas produções para auto-consumo e ao apostar em explorações escolhidas pela sua rendibilidade: o *kiwi*, por exemplo. Decresceu o volume da mão-de-obra necessária. A gestão da casa agrícola adoptou as leis do mercado e habituou-se a deitar contas a custos de produção e a receitas apuradas.

Sobreveio a multiplicação crescente dos terrenos de cultivo, mesmo de vinhedos, postos ao abandono. O valor exorbitante atingido pela mão-de-obra alterou drasticamente a relação tradicional do agricultor com a terra. Os terrenos desvalorizaram-se e ninguém parece importar-se com a propriedade agrícola que, desvalorizada, não dá rendimento, lucro. Alvo de crítica é quem se afoita num esforço vão, feito só «para aquecer». E deixou já de se ouvir repetir o velho dito a proclamar que «o trabalho é honra»...

A melhoria geral do nível e da qualidade de vida reflectiu-se no aspecto das novas moradias. Nelas, o tijolo já não prescinde do reboco e da pintura que faltava ao adobe. Os modelos e os gostos da arquitectura urbana corrente invadiram o espaço rural, debelando a tristura das velhas paredes corroidas, e todo o desconforto, muito espartano, que o interior da casa tradicional acumulava. Vulgarizou-se a água canalizada doméstica, quente e fria; as vetustas retretes deram lugar a quartos de banho; as velhas cozinhas encolheram-se em torno do fogão a gás e a lareira passou a adornar um canto da sala.

Actualmente, a casa rural da Bairrada, porque deve acatar as regulamentações camarárias e, também, exprimir *status*, já beneficia da colaboração de engenheiros e arquitectos para se impor com mérito. Esta tendência não será estranha a algum brilharete atingido por emigrantes regressados à terra natal. Alardeiam belas mansões e originam um certo despique com quem não emigrou e, apesar disso, também governou bem a vida. Além disso, faz-se sentir um outro factor: os filhos dos lavradores com recursos que completaram cursos superiores (numa cidade, evidentemente) apelam para condições de habitabilidade melhoradas.<sup>44</sup> Tendem mesmo a

<sup>44</sup> Ainda não se avaliou, nem pela rama, a quantidade de bairradinos que, nos últimos cinco decénios, em ritmo crescente, completaram cursos superiores e que, com essas habilitações académicas, passaram a trabalhar e a residir fora da região natal. Na verdade, actualmente contam-se por dezenas, e mesmo por centenas, numa única

trabalhar em cidade e a tomar a casa da aldeia natal como «segunda casa», dos tempos livres.

Em resumo, a casa rural da Bairrada está a transformar-se rapidamente, tal como os processos do trabalho agrícola e os hábitos sociais dos respectivos moradores. Porém, ao lado das moradias airoas, de construção recente, ainda subsistem em bom número as casas tradicionais, agora de ano para ano mais desconfortáveis e mesmo deprimentes, a pedirem o restauro que as reabilite ou o camartelo que as desfaça. São, para todos os efeitos, imagens tão fortemente evocativas que se tornam objectos sentimentais.

A transição de uma arquitectura para a outra não está, porém, a fazer-se de um salto. Formas de habitar tradicionais mantêm-se e passam a coexistir com as formas inovadas, motivando curiosas sobreposições de tipologias. A entrada principal da moderna *maison*, por exemplo, continua a ter serventia apenas para gente ou ocasião de cerimónia. O visitante normal da casa não se habitua a premir o botão da campainha, correspondente à entrada principal: avança, chamando, pela entrada lateral quase sempre aberta, pelo pátio em direcção à cozinha. A aldaba desapareceu, o costume manteve-se.

O centro radial das casas bairradinas em geral continua a ser claramente o pátio. É ainda hoje um espaço amplo, agora coberto com material plástico transparente montado sobre estrutura metálica, onde pode parar um automóvel, uma furgoneta ou um tractor, e que liga com a cozinha. Normalmente em piso cimentado, comunica com as traseiras da moradia, onde se situa a cozinha.

Do lado oposto da fachada principal ergue-se o corpo da moradia propriamente dita. Pode estar cercada por um muro baixo, aberto por cancela e com um bocado de relva ajardinada defronte da porta principal. Possivelmente haverá um primeiro andar e umas tantas janelas. É esta porta principal, com botão de campainha junto

---

freguesia. Devem ser muitos milhares na Bairrada inteira. Este movimento será outra face da referida «revolução silenciosa». Os lavradores com posses faziam questão de dar aos filhos melhor vida do que a que tinham. Desviaram-nos assim da agricultura e, dando-lhes habilitações mais qualificadas, desviaram-nos também para fora do berço. Herdeiros de terras, ficaram sem saber que fazer delas quando as receberam de herança. Trata-se de um assunto com evidente relevo sociológico que convinha estudar.

da cancela, que tende a funcionar não muito mais do que a antiga porta da sala da casa tradicional.

A entrada lateral, de serviço, é na prática a única realmente funcional. Confunde-se hoje um tanto com a entrada da garagem, atendendo à generalidade dos usos do dia-a-dia. E, se numerosos genoveses entram nos seus prédios pelo telhado, os bairradinos viram as costas à frontaria e fazem vida nas traseiras das suas melhores casas. A entrada lateral corresponde actualmente ao portão do pátio da casa tradicional. Acontece mesmo que a serventia deste espaço interior se mantém inalterável. Em suma, verifica-se que os bairradinos parecem dispostos a manter a forma tradicional de morar habitando agora em casas diferentes.

Esta ideia ganha mais corpo quando se aprecia por dentro a estruturação corrente das novas moradias. Para lá do corpo principal, com entrada postada à frente, o pátio dá acesso, frequentemente, a outros módulos da moradia contígua à cozinha, com utilização mais assídua e normal. Neste sentido, é possível que exista uma outra cozinha, de categoria inferior, mas, de qualquer modo, é aí, nessa divisão menos categorizada, que as refeições quotidianas são preparadas e consumidas. Também aí está o televisor para entreter os serões, ainda que na sala «nobre», onde pouco se entra «para não sujar», esteja outro receptor de TV.

Também é frequente encontrar-se, neste módulo secundário da moradia, um outro quarto de banho e, talvez, até outros quartos de dormir de condição inferior aos do corpo principal e que serão porventura de uso diário.

Quer dizer, a moradia é dupla: uma, completa, postada à frente em demonstração de *status*, e a outra, não menos completa mas de condição utilitária, situada atrás, onde efectivamente decorre a vida do dia-a-dia. No entanto, há casas em que esta sobreposição vai até mais longe. Em certas moradias pode encontrar-se um terceiro módulo contíguo ao secundário e de categoria ainda mais recuada. Aí estará com certeza uma lareira ao estilo antigo, com achas e panelas de ferro fundido ainda em uso. Aí pode persistir o forno a lenha, decerto com dimensões mais reduzidas porque já não serve para cozer a broa para o pessoal de toda a semana, mas apto a servir o pão doméstico que se faz lembrar e o leitão assado das ocasiões especiais. E não longe, porventura contígua, quem sabe

se não estará uma espécie de retrete da velha guarda, junto de currais de porcos e da capoeira, «criados em casa porque a comprar lá fora gastamos os olhos da cara», não longe do velho poço de adobe com uma água verdosa no fundo que rega o aido e talvez sirva em casa...

Na moradia que hoje se dissemina pela Bairrada e que vai substituindo as casas tradicionais, predominam deste modo os símbolos de *status* por cima das necessidades correntes do trabalho, ainda bastante ligado à agricultura, e aos requisitos de um alojamento confortável. E chega a espantar a persistência, nela, de formas ou elementos tradicionais, conservados através das gerações como se emanassem de uma ordem genética e não da ordem dos costumes no *habitat*.

Em conclusão, a casa tradicional da Bairrada, construída em adobe, está a desaparecer. Diminui de tamanho e evolui para uma traça «urbana», isto é, compatível com uma habitabilidade de tipo citadino, na medida em que o permitem as transformações por que têm passado os sistemas de produção agrícola. Nesta medida, de algum modo, a casa parece descaracterizar-se. Mas enquanto as novas moradias tentam acompanhar as exigências actuais do conforto doméstico, diluindo portanto o antigo rusticismo, por outro lado mostram um apego insuspeitado aos elementos tradicionais, que continuam a conservar no seu interior, originando por vezes sobreposições deveras curiosas, de um aparente novo-riquismo.

Tudo isto, queremos crê-lo, merece estudo atento. As presentes notas não pretendem de modo nenhum substituí-lo, antes querem proclamar tão-só a sua inexistência.

... Os dialetos, que são ditos, mesmo, e a língua, que é mais, constitui a base — lembra-se um dia com sabor de afeição. Mas quem diz língua quer dizer tudo o órgão principal da vida quanto a sistema global de palavras, e, que se exprime em dialeto. E temos este caso simplesmente maravilhoso de palavras de uma língua, subsistindo aparentemente no vácuo, de volume, durante muito mais que os dentes de muitas outras línguas.

Naturalmente, cada indivíduo possui uma conjugação específica, limitando-se, pessoal, de alguns vocabulários comuns, ainda que, ...  
**SOBRE O FALAR REGIONAL**  
... quer considerá-lo como um dialeto, quer como um dialeto, se colocarmos uma ...  
e vocabulário global, poderemos encontrar entre aquele e este algum paralelismo significativo. Assim se refere a base de que uma língua, em última análise, se define como um sistema de dialeto e se poderia perceber importantes diferenças de realidade cultural.

... Na realidade, um indivíduo, quando se encontra em um determinado contexto paradigmático, ...  
**bibRIA**  
...  
verbaliza, acaba por se particularizar, e quando se trata de línguas características.

... No presente texto vamos debruçar-nos sobre particularidades vocabulárias numa dada região — a Paraíba —, de hoje, vamos tentar perceber como os habitantes desta região tentam a intercomunicação pelo uso intenso de um conjunto lexical próprio elaborado ao longo dos tempos. O facto, naturalmente, onde tem de singularidade vocabulário global do Português é evidente e, porque existe um limite às especificidades concretas de expressão, cada povo adota um léxico limitado e parcial, que obedece de acordo as medidas das necessidades expressivas de sua existência — ainda, portanto, em lugares e outras condições diferenciadas.

E salientamos a escuridão que envolve os termos que os dialetistas têm produzido na Paraíba. Os registos devar são fruto da diligência de J. Leite de Vasconcelos e Joaquim de Sá, que, naturalmente, não se limitam a dar uma imagem. O que será devido, por um lado, à ausência de um atlas lingüístico do Português brasileiro

se não existir uma espécie de ruído na volta guardada, junto de curules de pedras e de capotas, acalado um casa porque a comprár lá fora pagamos os olhos da casa, não longe do velho poço de adobe com uma água yucata no fundo que joga a água e lava a terra em casa.

Na moradia que hoje se encontra pela Barrida e que vai subsistindo as casa tradicionais, permanecendo desta modo os símbolos de estar por cima das necessidades correntes de trabalho, ainda bastante ligada à agricultura, e que mantém de um alinhamento centralizado. E estas a serem a expressão da vida de uma comunidade. **SOBRE O FALAR REGIONAL**

Em conclusão, a casa tradicional da Barrida, construída em adobe está a desaparecer. Diversos de elementos e evoluções para uma nova forma de habitação com uma habitabilidade de tipo urbano, em substituição de uma casa tradicional. E isto por que os padrões de vida e os hábitos de vida mudaram. E isto por que alguns dos elementos tradicionais da casa tradicional não são mais necessários. E isto por que os elementos tradicionais da casa tradicional não são mais necessários. E isto por que os elementos tradicionais da casa tradicional não são mais necessários.

Tudo isto, querendo crê-lo, merece estudo sério. As presentes novas são produtos de modo nenhum substituí-lo, antes querendo proclamar não só a sua importância.

Os dentes, que são duros, caem, e a língua, que é mole, continua na boca — lembra um dito com sabor de aforismo. Mas quem diz língua quer dizer tanto o órgão principal da fala quanto o sistema global de palavras em que se exprime um idioma. E temos este caso simplesmente maravilhoso: as palavras de uma língua, substâncias aparentemente tão frágeis, tão voláteis, duram muito mais que os dentes de inumeráveis gerações.

Naturalmente, cada indivíduo realiza uma apropriação específica, mais ou menos pessoal, da riqueza vocabular comum, ainda que, por outro lado, o seu vocabulário apresente assimilações com os demais falantes do povo a que pertence pois, de contrário, quem entenderia o indivíduo? Em nível diverso, mais vasto, se colocarmos uma comunidade regional no lugar do indivíduo perante o vocabulário global, poderemos encontrar entre aquele e esta algum paralelismo significativo. Assim se reforça a tese de que uma língua, em última análise, se define como um sistema de dialectos e se poderão perceber importantes matizações de realidade cultural.

Na realidade, uma comunidade regional comporta-se como um indivíduo ao conjugar a seu modo os eixos sintagmático e paradigmático para exprimir as suas vivências. Utiliza de forma concreta um vocabulário que, embora de raiz essencialmente vernácula, acaba por se particularizar, originando campos semânticos caracterizados.

No presente texto vamos debruçar-nos sobre particularismos vocabulares numa dada região — a Bairrada —, ou seja, vamos tentar perceber como os habitantes desta região tendem a diferenciar-se pelo uso intenso de um conjunto lexical próprio afeiçoado ao longo dos tempos. O facto, convenhamos, nada tem de singular: o vocabulário global do Português é abundoso e, porque excede em muito as capacidades correntes da expressão, cada povo adopta um léxico limitado e parcial, que carrega de sentido na medida das necessidades expressivas da sua existência — vivida, recorde-se, em lugares e outras condições diferenciais.

É notória a escassa quantidade dos termos que os dicionaristas têm recolhido na Bairrada. Os registados devem muito à diligência de J. Leite de Vasconcelos e Joaquim da Silveira; posteriormente, não se fizeram notar mais avanços. O caso será devido, por um lado, à carência de um atlas linguístico do Português actualizado

e completo, ao menos do território peninsular, e, pelo outro, à penúria de estudos focados sobre as vertentes culturais da mesma região. Neste pé se entenderá melhor a relutância, ou a timidez, dos autores bairradinos contemporâneos na utilização escrita dos vocábulos mais populares na região, ainda que os reconheçam como fidedignos para além de alguma distorção fonética.

Nos últimos tempos, apenas António Capão estudou os nomes populares da codorniz e de algumas alfaias agrícolas bairradinas em vias de extinção,<sup>45</sup> ou pouco mais. Daí certas hesitações nossas, quanto à forma e ao conteúdo mais convenientes que esta primeira incursão deveria assumir. Decidimo-nos por um registo de vocábulos que tem a ver com uma escolha pessoal, necessariamente subjectiva, baseada no que a memória guardou da nossa infância e juventude. Mais adiante os vamos listar na forma simples que adoptámos. Dispensamos os campos semânticos correspondentes a fim de evitar repetições.

Uma abordagem preliminar como esta, meramente introdutória ao tema, de modo nenhum poderia pretender-se completa, exhaustiva. Quem tem unhas que pegue nesta guitarra e a toque até ao fim! A nós cabe-nos só apontar o caminho, na convicção de que é indispensável percorrê-lo para podermos vir a ter uma ideia deste outro traço dos mais caracterizadores da identidade cultural da Bairrada. Na verdade, se quisermos surpreender a alma de um povo ou o «espírito do lugar», teremos que começar por atender ao *sermus quotidianus*, ao seu falar mais familiar e tradicional.

Acúrcio Correia da Silva (Sálcio Bairrada), que fundou e animou a «Plêiade Bairradina», agiu neste sentido. Valia bem a pena, a este título de inventário lexical, empreender uma selecção e posterior publicação dos copiosos artigos e crónicas que o padre Acúrcio espalhou pelos jornais regionais da época, em especial entre 1915 e 1925. «Ele recolheu — escreve António de Cértima —

---

<sup>45</sup> Nomeadamente em «Nomes populares do Chapim e da Codorniz», revista «Labor» nº 237, Aveiro, e comunicação ao Colóquio de fonética e linguística, XXVII Congresso luso-espanhol para o progresso das ciências, Bilbao, 1964. António Capão também publicou o livro «Relance Histórico-Linguístico sobre a Região da Bairrada - Influências Arábicas», ed. AJEB, Anadia, 1992.

como o mais sábio camponês na sua courela florida, todas as saborosas sementes da palavra bairradina, os modilhos ingénuos dos namorados, as formas lacerantes da angústia bravia, o grito bárbaro, a toada melancólica, o uivo da volúpia ou da tempestade, o gargalhar das ventaneiras, os pingos de sangue que brotam de certas cantigas, a estrofe báquica das adegas, enfim as pragas, os doestos e as orações, e tendo enquadrado tudo no lenço berrante, cheirando a mosto e frutos sazonados, da sua sensibilidade de jardineiro-esteta, de torsionário da inteligência, Sálcio criou um novo ritmo verbal, isto é, lançou o seu *estilo*.

«A região bairradina não poderá, por conseguinte, esquecer a grande figura do escritor que renovou a sua linguagem buscando nas fontes populares as melhores substâncias de emoção e arte de dizer e construindo depois, com uma sabedoria aguda e penetrante, e ainda dentro da ética e da espontaneidade local, aquilo a que se poderá chamar uma *alma literária*.»<sup>46</sup>

Também a obra ficcionista de Carlos de Oliveira merece atenção neste aspecto lexical. O autor de «Uma Abelha na Chuva» situou toda a sua obra literária na Gândara, mas não há dúvida de que ela interessará um tanto a Bairrada, pois a contiguidade de ambas as regiões se reflecte de algum modo numa «continuidade» de linguagem. Porém, o assunto ainda não foi estudado. É outra falha a lamentar no terreno das carências culturais.

Nas palavras se contém toda a realidade apreensível do mundo e por isso as palavras têm sido e são, para todos os efeitos, fundadoras: o inominado não existe, na medida em que não se insere num plano de realidade. De certa forma só existe a nomeação e, portanto, as palavras constituem para nós o único meio viável que temos para chegarmos ao contacto com as realidades da vida.

Convém realçar toda esta importância primordial da linguagem porque se sabe como as palavras andam desvalorizadas por negligências mil de quantos vêem os dentes a brilhar na boca e se esquecem de que, embora tenham a rijeza do marfim, eles caem, enquanto a língua, que é tão mole, tão plástica, fica a perdurar até

---

<sup>46</sup> António de Cértima in «Alma Encantadora do Chiado», ed. Atlântida, Coimbra, 1927, p 243.

às idades mais longevas. Como diria um poeta, toda a pessoa é feita de palavras: das palavras que consegue dizer e das que consegue compreender.

Vamos fazer aqui um apanhado de algumas boas dezenas de termos recolhidos do vocabulário bairradino, apresentados por ordem alfabética, e por fim anotaremos duas dúzias de ditos proverbiais. São dois breves repertórios que se nos afiguram particularmente expressivos. Adverte-se, porém, que estas simples amostras das falas regionais não são, nem todas nem sempre de igual modo, *exclusivas* da Bairrada. Longe disso! Um mesmo termo, ou provérbio de intenção semelhante, pode ser encontrado na expressividade corrente de outra região e tanto mais se se trata de bom vernáculo. Apenas se pretende fixar aqui alguns elementos de uma linguagem que, pela frequência mais notada do seu uso popular, nos parecem ser objecto de uma apropriação particular, ficando, por isso, potencialmente imbuídos de alguma especial significação.

À cabeça da lista surge naturalmente o vocábulo *pucheira* (ou *pecheira*), que designa a caneca ou canjirão que vai à mesa com o vinho para os copos. Trata-se de uma vasilha tradicional, quase sempre de porcelana ou de cerâmica vidrada, e é termo de uso frequentíssimo na Bairrada e mesmo por toda a Região Centro do país. No entanto, singularmente, ainda não está dicionarizado, ao que parece, ou começou a ser dicionarizado muito tarde, há poucos anos, mantendo uma circulação quase só oral.<sup>47</sup> As poucas vezes que aparece escrito, traz ortografia incerta.<sup>48</sup>

Será de recordar, a propósito, o lugar que se atribuíra à

---

<sup>47</sup> É este, digamos, o caso de Ercília Pinto: no livro «Crónicas do meu Tempo», (fascículo I, Coimbra, 1950, pp 41-42) fala do maduro vinho da Bairrada «dado, prodigamente, aos jornaleros em grandes canecas de barro, barro bendito que, simultaneamente, gera o vinho e a vasilha onde é servido.» Aquelas «canecas» são rematadamente as *pucheiras*, mas ela não ousou escrever o vocábulo porque, embora conhecidíssimo, não aparecia «reconhecido» pelos dicionários e a professora Ercília Pinto se obrigava a escrever um Português de lei.

<sup>48</sup> O dicionário da Porto Editora, 6ª ed., 1988, insere a entrada «Picheira», anotando: «(prov.) bilha de formato elegante e boca trilobada.» Não reconhece, portanto, o vocábulo regional tradicional, *pucheira* ou *pecheira*. E não encontramos mais registos.

Bairrada no plano linguístico do país em tempos ainda recentes. Para alguns entendidos, o povo bairradino falava um português notavelmente isento, ao ponto de poder ser tomado como padrão, e chegou a invocar-se a vizinhança multissecular da Universidade de Coimbra para explicar o fenómeno. Actualmente, quando a região se encontra flanqueada por outra Universidade, a de Aveiro, desenvolvem-se na Bairrada certas linhas de transformação que convem ter presentes.

O povo bairradino continua aferrado às correntes da emigração. Salta do berço logo que consegue andar pelo seu pé e vai em busca da moeda forte dos países desenvolvidos e, se não transpõe as fronteiras nacionais, queda-se por aqui não raro em alguma cidade importante. A quantidade dos bairradinos que já experimentaram a emigração (para os Estados Unidos e Canadá, países da América Latina, França, etc.), acaba por se tornar deveras significativa em termos linguísticos. Normalmente os emigrantes possuem um grau de instrução pobre e por isso mais se deixam contaminar pelos idiomas dos lugares que os recebem até ao ponto de mesclarem barbaramente o idioma estrangeiro com a língua materna. Tal contaminação persiste depois do regresso e faz-se sentir portanto no espaço natal. Os emigrantes comportam-se em boa medida como agentes perturbadores da norma, gerando fenómenos de hibridação linguística, vocabular e fonética (à conhecida maneira do «françuguês» na «retrete», isto é, do emigrante que volta de França reformado), e sobrevêm os factores sociais de uma aculturação cujas consequências estamos longe de poder medir em toda a sua amplitude.

Posto isto à guisa de comentário introdutório, passemos ao elenco dos vocábulos compendiados em breve amostra.

*Abarbatar*, arrebatat, caçar, apanhar.

*Adibal*, grande corda para usos vários.

*Agulhas*, caruma de pinheiro que, seca, serve para atear a fogueira.

*Aido*, porção de terreno agrícola anexo à casa de lavoura, o mais extenso que as circunstâncias pudessem permitir.

*Alborque*, brinde que se dá ao ajudante de um negócio.

*Alambazar-se* (de **lambaz**), empaturrar-se.

*Alveitar*, antepassado do veterinário.

*Amouchar*, baixar-se, deixar-se vencer por alguém.

*Ancinhar* (de **ancinho**), juntar, amontoar.

*Apaijar*, aturar, adular, servir de pajem.

*Apeiragem*, conjunto de utensílios de lavoura; apetrechos de casa ou oficina.

*Arrelaçado* (**arremansado?**), preterido, abandonado, posto num canto.

*Arrelampado*, assombrado, entontecido.

*Arronhar*, ir abaixo, cair ao chão.

*Avaria*, também no sentido de façanha.

*Avincar*, assumir.

*Axe*, dói-dói, pequena ferida.

*Barroco*, cova na estrada ou na terra.

*Bernicoques*, (**rebericoques** em galego?), maneirismos, formalismos.

*Boleco* (**fruto**), mal gerado, sem préstimo.

*Botos* (**dentes**), embotados, sensibilizados por fruta comida verde.

*Burra*, designação familiar também da bicicleta.

*Cabanal*, construção de ramos com duas vertentes em forma de V deitado que serve para guardar palhas.

*Cabresto*, corda ou correia que prende o animal no curral ou na estrebaria.

*Calão*, mandrião.

*Camarinhas* (**de suor**), bagas, por analogia com o fruto silvestre em tempos colhido e vendido nas aldeias como tremoços.

*Camoeca*, embriaguez, bebedeira; (**deu-lhe a...**) doença súbita.

*Campar*, reinar, preponderar.

*Canoila*, haste do milho.

*Capoeira*, também armadilha para caçar pássaros vivos.

*Carcamano*, designação do artesão ambulante que conserta tesouras, panelas, guarda-chuvas, etc.

*Caruca* (**estar...**), bêbado, tonto.

*Cassamba*, pequena caixa de madeira com asa que servia para guardar pregos, ferramentas, etc.

*Catrefa* (**de caterva?**), multidão, grande quantidade.

*Chavasco*, grosseiro, porcalhão.

*Chona*, diz-se do último, que fica «a dormir»; nome de jogo em desuso.

*Comborça*, concubina.

*Corrilhas*, rugas.

*Costelos*, armadilha para caçar pássaros.

*Couceira*, tábua de madeira grossa, tabuão.

*Desaustinado*, sem tino, desatinado.

*Deserto (estar...)*, ansioso, ávido.

*Emboutar*, manchar.

*Encafuar*, meter, alojar, inserir.

*Empalear*, enredar em paleio, conversa fiada.

*Emplezém (de exemplo?)*, pessoa que estorva, inútil.

*Endrómina*, intrujice, impostura, enredo mal-intencionado.

*Engaço*, utensílio agrícola com dentes; também pedúnculo completo do cacho de uvas.

*Enjorcar*, engenhar, atamancar.

*Enregar*, encetar, pôr no rego (da lavra).

*Falocas*, pipocas ou milho assado.

*Flato (estar com o...)*, perrice, capricho.

*Forro (ô) (estar...)*, alforriado, livre.

*Fulestrias*, gestos cômicos, apalhaçados.

*Gândara*, extensão desabitada, normalmente com arvoredo.

*Golito*, pequeno gole, golinho.

*Gosma (andar à...)*, viver à custa alheia.

*Ingarilho*, pessoa magra e fraca.

*Labordaça (à...)*, com abundância.

*Labrincha (de ladrar?)*, pessoa irritante, impertinente.

*Lambedouro*, acúmulo de doçura; que dá vontade de lambar.

*Langonha*, ranho, viscosidade repelente.

*Lapada*, lambada, bofetada.

*Levada (de água)*, caudal de rega.

*Maloio*, saloio, labrego sem condição.

*Meda*, monte de palha, com mastro no centro, onde por vezes se introduzem peças de fruta no S. Miguel para se conservarem até tarde.

*Moda*, cantiga, música.

*Moina*, vida fácil, ocupação do moicante.

*Morganhar (está a...)*, orvalhar.

*Niquinho*, pequeno bocado, migalha.

*Pandorga*, mulher desmazelada, sostrona.

*Pantanas (dar em...)*, falir, falhar.

*Pingarota (pincorota?)*, cimo, coruto do ramo.

*Pirraça*, teimosia, partida.

*Poial*, banco fixo à parede, ao lado da lareira, onde as pessoas se sentavam.

*Potreia*, coisa fraca.

*Prosa*, vaidade; muita conversa.

*Rabino*, também rebelde, travesso.

*Raboto*, sem rabo ou com rabo curto.

*Rasquido*, resto, lixo, varredura.

*Rebate*, também soleira de porta.

*Rebulir*, andar depressa, mexer-se.

*Resquício (restício?)*, resto desprezível, coisa miúda.

*Ripar*, também tirar, deitar a mão.

*Samintar*, semear, espalhar, desperdiçar.

*Soga*, corda ou tira de couro que serve para guiar os bois.

*Tapona*, pancada, castigo.

*Taramela*, tranca de madeira das portas antigas; **(dar à...)** tagarelar.

*Taranta*, atoleimado, sem expediente.

*Tassalho*, grande bocado; tassalhão.

*Trambolho*, estorvo, incomodidade.

*Trenga*, mulher desajeitada.

*Trescalar*, feder, exalar fedor.

*Ucharia*, pechincha.

*Ugar* (de **huga!**?), juntar, alinhar.

*Varrasco*, animal de cobrição; homem prolífico.

*Vêveas* (**conheço-a até às...**), roupa íntima de mulher.

*Xungaria*, local imundo, ordinário.

*Zangarilhar* (ou **zangalhar**), oscilar para os lados, não parar quieto.

### ALGUNS DITOS PROVERBIAIS

Vida não berrada não é bem governada.

O trabalho é honra.

A casa que o homem enche às pazadas pode a mulher esvaziá-la tirando pelo buraco da agulha.

Mais vale perder um amigo que uma boa razão.

Depois da rapariga ficar noiva, não lhe faltam pretendentes.

Quanto mais prima, mais se lhe arrima.

Deitada, nenhuma mulher é alta demais para um homem.

Fica-te, mundo, cada vez pior!

Nem sempre, nem nunca.

Todo o caracol caminha sobre o seu ranho.

No poleiro onde canta o galo não canta a galinha.

Lá em casa manda ela, mas nela mando eu.

Das más famas ninguém se livra.

Não falta muito virá quem de mim bom fará.

Beijos de homem [em homem] são beijos de burro.

Vozes de burro não chegam ao céu.

Quando um burro fala, o outro murcha as orelhas.

Com um tolo nem [devemos querer ir] para o céu.

Contas claras conservam a amizade.

Para baixo, todos os santos ajudam.

É sono ou manha do dono? [Dito a quem boceja.]

Quem tem boca e manda soprar, é manhoso ou está a mangar.  
É como te digo, cevada não é trigo.  
De fraca moureira pode sair um bom coelho.  
Quem chega tarde molha no vinagre.  
Uns comem os tremoços e outros varrem as cascas.

## CONCLUSÃO

Os ditos proverbiais manifestam os desencontros e as injustiças do mundo, quando não se ficam pela observação irónica ou graciosa, o comentário moralista ou sentencioso. Na Bairrada, no entanto, é possível ouvir ocasionalmente, aqui ou ali, alguns ditos de matriz bastante curiosa, insólita. Envolvem ao mesmo tempo, na elocução, uma tese e a sua antítese. Por exemplo, o falante apresenta-se nestes termos contraditórios, paradoxais: «Sou um porco limpo». No contexto da conversa, ele pretende afirmar-se como indivíduo limpo e ao lado de gente limpa, mas, prevendo qualquer contradita, ou apenas para exercitar a sua pessoal auto-ironia, emenda-se desde logo, desejando por certo, através da contradição, atingir uma síntese que manifestará uma verdade já não relativa ou que, pelo menos, aspira a um certo absoluto.

Acontece semelhantemente com outros ditos ocasionais, por exemplo com estes: «É uma (ne)c(ess)idade!», «Falei com Sua Insolência», «Fulano é um macaco muito sério!» No primeiro caso, o falante finge-se gago para exprimir admiração perante uma urbe grandiosa, mas insinua logo, à sorrelfa, um paralelismo no trocadilho: grande cidade = grande necessidade. No segundo dito, o falante refere-se a qualquer personalidade principal com uma circunspeção logo denunciada pelo trocadilho intencional: excelência = insolência, que marca distanciamento e menosprezo tornados recíprocos. A ironia também assoma com agulhas de mordacidade, no terceiro e último dito aqui dado em exemplo. Digamos assim: não basta que alguém se pretenda sério, é preciso sê-lo de facto na opinião alheia e para além das aparências.

Não nos tem sido possível ouvir noutras regiões frases deste

tipo, que negam o que afirmam com uma desenvoltura e uma sagacidade admiráveis. Talvez seja de admitir que pode tratar-se de um traço do génio particular do povo bairradino, andarilho do mundo e eterno aprendiz da vida quanto basta.<sup>49</sup> Julgamos que só um povo capaz de perceber a complexidade das relações e a relatividade dos valores, isto é, os lados vários e contraditórios das coisas da existência será capaz de produzir tais elocuições. Este povo parece entender a contradição e aprender a viver com ela, por isso se deleitando na ironia como num banho lustral. No fundo, ninguém se acha melhor que ninguém, apenas diferente!

A «PLÉIADE BAIRRADINA»  
E A BAIRRADA  
NO INÍCIO DO SÉCULO XX

# bibRIA

---

<sup>49</sup> Este traço do carácter bairradino cativa-nos desde que nos surgiu — aqui o deixamos confessado. Por isso o simbolismo de um conto que escrevemos «para crianças de todas as idades» nele em parte se inspira. É «A Sopa das Nove Letras» (Porto Ed., 1988).





A «PLÊIADE BARRADINA»  
E A BARRADA  
NO INÍCIO DO SÉCULO XX

ibid

Ainda hoje é tida como áurea na região da Bairrada a época em que se fez notar o grupo da chamada «Plêiade Bairradina». O grupo de jovens intelectuais, com predominância de poetas, soube deixar nas memórias das gerações posteriores um halo brilhante que se fez notar decerto por contraste. O eclipse cultural que se instalou a seguir, especialmente na segunda metade do século, acabou por mergulhar o ambiente da região num verdadeiro marasmo.

De facto, nenhuma outra época, posterior ou anterior, se pode comparar àquela em brilho e afirmação caracterizadora da região. Todavia, está ainda completamente por fazer o historial da famosa «Plêiade Bairradina», o que significa, como é óbvio, que ninguém parece estar em condições de refrescar as memórias. Porém, recentemente, foi possível coligir as primeiras luzes, de modo que permitiram a elaboração desta resenha.

O grupo foi fundado por Acúrcio Correia da Silva, talvez durante umas férias passadas na Costa Nova no mês de Agosto de 1918. Estava prestes a terminar a Primeira Grande Guerra (1914-18) e em breve iam regressar os soldados bairradinos expedicionários em África e em França. A Europa despia-se dos seus restos oitocentistas e, com as tarefas da reconstrução no pós-guerra, entrava por fim, decididamente, no século XX.

A «Plêiade» surgiu publicamente no mês seguinte, com a realização da sua «primeira sessão solene no [teatro] “Paraizo” de Sá (Sangalhos, em 15 de Setembro de 1918)». Uma *plaque*<sup>50</sup>, publicada para assinalar a ocasião, traz versos subscritos por quatro integrantes do grupo: António Barata, Sálcio Bairrada (pseudónimo literário de Acúrcio Correia da Silva), António de Cértima e António Rodrigues Pepino (ou, também, Rodrigues Léonidas). Estes jovens poetas cantavam com lirismo o rio Cértima e, em geral, a terra bairradina e o viver dos seus habitantes, colocando-se sob a égide destes versos de Manuel Alves, o popular Poeta Cavadour: «Chorei o meu Torrão Santo, / O melhor de todo o mundo!»

António Barata, António de Cértima e outro António, o

---

<sup>50</sup> A folha de cartolina foi impressa na Tip. Bairrada Livre, Anadia, a duas cores. Um exemplar observado tem autógrafo de António de Cértima com dedicatória a Armando Esteves, «preclara alma», e esta datação: «Giesta, 6 de Janeiro de 1919».

Rodrigues Leónidas, junto com Acúrcio Correia da Silva — os quatro poetas que aparecem agrupados na «Plêiade Bairradina» no que pode tomar-se como a sua certidão de nascimento — têm este traço comum: são todos amigos e todos têm ligações ao concelho de Oliveira do Bairro. Por outro lado, todos admiram o fundador do grupo e seu grande animador, tomando-o como mestre. Constelando-se em torno dele, devotam-lhe uma admiração muito viva. De qualquer modo, com a sua personalidade irradiante, Acúrcio não era dos mais jovens elementos do grupo.

Presbítero desde 1912, em Sangalhos, nascera no Cercal, Oliveira do Bairro, a 22 de Outubro de 1889. «Dor e Luz», a sua obra poética de estreia, de 1912, tal como «Seroadas Fulvas», a sua obra mais importante, saída em 1915, foram escritas e publicadas em Coimbra, onde Acúrcio frequentou o Seminário. No ano em que a «Plêiade» surgiu, ia Acúrcio completar 29 anos de idade.

António de Cértima publicara antes o seu livro de estreia poética, decerto pela mão encorajadora do padre Acúrcio. É um «quadro dramático» intitulado «Marília» (Coimbra, 1914). «A acção passa-se na Bairrada — a minha linda “Região dos Pâmpanos”/ Actualidade» — situa uma nota. Mas a dedicatória do livro, «A Ti, ao teu corpo de sol e de Primavera» só aparentemente não é explícita: celebra a região da Bairrada. O jovem autor assinava, então, António Augusto Cruzeiro. Nascera na Gesta, Oiã, em 1894. Tinha, portanto, uns 20 anos e nunca mais tornaria a usar aquele nome numa produção literária.

Merece registo o facto de António de Cértima ter publicado num jornal de Ílhavo («O Brado», 04-07-1915) uma poesia, intitulada «Das “Paisagens Líricas”». Pertencia a um livro inédito «acabado de preparar» e era acompanhada por retrato do autor, de 1913, mas não é tal poesia o que mais importa. Desperta atenção a dedicatória que ostenta: «À “Plêiade Bairradina” / — a todos vós, rapazes / — à vossa alma de artistas».<sup>51</sup>

O pormenor indica que foi António de Cértima quem, logo em 1915, terá «baptizado» o grupo no qual ele, poeta neófito, se

---

<sup>51</sup> Nota significativa: o jornal em referência foi conservado por Acúrcio Correia da Silva e consta do seu espólio (Biblioteca da Universidade de Aveiro).

incluía. Portanto, se na verdade o fundador do grupo foi, incontestavelmente, o padre Acúrcio, declaradamente em 1918, também não parece haver dúvida sobre quem o baptizou.

Em 1919, quando o grupo completava um ano, António de Cértima deu à estampa, novamente em Coimbra, as «Bodas de Vinho», livro de poesias já com chancela da «Plêiade Bairradina» (e mais tarde, em 1943, reeditadas com o título de «Bodas Helénicas»). Esta obra do futuro narrador da «Epopéia Maldita» trazia em 1919 uma dedicatória significativa: «À Bairrada — à minha Terra — / à Região do Sol e dos Pâmpanos / Ofereço / Este livro pagão.» Entre as datas da edição e da reedição das «Bodas» eclodiu uma história confusa que não cabe aqui abordar, mas que definitivamente arredou António de Cértima dos aídos natais.<sup>52</sup>

Por seu lado, António Rodrigues Pepino (ou Pepino Leónidas), inspector escolar natural de Fermentelos, publicaria apenas um livro («Nas Curvas do Caminho», poesias, Porto, 1922, com capa de João Carlos e também com chancela da «Plêiade»). Inéditas ficaram, após a sua morte, muitas obras que anunciava.

António Barata (Oliveira do Bairro, 1887 - 1970) não chegou sequer a publicar um livro. Derramou-se meramente pelos jornais da época e a sua memória amareleceu com o papel da imprensa. No entanto, no «In Memoriam» de Acúrcio Correia da Silva, livro-homenagem de 1959, publica uma «Evocação» em que lamenta a morte, em 1925, do fundador do grupo. Lemos aí estes versos: «A Plêiade gentil que organizaste um dia, / Sem norte e sem ardor, porque perdeu seu guia, / Dispersou-se, desfez-se, abandonada e triste.» Porém, o grupo da «Plêiade» de modo nenhum pretendia limitar-se à esfera de Oliveira do Bairro. Os seus elementos provinham quase todos da mesma zona por motivos puramente circunstanciais: as relações, já estabelecidas, de amizade e vizinhança. Daí a epígrafe de Manuel Alves, o Poeta Cavador. A «Plêiade Bairradina» nascia para glorificar o Torrão natal, o melhor de todo

<sup>52</sup> António de Cértima foi expedicionário em Moçambique. Dessa sua experiência como militar fala no livro «Epopéia Maldita», 1924. Seguidamente, fixado em Lisboa, o escritor bairradino deixou-se absorver também pelo jornalismo, a política e a diplomacia.

o mundo. E o Torrão era a Região, que se revia na figura do seu herói e cantor, o poeta popular analfabeto descoberto em 1900 por Tomás da Fonseca. Quis mesmo homenageá-lo com uma sessão no cemitério da Moita no próprio dia do nascimento da Pléiade (15-09-1918), conforme notícia do "Jornal de Anadia" da véspera.

Manuel Alves nasceu em 1846, em Vale do Boi, Moita, Anadia, e faleceu ali em 1901 com 54 anos. Em 1918, quando a «Pléiade» surge, os «Versos dum Cavador» coligidos por Tomás da Fonseca, com duas reedições, tinham erguido o Poeta Cavador da Bairrada ao pináculo das admirações nacionais. Os jovens da «Pléiade» terão visto nessa figura, mais grandiosa pela humildade da sua condição social, um símbolo acabado da região que pretendiam trazer para a luz da cultura.

Esta atitude coincide plenamente com o propósito enunciado por Acúrcio Correia da Silva no posfácio das «Seroadas Fulvas» (1915), onde o padre-poeta aludia ao «espírito regionalista» e procurava esboçar uma estética afim então pouco intuída. E não se tratava de um devaneio nefelibático. O grupo deu-se à canseira de publicar um jornal semanário com o título de «Gente Nova». Publicou o seu primeiro número em 22 de Março de 1919 e assumiu-se como órgão da «Pléiade Bairradina» a partir do nº 10, em 24 de Maio do mesmo ano. No nº 15 (24 de Maio de 1919), Sálcio Bairrada escrevia sobre «A Ideia Bairradista» e explicava os propósitos do grupo: «Promover o máximo desenvolvimento literário, social e artístico da Bairrada; fomentar uma acção educativa de renascimento colectivo regional», etc. Lembrou os seus primeiros tempos: «Éramos poucos então, meia dúzia de amigos, António de Cértima, Rodrigues Pepino, Alexandre do Amaral, António Barata e poucos mais. Hoje somos multidão, por toda a orla verdejante da Bairrada, sonhando o engrandecimento desta "pequenina pátria"»...

Em 20 de Dezembro do mesmo ano o jornal já mandava para a rua o nº 29.<sup>53</sup> De forma iniludível, na primeira linha do

<sup>53</sup> Este nº do jornal surgiu após uma suspensão de publicação de dois meses, por dificuldades financeiras. Publicava um *In Memoriam* do dr. Samuel Tavares Maia, poeta, pintor e autor de textos de teatro falecido em Ílhavo com 50 anos. A chamada «Pléiade Ilhavense» colaborou na homenagem, segundo José Pereira Teles. Sobre o jornal «Gente Nova», ver artigos de Albano Cruz e Armor Pires Mota in «Jornal da Bairrada» em 18-02-1956 e 01-05-1992 (supl.), respectivamente.

cabeçalho, fazia então questão de se situar claramente no seu tempo e espaço, inscrevendo textualmente: «Bairrada, *tantos de tal*». Mas tinha redacção e administração em Oliveira do Bairro. Era dirigido por Albano Ferreira da Cruz, que compôs a música do «Hino da Bairrada», e pelo dr. Albano Pinto Coelho; seus redactores foram António de Cértima, o padre Acúrcio e seu irmão Manuel Correia da Silva, Albano Cruz e outros. Celestino Gomes, Angelina d'Assumpção, Rodrigues Pepino e outros colaboravam regularmente no jornal.

Até à data não se registara nenhum outro movimento cultural orientado para a Bairrada como um todo e assumindo-a expressamente em plenitude (e, se houve, não deixou constância). A «Pléiade Bairradina», neste aspecto, é resolutamente inovadora e isso, mais uma vez, ocorre pela mão do padre Acúrcio. Quanto à forma da intervenção (poética, como se viu) utilizada de início e depois sempre privilegiada pelo grupo, parece resultar dos avatares que tornam a comunicação através da poesia a mais adequada para exprimir um conteúdo latente que se mantinha ainda bastante inexpresso.

A ideia que presidiu à criação do jovem grupo ficara logo patenteada numa espécie de manifesto poético de autoria do seu próprio fundador. Tem o título de «Bairrada nova» e foi recitado na «sessão artística» inaugural, no dia 15 de Setembro de 1918, pelo menino José da Costa Júnior e publicada a seguir no jornal «Soberania do Povo» (Águeda). Vale a pena transcrever a poesia na íntegra. Quase que podemos tomá-la hoje como inédita e com um valor documental que nos convida a não atender à sua qualidade poética sem primeiro atender à «mensagem» que transmite. É, no fim de contas, uma «carta de intenções». Eis os versos assinados por Sálcio Bairrada:

Sobre a viçosa e edénica planura  
De vinhedos, pinheiros, milharais,  
Que o Caramulo, coleando, emura  
E o Vouga ao norte franja em salgueirais.

Passa uma aragem quente de prodígio!  
De um novo sol o resplendor a enfeita!

Toda a Bairrada ascende num fastígio  
De terra triunfal, de Terra Eleita!

O sol da Arte rola nos espaços  
E presta aos corações um fogo novo;  
E a mocidade ardente dá-se os braços  
Num abraço que enlaça todo o povo!

Sob esta luz que as almas enaltece  
Passam ondas de amor nos corações,  
e a vida bairradina refloresce  
Em fúlgidas e novas florações!

— Ondas de amor pela paisagem bela,  
Pelo ninho gentil de cada aldeia,  
Pela límpida e altívola loquela  
Das aves, pelo rio que serpeia...

Ó Vale do Cértima a ondular verduras!  
Ó Pateira de linfa sossegada!  
Ó Buçaco das épicas alturas!  
Ó Terra da Bairrada, ó Terra amada!

Bendita seja a lira que te canta!  
Bendita seja a enxada que te beija!  
Bendito seja o coro que alevanta  
Teu triunfal louvor, bendito seja!

Bendito seja o humilde cantador  
Que, em serões, romarias, arraiais,  
Levanta até aos astros teu louvor,  
Em versos lindos que não morrem mais!

Bendito seja o Alves das cantigas  
Simples como o cantar dos passarinhos  
Que andam na boca a rir das raparigas  
E sabem ao olor dos rosmaninhos...

Que o seu amor pela Bairrada linda,  
Perpetuado em límpidas canções,  
Acenda igual amor em chama infinda  
No sacrário dos nossos corações!

Note-se que a «Plêiade» quis ter hino próprio. A música ter-se-á perdido e da letra apenas se conhecem quatro versos, sem dúvida de autoria de Acúrcio Correia da Silva: «É lindo, é belo este viver, / Sempre sorrindo e trabalhando, / Cumprindo já nosso dever, / — Deixai passar o alegre bando!»<sup>54</sup>

O livro «Nas Curvas do Caminho», de António Rodrigues Pepino, publicado com chancela da «Plêiade» (Porto, 1922), apresenta um grupo de poesias designadas «Regionais» dedicadas à «Plêiade Bairradina, a todos os jovens que jornadeiam neste mundo de Cristo, levados no turbilhão da luta pela existência, volvendo todavia, a cada curva do caminho da vida, olhos saudosos para este abençoado chão onde nascemos — a formosa Região do Sol e dos Pâmpanos.»

Outros jovens poetas integraram a «Plêiade», para além dos quatro com nome publicado na *plaque* (António Barata, Sálcio Bairrada, António de Cértima e António Rodrigues Pepino, por esta ordem). Chico da Cruz, dr. Miguel França Martins, dr. António Vicente e Arménio Dolivais (Arménio Gomes dos Santos, inspector escolar nascido em Arrancada do Vouga, Águeda) fizeram-se notar no grupo, no qual sobressaiu com especial destaque o compositor Albano Cruz.

Chico da Cruz, ou Francisco da Cruz, tinha o pai a residir no Cercal, terra do padre Acúrcio; publicou o livro «Tardes de Sol», poesia com chancela da «Plêiade Bairradina», em 1922. Miguel França Martins, conservador do Registo Civil em Oliveira do Bairro, e António Vicente, médico em Bustos, irmão de Arlindo Vicente, também namoravam as musas.

Este grupo formou-se, aparentemente, ao calor crepitante da mensagem final das «Seroadas Fulvas» de Acúrcio Correia da Silva.

<sup>54</sup> Citado por José Pereira Teles, «In Memoriam» do padre Acúrcio, p. 58. Não confundir o hino da «Plêiade» com o «Hino da Bairrada», música de Albano Cruz sobre letra de Acúrcio Correia da Silva. Albano era irmão de Francisco Cruz, outro elemento do grupo.

Animava-o o tal «espírito regionalista», que começava a modular, no meio dos arrebatos líricos, a voz da terra bairradina.

À frente do grupo, transbordante de entusiasmo, ia o padre Acúrcio. Fazia-se ouvir o «Hino da Bairrada», com letra do sacerdote-poeta. O seu papel foi tão vincado que os companheiros nunca deixaram de lhe tributar admiração e elogio.

«Quanto lhe devemos nós, aqueles que fomos seus discípulos na Plêiade Bairradina? Quanto lhe deve a face espiritual da nossa região naquilo que de mais elevado e nobilitante a caracteriza e torna conhecida?», pergunta, afirmando, Chico da Cruz após a morte do padre Acúrcio (*In Memoriam*, 1959, p 32). Miguel França Martins, entre os vários outros depoimentos concordantes incluídos no mesmo livro, diz que o padre Acúrcio «foi um mestre das gerações do seu tempo que com ele privavam. (...) Exponente máximo da sua geração, ardia em convulsões febris por elevar, cada vez mais alto, a Região em que vivia e amava» (idem, pp 66-67). António de Cértima, em livro publicado em 1927, escreve: «O que há de trágico nesta morte prematura, é o saber-se de quantas energias e sedes poderosas de viver, de resistir ao nada, era feita aquela existência de aluvião, rica, e nervosa, e criadora como poucas, formada duma substância mental quase dionisíaca no ímpeto e pujança da sua plasticidade.»<sup>55</sup>

A ideia e o gesto de dar voz à região da Bairrada em 1918 e nos anos seguintes surgiam realmente como uma inovação fundamental. O Poeta Cavadador dedicara à «terra verde» uns quatro ou cinco improvisos, fazendo-se reconhecer como o cantor da Bairrada, e já antes, exactamente em 1845, António Feliciano de Castilho escrevera o tomo primeiro do «romance dos romances» intitulado «Os Mil e Um Mistérios» (o tomo 2, póstumo, saiu em 1907), junto com algumas poesias referidas a Aguim ou adjacências de Anadia, onde o poeta cego, ainda estudante, passou férias.

Em 1893, Fialho de Almeida publicara «O País das Uvas» (e este *país* tanto pode ser a Bairrada como o seu Algarve natal), livro com dois contos alusivos à Pampilhosa, Vacariça, Luso. Em

---

<sup>55</sup> In «Alma Encantadora do Chiado», ed. Atlântida, Coimbra, 1927, pp 239-240. O cap. «Sobre a morte de Sálcio Bairrada» tem dedicatória: «a Garcia Pulido / — Que muito o amou.»

1915, Feliciano Soares abria a sua carreira literária dando à estampa no Funchal o romancelzinho «Crucificadas», inspirado num seu caso pessoal e inserido em parte no ambiente bairradino de Águas Boas, Oiã. Adolfo Portela publicara as suas crónicas primorosas e os seus versos e correria de Águeda a refugiar-se no Fundão. Mas tudo isto era nota solta, não fazia toada.

Em suma, até 1918, que se saiba, ninguém mais tomara a região como tema literário-cultural concreto. A matriz regional não ousava aflorar com intencionalidade nas obras dos diversos autores, fossem ou não bairradinos, ao menos sob a forma aviltante do «regionalismo». Reduzia-se a mera ambiência e pouco mais. Com o padre Acúrcio, iniciou-se a viragem numa direcção nova ainda mal entrevista.

Fez-se notar a actividade e a influência cultural exercida pela «Plêiade» e os seus membros. A região cresceu com eles e eles avultaram na região, procurando erguer bem alto as suas maiores bandeiras: queriam viver a arte como uma religião e a religião como uma arte. A música, o teatro, a literatura e as artes plásticas tornaram-se presentes e frequentes nos meios bairradinos. Repetiam-se os saraus, as récitas, os concertos, as conferências, as exposições.

A morte do mentor da «Plêiade Bairradina», a 25 de Março de 1925, decapitou o movimento. O padre-poeta não teve continuadores e, deste modo, a causa que animava o grupo falecia com ele. No dia 11 de Abril daquele ano de 1925, Manuel Rodrigues Lapa, radicado em Lisboa, publicou no jornal «Correio da Bairrada» um artigo em que podem ler-se palavras de grande alcance. Dizia, nomeadamente: «Como homem de letras, o Padre Acúrcio era talvez a individualidade mais prometedora de toda a Bairrada. No seu livro *Seroadas Fulvas*, produção dos vinte e cinco anos, há versos indicadores de um autêntico poeta, que senhoreia já perfeitamente a forma. É o livro mais bairradino da Bairrada, não pelo que contém de terrantês — não surdiu ainda o Bulhão Pato ou o Monsaraz da nossa região —, mas pelo que nos promete no final:

“E o meu sonho seria pôr num poema estranho de ineditismo de estilo, toda a graça desta vida de trabalho, religiosidade e paz, em páginas de urdidura leve, para dizer todo o lirismo das vindimas, dos noivados e mais das procissões, e sobre que pairasse, bafejando-as de misticismo, o espírito regionalista da nossa Terra tão linda...”»

Vale a pena trazer para aqui o resto do texto do mestre anadiense sobre o padre Acúrcio:

«Não chegou a realizar o seu sonho em poema de fôlego, mas fê-lo de certa maneira em prosa, espalhada por revistas e jornais, sobretudo pelo *Povo de Anadia*, nas crónicas regionalistas de *O Meu Cantinho*. Era para mim, muito acima das contendas políticas da enérgica gazeta provinciana, a leitura mais grata, mais evocadora.

«Havia nessas aguarelas tonalidades que os meus olhos conheciam e gostavam de rever, tinha a impressão dum forte e sadio aroma do campo, que vinha lá de longe embriagar a minha solidão. A linguagem nervosa, inçada de neologismos, onde, de quando em quando, picava o vocábulo regional, bairradino, mais deliciava ainda. Deviam reunir-se, seleccionando-os, estes impressionismos do malogrado escritor. Mãos piedosas deviam respigar, em tudo quanto deixou, uma colectânea formosa, onde profundamente houvesse o espírito da Bairrada, à qual se pusesse o título que tão querido lhe fora em vida: — *O Meu Cantinho*.»<sup>56</sup>

Assim se pronunciou Rodrigues Lapa por ocasião da morte de Acúrcio Correia da Silva e hoje, volvidos mais de 65 anos, estas palavras soam com mais força. Nada se fez, a sugestão do mestre anadiense caiu nos pântanos das gerais indiferenças, mas talvez esteja agora a chegar a época para melhor compreendermos o esforço pioneiro da «Plêiade Bairradina» e de prosseguirmos e melhorarmos o caminho então aberto.

O grupo exprimiu-se em duas vertentes complementares, a lírica e a jornalística, mas empreendeu também as acções de outros tipos que já indicámos: conferências, exposições de arte, recitais de música, espectáculos de teatro. João Carlos (Celestino Gomes), Cunha Barros, artista aveirense, e Samuel Tavares Maia, pintor para além de poeta e dramaturgo, entre outros, participaram dessas acções, que se espalharam um pouco incidindo em Anadia, Curia, Oliveira do Bairro, Ílhavo, Aveiro, Coimbra, Albergaria-a-Velha, Murtosa, Estarreja, etc.

A irradiação cultural da «Plêiade Bairradina» tornou-se tão notável que fez nascer um grupo similar, a «Plêiade Ilhavense».

---

<sup>56</sup> Jornal «O Correio da Bairrada» (Anadia), 11-04-1925.

Existia em 1921. José Pereira Teles, animador de jornais, director de «O Brado», pertenceu a esse grupo.<sup>57</sup> Por outro lado, encorajou a formação de um designado «Grémio Académico Bairradino» em Coimbra, em Maio de 1919, e em 15 de Fevereiro do ano seguinte estreava-se em Aguada de Baixo a «Tuna Gente Nova», do Cercal, ensaiada e dirigida por Albano (Ferreira da) Cruz. A ideia, lançada pelo jornal, de abrir uma Casa da Bairrada em Lisboa não chegou a ganhar corpo...

No entanto, surgiram algumas dissensões dentro do grupo bairradino ainda em vida do seu mentor. Alguns dos poetas da «Plêiade» não chegaram a publicar-se em livro, a exemplo de António Barata e Miguel França Martins. Arménio Gomes dos Santos (Arménio Dolival) distanciou-se logo, e outro tanto acabaria por fazer António de Cértima, fixado em Lisboa. É de supor que a publicação do seu livro «Bodas de Vinho», em 1919, mal recebido por alguma crítica e que ele, muito mais tarde, já cônsul em Sevilha, republicou com emendas e outro título, alimentou uma discrepância surda entre ele e os elementos remanescentes do grupo, após o falecimento do padre-poeta. Por outro lado, forjaram-se amizades duradouras, por exemplo entre Cértima e Cunha Barros ou Celestino Gomes (João Carlos na arte), então estudante de Medicina em Coimbra com raiz em Ílhavo. Prefaciou e publicou de Cértima a «Volúpia do Mar», em 1925, novelazinha que Celestino Gomes situa na ambiência da Costa Nova.

São de notar a quantidade e o quilate das variadas publicações periódicas que nos anos de maior vigência da «Plêiade Bairradina» (1918-1925) circulavam na região e proximidades, nas quais escreveram os elementos do grupo: «Alma Popular» e «Gente Nova», «Correio da Bairrada», «O Ideal», «Ecos do Vouga», «O Brado» e «Beira-Mar», «O Nauta», «Povo de Águeda», «Soberania do Povo», «Povo da Murtosa», «Povo de Anadia», «O de Aveiro», etc. Além dos jornais existentes, apareciam também revistas por

<sup>57</sup> Conforme a revista «Terra dos Ílhavos» n.º 1, 31-01-1921, p. 10. Esta revista mensal, «de literatura, arte e educação», era editada pela própria «Plêiade Ilhavense» e dirigida por Américo Teles, Cesário da Cruz, David Rocha, Guilherme Ramalheira e Teodoro Craveiro. Na apresentação declaram que o afecto a Ílhavo neles se alarga, pela «sociabilidade consciente até ao amor regionalista — Bairrada sonhadora» e até ao amor pátrio.

vezes muito efémeras, publicadas nomeadamente em Ílhavo, Aveiro, Bustos. Avulta a conveniência de se proceder a uma avaliação sistemática do conjunto destas publicações a fim de se ficar a conhecer claramente a actividade cultural desenvolvida pelo grupo. Isso contribuiria certamente para estabelecer com mais rigor o cabouco da identidade regional da Bairrada e dos primeiros esforços feitos para esboçar a respectiva caracterização. Percebe-se, no entanto, que tal tarefa é desproporcionada para um único indivíduo, antes requer um esforço de equipa escorada em meios materiais suficientes.

A memória deixada por Acúrcio Correia da Silva e o valor da sugestão feita em 1925 por Rodrigues Lapa bem justificariam, só por si, uma iniciativa que resgatasse dos milhares de páginas dos velhos jornais, aliás hoje muito raros, os textos da «Plêiade» e possivelmente outros com igual interesse, a seleccionar e enquadrar devidamente. As perspectivas, porém, não parecem risonhas. A Bairrada ainda não parece madura para assumir a obra global do padre-poeta que, como escreveu Francisco Cruz, ergueu alto «a face espiritual da nossa região naquilo que de mais elevado e nobilitante a caracteriza e torna conhecida».

Notem-se as delongas por que teve de passar a homenagem que foi projectada, e mesmo prometida, logo no ano da morte do padre-poeta. Só veio a efectivar-se, não com uma dimensão regional mas só concelhia, decorridos uns 34 anos, por volta de 1959, com a inauguração do seu busto em Oliveira do Bairro e a publicação do «*In Memoriam* - Antologia», conforme relata Manuel Filipe no próprio livro (pp 11-14). Na verdade (e cumpre dizê-lo para escândalo de todos os bem pensantes!) a vivência cultural da Bairrada, onde se fazia sentir a irradiação da sua «Plêiade», atingiu na segunda década deste século um brilho jamais igualado, pois os anos seguintes foram de gradual apagamento.

Não eram apenas os jornais regionais que circulavam abundantemente (quem sabe se em maior variedade do que nos nossos dias?; mas hoje reinam os artificios do *marketing* da indústria cultural, sobretudo vê-se muita televisão; só que a televisão não «vê» a região... e não há indústria cultural que lhe pegue). Sucediám-se os actos de cultura aqui e ali, e o público afluía. Apenas em amostra, vejamos de relance as obras de teatro que o padre Acúrcio

deixou no seu espólio: nada menos de onze títulos. Ficaram inéditos na totalidade,<sup>58</sup> mas tudo indica que foram representados, todos ou quase todos, em vida do autor. O pormenor demonstra como, na Bairrada daquela época, grupos de amadores escreviam e encenavam textos teatrais, que representavam para os amigos em ocasiões escolhidas. Eram amiúde entremezes ou pequenos autos poéticos, dramas ou revistas a que não faltava, frequentemente, música e poesia compostas especialmente para o efeito por autores também bairradinos. E os saraus e as récitas, inclusive para crianças, repetiam-se um pouco por todo o lado.

Sente-se algo desta vivacidade cultural, hoje espantosa, folheando simplesmente o «*In Memoriam*» do padre-poeta. Os depoimentos dos seus contemporâneos são claros: Rodrigues Leônidas (p 53) indica que Acúrcio Correia da Silva escreveu canções, autos e pequenas comédias para crianças «com tanto êxito representadas»; José Pereira Teles (p 61) evoca saraus e récitas, quase sempre com fins caritativos, em Águeda, Anadia, Oliveira do Bairro, Ílhavo; Miguel França Martins (p 66) lembra um baite de Carnaval em que «o Acúrcio recitava “O Anarquista”, o Chico Cruz “A Noiva”, o Miguel “O Passeio de Santo António” e o Luís a humorística embrulhada da “Escatadapaderia”. Mas nessa noite fui mais longe que as costumadas “Penas” de Fernando Caldeira», etc. Até Acúrcio, na sua saborosa «Carta familiar» antologada (p 131), informa: «E mando o fado que cantei aí / Com as quadrazitas que escrevi.»

Sabe-se, por outro lado, de um «sarau dramático-literário» realizado na Associação Académica de Aveiro a 6 de Março de 1920, onde um estudante liceal e coro interpretaram música de Arménio Lafayete. António de Cértima escreveu os versos. Em Setembro de 1921, «O Democrata», jornal de Aveiro, anunciava para dia 28 uma festa na Curia organizada por António de Cértima e coadjuvada pela «Plêiade Bairradina». Incluía exposição de pintura por Cunha Barros e, à noite, sarau com Leal da Câmara e uma

<sup>58</sup> Ao que se julga, foram publicados somente alguns versos no suplemento *Terra Verde*, «Jornal da Bairrada», 04-05-1991, recolhidos do original da peça «O Voluntário da Guerra», drama em 3 actos», que o dr. Manuel Filipe facultou, muito roído pelos ratos e com o texto já sem condições de razoável recuperação. Todo o resto ter-se-á perdido ingloriamente não se sabe em poder de quem.

conferência pelo escritor dr. Garcia Pulido, ilustrada por Cunha Barros...

Todas estas indicações, somadas a outras lentamente coligidas no decurso de pacientes indagatórios, prefigura a imagem surpreendente de uma Bairrada então a vibrar com muito mais vida cultural própria. Numerosas pessoas escreviam nos jornais, publicavam poesias ou faziam-nas circular de mão em mão. Decoravam-nas e recitavam-nas com um gosto que depois se perdeu. Perdeu-se mesmo a memória de muitos autores da região que atingiram a notoriedade no seu tempo.

A partir da segunda metade dos anos vinte, a Curia encetou o período de grande desenvolvimento que a deixou colocada no lugar em que ficou aos olhos do país. Perto, na vila de Anadia, apareceram em 1922 os «Versos do Campo» do poeta popular José Francisco Moreira, «amigo do Alves, também da freguesia da Moita», como escrevia Manuel Rodrigues Lapa no prefácio do livrinho. A Condessa de Proença-a-Velha, autora de livros para crianças e compositora, ia de Lisboa passar férias a Anadia. Em 1927, Adão de Figueiredo brindava o lugar das termas com os versos de «Curia, Flor da Bairrada» (2ª ed., Lisboa, 1928) e, dez anos decorridos, Augusto Pires dava ao prelo o seu único livro, «Luz e Sombra».

A região mantinha o seu ambiente campestre tradicional, mas as exposições de arte, os espectáculos de teatro e cinema, os recitais repetiam-se. Atraíam decerto alguma mundanidade rústica: a jeropiga aparecia talvez ao lado do champanhe — mistura pouca, afinal. Nos flancos, a Bairrada tinha as cidades de Aveiro e Coimbra, enquanto as serras do Caramulo e do Buçaco continuavam a mirá-la de longe, pousada no regaço.

Multidões ocupavam-se dos trabalhos agrícolas, duros e contínuos, mas havia tempo para romarias, passeios e descantes. Um conjunto de pessoas letradas (proprietários ricos, funcionários, sacerdotes, gente com algum verniz de fidalguia, meninas de sociedade, comerciantes, intelectuais, etc.) acudia a saraus, recitais de poesia, exposições e palestras um pouco por todo o lado. Não se deslocavam, note-se, em cómodos e velozes veículos motorizados, que ainda eram raridade. Para a festa que se anunciava requeriam-se pausados preparativos e, na hora de largar, não era estranho ver partir uma família em peso...

Era público em quantidade suficiente para dar à Bairrada a animação que a região teve naqueles anos nimbados por um esplendor áureo que ficou a perdurar com um rasto de magia. Não há exagero no dito. Em prova, basta que se anuncie hoje, em Oliveira do Bairro, Ílhavo, Aveiro, Anadia, Águeda ou Mealhada digamos uma sessão de teatro ou de poesia, uma exposição de pintura ou uma conferência, e depois se fique à porta a contar as cabeças que entram. Não há dúvida, mudaram-se os tempos e, neste aspecto, não mudaram para melhor.

Entre os motivos que poderão aduzir-se numa tentativa de compreensão da mudança, deverá incluir-se este: os escritores e os artistas estavam naquele tempo mais próximos da comunicação popular. A região, no país ainda escassamente urbanizado, mantinha-se bastante livre de influências massificantes. Pôde começar a tomar consciência de si própria e a querer conhecer-se. Neste sentido, é notável o gosto pela redondilha que quase todos os poetas bairradinos manifestavam. A *elite* não desdenhava das fontes mais cristalinas do povo, celebrava-as!

Hoje impõe-se a necessidade de reatar o fio quebrado, isto é, de retomar e reacender o facho erguido pelo grupo da «Plêiade Bairradina» e, em primeiro lugar, por Acúrcio Correia da Silva. É preciso que a região volte a querer tomar consciência do seu ser cultural, abolindo os efeitos de certas «colonizações» da massificação nacional e toda a carga de alienação que associa. Isto, claro, com repúdio de qualquer escopo de «regionalismo» redutor, aceitável num princípio de século mas hoje inaceitável, antes projectando o regional no espaço que lhe é próprio, o nacional e o supra-nacional, e percorrendo-o em trânsitos sucessivos até relacionar o particular com o geral e o geral com o particular. O exemplo admirável deixado pela «Plêiade Bairradina» requiere-o de todos os bairradinos que pretendam sê-lo de corpo inteiro e, em especial, da sua gente de cultura.

# bibRIA



No início do século XX, a Curia, na freguesia do concelho de Anadia, era um simples lugarejo cujas maiores adormecidas no coração da Bairrada. At suas portas existia um apreciável motivo de atração desde 1865, mas desentendimentos pessoais, sobretudo na segunda década do século, e em meados do mesmo século, a Curia ergueu-se e desilgou-se aos olhos do país com uma das revoluções extraordinárias. Vale a pena evocar hoje algo das etapas percorridas e das iniciativas que ganharam a localidade, ainda quase completamente obscura, no lugar notório que

## QUANDO SE FEZ A CURIA

consciência de si mesma, também se afirmava pela primeira vez enquanto tal.

Não se pretende ignorar accidentalmente este movimento de exortação local, bem sucedido no movimento cultural que naquele decênio animava a região, promovido em especial pela «Folha Bairrada», grupo cultural literário organizado por António Coimbra de Silva em 1910, que se tornou ponto de encontro de muitas regiões pela imprensa e pela cultura. A Curia, porém, não se deixou vencer, sem prejuízo de si mesma, pelo entusiasmo que se fazia sentir no sequeiro de ideias e de iniciativas que se estavam a desenvolver de tempo e lugar e que não sugeria em algum tipo de reciprocidade. A Curia «desceu» então, aos olhos do país, «como a Bairrada».

Esta exortação é regida desde gesto largo, pois de contrário tornou-se um fiasco e a modesta aqui servida em petto de amargura. Bastou por este intuito uma pequena coleção de papéis que o tempo transformou em documentos expressivos para se chegar a ter uma ideia suficientemente clara e articulada. E esse ídolo deu ao bilbo que diversas actividades do Verbo ganharam na Curia quando a Bairrada também se ergueu e se afirmou, com uma voz solitária que procurava desmentir o mito da poesia «região dos pámpalos», também dita «terra verde».

Libera, capital das artes e das letras em férias, manifestando-se em boa medida para esp. localidades bairradinas, mas o Porto e outras cidades, inclusive de Sevilha, fizeram-se igualmente presentes. Havia feiras e chegadas e partidas quando uma mais numerosa de visitantes. A realização das «partidas», ou despedidas, ocupava alguns dias e remetia-se à vila de Anadia, onde se tinham



QUANDO SE FEZ A CURIA

bibRIA

No início do século XX, a Curia, na freguesia de Tamengos, concelho de Anadia, era um simples lugarejo entre muitos outros adormecidos no coração da Bairrada. As suas termas constituíam um apreciável motivo de atracção desde 1865, mas desenvolviam-se pesadamente. Porém, na segunda década do século, e em especial na última metade, a Curia ergueu-se e distinguiu-se aos olhos do país com uma desenvoltura extraordinária. Vale a pena evocar hoje algo das etapas percorridas e das iniciativas que guindaram a localidade, antes quase completamente obscura, ao lugar notório que desde então ocupa no plano nacional. Como veremos, a ascensão da Curia eclodiu numa época em que a região da Bairrada, ao tomar consciência de si mesma, também se afirmava pela primeira vez enquanto tal.

Não se pretende inserir mecanicamente este movimento de ascensão local bem sucedido no movimento cultural que naquele decénio animava a região, promovido em especial pela «Plêiade Bairradina», grupo cultural-literário organizado por Acúrcio Correia da Silva em 1918 que fez ecoar abundantemente os temas regionais pela imprensa da época. Pretende-se somente aproximar dois tópicos, sem prejuízo das suas diversas naturezas e consequências de raiz, no sentido de notar a relação que os liga numa curiosa consonância de tempo e lugar e que pode sugerir até algum laço de reciprocidade. A Curia «fez-se» então, aos olhos do país, «com» a Bairrada.

Esta evocação é traçada com gesto largo, pois de contrário tornar-se-ia fatigosa a matéria aqui servida em jeito de amostra. Bastará por certo folhear uma pequena colecção de papéis que o tempo transformou em documentos expressivos para se chegar a ter uma ideia suficientemente clara e articulada. E essa ideia dirá do brilho que diversas actividades de Verão atingiram na Curia quando a Bairrada também se erguia e se afirmava, com uma voz telúrica que procurava desenhar o rosto da poética «região dos pâmpanos», também dita «terra verde».

Lisboa, capital das artes e das letras em férias, transferia-se em boa medida para esta localidade bairradina, mas o Porto e outras cidades, inclusive de Sevilha, faziam-se igualmente presentes. Havia festa à chegada e sobretudo à partida, quando eram mais numerosos os visitantes. A tradição das «partidas», ou despedidas, ocupava alguns dias e estendia-se à vila de Anadia, onde senhoras

e cavalheiros da região, vindos da capital e de outros pontos, passavam a *saison* nas suas casas de campo. A voga do termalismo confundia-se com manifestações paralelas — culturais, desportivas, mundanas, recreativas — na crença algo inocente de um «progresso bom para todos». E a Curia, em ascensão até aos anos da Segunda Grande Guerra, refulgiu como um centro cultural da Bairrada em foco. Não prescindiu sequer de ter praça de touros, inaugurada no Verão de 1919.

Começemos por apreciar um folheto de 32 páginas, designado «Programa oficial das grandes festas de Verão na Curia», 1927.<sup>39</sup> Ilustrado por Roque Gameiro, na capa, e por Martins Barata, nos textos, o folheto abre com o artigo «Cómicas italianas do século XVIII», por Júlio Dantas, «O traje regional e os tipos populares», por Nogueira de Brito, «Algumas palavras de comentário - A função social da arte - Dois precursores», por Ant. Soares, pintor, e contém o «Programa Geral das Grandes Festas de Verão na Curia, levadas a efeito por iniciativa do jornal “O Seculo”, sob o patrocínio dos Ministérios do Comércio e Interior, com a colaboração da Repartição do Turismo, da Sociedade Propaganda de Portugal e do Automóvel Club de Portugal, e sob a direcção de Matos Sequeira e Leitão de Barros, de 28 de Julho a 2 de Agosto de 1927».

Estes dois directores, com renome à escala nacional, bastariam para credenciar as festas da Curia. Mas será também de notar a quantidade e a categoria das entidades, oficiais e privadas, associadas à iniciativa, reunidas em torno de «O Século», jornal então na máxima pujança. Nomes do maior peso em Lisboa e no país inteiro, como Palmira Bastos, Lucília Simões ou Erico Braga, aderiam às

<sup>39</sup> O folheto foi composto e impresso nas oficinas de «O Domingo Ilustrado», Lisboa. Mais de metade das 32 páginas são preenchidas com publicidade, que permitiria a sua distribuição gratuita. Mas até os anúncios, como veremos, apresentam motivos de interesse! Entretanto, liga-se bastante a este movimento a publicação dos livros «Curia, Flor da Bairrada», poesias por Adão de Figueiredo (Lisboa, 1927; reeditado em 1928) e «Curia», por Oliveira Luzes (1936). Por outro lado, não deixa de merecer referência a publicação de alguns artigos soltos em datas posteriores: «Machado de Castro em Aguium» e «Curia, sua estação e seu ano turfístico», por Soares da Graça, na revista «Arquivo do Distrito de Aveiro» em 1940 e 1945, respectivamente, e «Alguns aspectos da Curia nas minhas férias de 1946», pelo jornalista João Paulo Freire (cf. Manuel Ayres Falcão Machado *in* livro «Tamengos e a sua Estância Termal» (Coimbra, 1983, p 19).

festas e, durante seis dias, trocavam os palcos da capital pelo «Pátio das Comédias» da Curia.

O teor do programa justifica a inserção dos textos alusivos ao século XVIII e ao traje regional. Igualmente o desenho da capa, com cena de carruagens, cortesãos, burgueses, povo, mendigos. De facto, o programa abria com um desfile «do grande cortêjo de evocação histórica em que tomarão parte duas cadeirinhas, duas berlindas, um estufim e um carroção, lacaios, pagens, moços de tabua, etc., nos quais serão conduzidos à entrada do recinto da feira os comediantes e comediantas da companhia que vai representar no Pateo de Comedias.»

A seguir surge a inauguração da «Grande Feira das indústrias regionais tradicionalistas portuguesas», onde se expunham e vendiam ao público «os produtos da arte popular e erudita de caracter tradicionalista, tais como ferros forjados, labores de cantaria, encadernações, trabalhos de entalhador e ensamblador, rendas e bordados, mobílias pintadas, rocas e palitos ornamentados, esteiras e obras de esparto e palma, porcelanas, faianças e olarias vermelhas, vidros gravados e esmaltados, latões, antiguidades, chitas estampadas, tapeçarias, perfumes, ervas medicinais, doces conventuais, pratos e joias, gravuras e estampas, frutas e flores, e outros numerosos objectos.»

O programa incluía provas automobilísticas Curia-Luso-Curia, «festa americana» no Casino da Curia, entrega de prémios, fogos de artifício, concurso de tipos e trajos regionais com representantes dos concelhos dos distritos de Aveiro, Viseu e Coimbra, proclamação da rainha das festas e suas damas de honor, nova saída do cortejo histórico, cavalhadas populares na ilha do lago (no Parque) com a participação de «um grupo de cavaleiros da região executando os jogos classicos dos torneios do Seculo XVIII, festa veneziana no lago com 15 gôndolas tripuladas por figuras trajadas à moda setecentista que iam disputar corridas e jogos de flores a prémio, gincana popular para criadas, criados e corretores dos hotéis da Curia e pessoas em geral, sarau romântico no Palace Hotel com representação da peça da época «Casamento original», por Lucflia Simões, Erico Braga e D. Helena de Castro, recitação de versos de Garrett, canto, baile por alunas do Conservatório de Teatro, danças da época, desfile de *toilettes* de 1840, etc.

Do cartaz das representações no «Pátio das Comédias» constavam as peças «A locandeira» (ou, noutra designação, «A estalajadeira»), de Goldoni, «As guerras do alecrim e mangerona» e «D. Quixote de la Mancha», ambas de António José da Silva, o Judeu, distribuídas por quatro dias, à tarde e à noite, a crescer ao «Auto pastoril português», de Gil Vicente, representado no fim de um «sarau manuelino» no Palace Hotel do Buçaco. Os actores, actrizes e elenco restante provinham do escol lisboeta.

Tudo isto (aqui apenas a florado e com omissão de nomes sonantes em 1927 mas hoje pouco significativos) surpreende facilmente a atenção mais distraída. A comparação, ainda que mal comparada, entre o *então* e o *agora* torna-se inevitável. Pensa-se, por exemplo, no Casino da Curia, explorado pelo Bristol Club de Lisboa, que anunciava no folheto «música, baile, jogos e cinema todos os dias», agora que a Curia, redondamente, não tem cinema nem casino. Perante um programa de festas com tamanha alacridade, percebe-se o motivo por que Ant. Soares, pintor, homenageia «Dois precursores» no final do seu texto, concretamente «Mario de Freitas Ribeiro, actual director do Casino do Parque e igualmente director do Bristol Club, centro artistico de reunião elegante, onde dentro em breve os artistas portugueses terão seu circulo de Bellas Artes, e João Pereira da Rosa, director do "Seculo", principal organizador das Festas da Curia». A concluir, escreve: «Festejemos, portanto, a Curia, tornada symbolo vivo de engrandecimentos»...

As chamadas «Festas de Verão na Curia», nos anos vinte, repercutiram de facto no ambiente do país com notas vivas, associando inteligentemente arte, cultura, turismo, desporto e mundanismo como factores convergentes de animação e promoção. Na década seguinte, o movimento ascensional prosseguiu e manteve-se em bom ritmo. Uma passagem de olhos por uma vasta colecção de recortes de jornais<sup>60</sup> bastará certamente para dar uma imagem da evolução vivida.

---

<sup>60</sup> Conservam-se em arquivo no Palace Hotel da Curia colecções de recortes de jornais relativos aos anos de 1931 e seguintes. O hotel, porém, foi fundado em 1926. As notas que apresentamos sobre os anos trinta e quarenta baseiam-se numa consulta feita a essas colecções de recortes de imprensa portuguesa, brasileira e espanhola.

Em Agosto e Setembro de 1931, a Curia animou-se com uma «Semana da uva» e outras festas, um torneio de ténis por sinal ganho por Mário Duarte, e outras provas desportivas, eleição de «miss Curia», exposição de rosas, jantares «à americana», chás dançantes, etc. Um sarau romântico, com trajos de época, rendeu 1.280\$00 e reverteu metade desta quantia para as Casas de Jornalistas do Porto e de Coimbra. O jornal «Defesa de Anadia», «semanário republicano, defensor dos interesses da Bairrada», dirigido por Armando Magalhães, reagia contra um imposto sobre o vinho, anunciando: «A causa da Bairrada foi já apreciada e discutida em reunião do Conselho de Ministros.» A revista teatral «Cocktail», de Pedro Botelho, foi apresentada no Palace, hotel dotado com orquestra privativa.<sup>61</sup>

No ano seguinte, 1932, a época termal registou em Julho uma «grande feira sevilhana». Houve também um concurso do vestido de papel, festas de beneficência, um congresso, etc. O «Diário de Coimbra», jornal de grande formato, dedica à Curia toda uma primeira página. As revistas «Eva» e «Notícias Ilustrado», de Lisboa, e também «Noite Ilustrada», do Rio de Janeiro, publicam muitas fotos de actualidade mundana curiense. Algarvios, galegos e sevilhanos ali convivem em férias. Wanda Pimentel publica o artigo «Notícias do Paraíso», sobre a Curia, no «Diário de Coimbra, e a «Acção Nacional», de Anadia, transcreve-o. O «Sempre Fixe» insere um *cartoon* com a legenda: «Na piscina da Curia». «Alexandre de Almeida ao dr. Bissaia Barreto: — Ó senhor doutor! Isto está a calhar para complemento do “Ninho dos Pequenininos”...» Autor: F. Valença. Entretanto, o chefe do Governo, diplomatas e outras entidades visitam a Curia. Os redactores do «Comércio do Porto», em passeio anual, fazem outro tanto. O filme «As pupilas do Sr. Reitor», de Leitão de Barros, é ali projectado em ante-estreia, com a presença dos seus actores principais, nomeadamente da «vedeta» Maria Paula. O «Jornal de Notícias» embandeira em arco com a inauguração da chamada «Piscina-praia Paraíso» a 5 de Agosto de

---

<sup>61</sup> O espectáculo teve como contra-regra Gil de Almeida, director do Curia Sport Club e filho de Alexandre de Almeida (05/01/1885-21/07/1972), proprietário de uma cadeia de hotéis que incluía o Astória em Lisboa e o Palace na Curia. Aliás, deve referir-se o papel determinante desempenhado por hoteleiros da época na promoção da Curia naquele tempo.

1934. «A primeira piscina portuguesa», anuncia em título. Uma fotografia legendada celebra-lhe as dimensões: 33 x 18 metros.

O médico Luís Navega retoma o estudo das águas termais da Curia em 1934, já comentadas também em estudos por Feliciano Guimarães, professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, em 1930, pelo médico Manuel Pires em 1933, por J. S. Tavares em 1927 e outros. Luís Navega publicara em 1918 «Águas Medicinais - Curia».

Em Agosto e Setembro de 1935, com a nataçãõ a ganhar adeptos em todo o país, a «praia» da Curia anda na berlinda. A revista «Turismo» dedica-lhe capas, «O Norte Desportivo» enche com ela toda uma primeira página, enquanto Chianca de Garcia enceta as filmagens do «Trevo das quatro folhas» na Curia, com Beatriz Costa, Nascimento Fernandes e Procópio Ferreira.

Na época termal do ano seguinte, sucederam-se as festas, as feiras, os concursos. A estância mantinha-se em voga. O «Jornal de Notícias» publicou uma foto com dois netinhos do chefe de Estado à beira de uma bóia onde se lê «Paraíso / Curia». Repetia-se o lamento: «Se o Porto tivesse uma piscina Paraíso!»

Em Julho de 1938 sai o primeiro número do «Jornal da Curia», «folha de elegância e crítica da vida das termas», como suplemento do jornal «A Ideia Livre», de Anadia. O dr. Luís Navega, presidente da Junta de Turismo local, evoca o passado recente perguntando: «A Curia não terá sido inicialmente um pequeno manicómio onde meia dúzia de malucos gizaram um mundo de fantasias?» O poeta popular Augusto Pires, barbeiro na localidade, publica crónicas no suplemento, que no seu nº 5 (27-08-1938), já anuncia ter distribuído 6.800 exemplares. No Parque toca a banda do Troviscal e Saul de Almeida, animador das festas do Casino, organiza um concurso de quadras. O gosto por estes concursos poéticos em breve ia criar raízes na terra e ganhar relevo nacional.

A Curia tornava-se num centro desportivo notável. Em 1940, a par de manifestações culturais e mundanas, aconteceu uma «Semana das rosas» e a revista teatral «Mistério», de autoria de Manuel de Carvalho e José Feio, foi representada pela segunda vez no Palace.

O jornal «Diário de Coimbra» (15-10-1941) reclamou uma nova estação de caminho de ferro. «O pardieiro velho que actualmente ali vemos não corresponde à sua importância turística»,

observa. A primeira pedra seria colocada em Outubro do ano seguinte e a inauguração do novo edifício ocorreu em Agosto de 1944. O jornal «República» aludia à «Festa das vindimas», repetida diversos anos, e observa que na quinta do Palace existia «um curioso moinho, muito antigo, em plena laboração, cujo alvará é datado de há mais de duzentos anos».

Um artigo do «Jornal de Notícias» (08-06-1942) cita poesias de Augusto Pires: «Bairrada, estendida ao sol / Entre pinhais e vinhedos; / Do canto do rouxinol, / E da luz do arrebol, / Vais tecendo sonhos ledos.» «Riqueza que não reparte, / E terra que não dá pão, / Ambas possuem, que farte; / Pobreza no coração.»

Em 1943, faz-se notar o *slogan* «A Curia espera-o». Com a guerra mundial no auge, realizou-se um campeonato de ténis e uma «Noite da Bairrada». O «Primeiro de Janeiro» inseriu um grande desenho a cores sob a legenda «Os prazeres... da piscina!» e Ercília Pinto, em artigo no «Diário de Coimbra», declarou a Curia renascida graças ao apoio de Manuel Pinto de Azevedo Júnior, director do então muito influente jornal do Porto.

A hecatombe da guerra, apesar de tudo, fazia sentir os seus efeitos e, depois do armistício, em 1945, o quadro não mudou depressa de cores. Dir-se-ia que o eclipse cultural em que se afundava a região da Bairrada também não poupava a Curia. De resto, avolumava-se uma fadiga que convidaria ao afrouxar dos esforços de promoção das termas, tanto mais que o antigo lugarejo da freguesia de Tamengos se fazia reconhecer já claramente no plano nacional. A sementeira feita nas últimas dezenas de anos e o ambiente do pós-guerra forçavam uma pausa.

O programa das festas anuais perdeu em variedade e em alacridade. No entanto, iniciou-se em 1944 a realização de jogos florais anuais dedicados à Curia ou suas termas e à uva ou às vindimas, tradição esta que perdurou pelo menos até 1963.<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> Segundo indicação pessoal recebida de José Rodrigues Canedo, concorrente habitual dos jogos florais desde 1950. Acrescenta este poeta português que os Bombeiros Voluntários de Anadia organizaram os jogos florais de 1964, concurso que lhe deu a palma à semelhança de tantos outros certames. A parte do texto alusiva aos jogos florais da Curia baseia-se em grande medida em documentação e explicações fornecidas por Rodrigues Canedo, a quem o autor agradece.

Organizados pelo Curia Palace Sport Clube, do qual Gil de Almeida era presidente, os jogos florais mantiveram os trovadores do país de olhos pregados na Curia durante anos sucessivos, exercitando o gosto pela redondilha.

De acordo com o regulamento do certame, que estabelecia os dois temas — Curia ou termas e Uva ou vindimas —, um júri seleccionava as dez melhores quadras que depois eram votadas, com os seus autores no anonimato, pela assistência do «baile das vindimas», nos jardins do Palace. Era um processo inovador.

Nos jogos florais de 1945 foram distinguidas principalmente, entre outras, as seguintes quadras: «Curia, feliz cantinho / Cheio de graça e beleza, / Dás-nos a ideia dum ninho / No seio da natureza.» (1º prémio, Secundino Santos, S. João da Madeira). «Deus quis pôr na nossa terra / Um pedacinho de céu: / Casou amor com poesia / E a Curia nasceu!» (2º prémio, Maria Amélia Seabra Menano, Mogofores). Desta autora, mereceu o 3º prémio a quadra: «Com o cestinho de uvas / E o chapéu como um jardim / Eu nem sei se és Sulfamida / Se Vitamina pra mim.» Outra: «Nesta Curia invulgar / Pendem cachos de desejos / Que apetece vindimar / Numa vindima de beijos.» (1º prémio, Raquel Braga, Porto.)

No ano seguinte, 1946, a palma coroou esta quadra de autor coimbrão: «O Paraíso, na terra, / Notou Deus que não havia. / Quis preencher essa falta / E então criou a Curia.» Mas o júri dos jogos florais entendeu dever distinguir, em ordem decrescente, estas três: «Quem gosta de vindimar / vindima, mas, com cuidado, / pode a vindima acabar / com o coração vindimado!» (Dr. José de Freitas.) «Se o Dilúvio universal / fora sumo de uva / ...Noé não faria a Arca / nem abria o guarda-chuva!» (Dr. João de Abreu.) «A uva tão pequenina / Senhora do meu desejo / É bela, fresca, divina / Saborosa como um beijo.» (Dr. José de Freitas.)

Em 1949 o público elegeu a quadra do dr. Sousa Pereira: «Quando eu morrer certo dia / Descobre-se esta paixão, / Pois encontram a Curia / Dentro do meu coração...» O 1º prémio, também atribuído pelo público, coube ao maestro Alves Coelho: «Deixa beber devagar, / Saciar a sede louca, / Num cacho rubro, a sangrar / Pendente da tua boca.»

José Rodrigues Canedo, do Porto, conquistou o 1º prémio em 1950<sup>63</sup> com estes quatro versos: «Faz a uva, muita vez, / Esta vingança travessa: / A gente a pisá-la aos pés, / E ela a subir à cabeça!» Em 1956, o mesmo autor conquistou de novo aquele prémio: «Somente depois dos trinta / Devias trazer pintura / — A uva, quando se pinta, / É quando vai p'ra madura...»

Em 1956 realizaram-se pela 13ª vez os jogos florais da Curia. Ganhou a taça do «SNI-Turismo» esta composição: «Só a língua portuguesa / Este milagre faria: / — Expressir tanta beleza / Numa palavra — Curia.» (Miguel Aires Mendonça, Azambuja.) É de notar que os três primeiros autores classificados recebiam troféus ou taças.

No ano seguinte, 1957, duas redondilhas sobressaíram entre as demais: «Casa opulenta ou modesta / Que encontres no teu caminho / Pode ter vinho sem festa / Mas, nunca, festa sem vinho.» (1º prémio, taça «Bairrada», Maria da C. Ramires Santos, Olhão.) «Curia tal graça encerra / Que nunca se percebeu / Se é uma nesga da Terra / Ou um retalho do Céu.» (1º prémio, troféu SNI-Turismo e taça «Curia», Domingos da Silva Lino, Torres Vedras.)

Não é possível trazer para aqui mais do que algumas migalhas soltas de tão nutrido florilégio, onde encontramos nomes de autores principais junto com nomes obscuros. Para terminar, citem-se as duas quadras mais distinguidas em 1959: «Três vides no quintalinho / Da nossa casa modesta: / Com uvas, fazemos vinho; / Com vinho, fazemos festa!...» (1º prémio, taça «Junta Nacional do Vinho», Manuel Lopes Pereira, V. N. de Gaia.) «Há no Céu, a Divindade. / No Infinito, a Grandeza. / Há no Mar, a Majestade. / Há na Curia, a Beleza!» (1º prémio, troféu SNI-Turismo e taça «Curia», Miguel Ayres de Mendonça, Alcoentre.) De 1961, para finalizar, só mais quatro versos: «Eu, amor, comparo às uvas / Esses lindos olhos teus: / As uvas dão vida à gente, / Teus olhos dão vida aos meus!» (1º prémio, António G. Carneiro Ventura, Porto.)

Vinte anos de jogos florais na Curia elevaram a localidade quase à categoria de «centro de poesia» a pulsar anualmente no

---

<sup>63</sup> José Rodrigues Canedo nasceu em 1918. Em 1950 tinha 32 anos de idade. Ganhou em oito dos jogos florais, realizados de 1950 a 1961, dois primeiros e dois segundos prémios, bem como seis menções honrosas, com quadras sobre os dois temas habituais, «Curia» e «Uva».

coração da Bairrada. Produziram, sem qualquer dúvida, uma larga cópia de composições poéticas que dormem no sótão ou se perdem no lixo mas que parecem bem dignas de recollecção. Uma recolha antológica das vinte quadras seleccionadas em cada ano reuniria em volume perto de quatro centenas de redondilhas, as populares «quadras», pequenas jóias literárias em que simplicidade e arte poética se aliam em achados admiráveis.

De qualquer modo, os jogos florais da Curia brilharam como fogaréu na escuridão da noite que caía, até que, em 1964, ao que parece, desapareceram de todo. Persistem, porém, em algumas memórias. Contrastam com a soturnidade que envolveu a região numa espécie de ensurdecimento cultural. A «região dos pântanos», como o veleiro, ficou encantada dentro da garrafa. Espera, em cima do armário, por mão amiga que a livre da rolha.

bibRIA

Em alguns pontos da área abrangida pelas terras do Carando e do Buçaco, por uma banda, a Géniera e as cidades de Coimbra e Aveiro, pelas outras bandas, têm sido descobertas vestígios arqueológicos de construçoes e sedimentos humanos associados às culturas neolítica, calcolítica, romana, mourisca. Não raro se situa dentro dos limites que à Bacia de Coimbra atribuímos, para além do que vamos contemplar aqui, por certo abrangido numa parte do seu quadrilátero exterior, vestígios de vestiduras bestiais (Bacia de Coimbra) e vestígios de amadouramento da madeira (Bacia de Coimbra).

## ARQUEOLOGIA REGIONAL

### Breve Relance

bibRIA

\* Região (Bacia) é um termo técnico usado para designar, sobre a terra, o espaço físico delimitado por duas linhas: a primeira de Coimbra e a Bacia portuguesa da Vila de Coimbra, por Alberto Santos, no livro "Aspecto Geográfico de Aveiro", nº 17, Maio, 1937 e a segunda de Coimbra e a primeira da Bacia portuguesa da região de Coimbra, por L. C. Gomes Pereira, no "Geographica", 1937, Tercio e seu Tercio, nº 4, Maio, 1934.



Em alguns pontos da área flanqueada pelas serras do Caramulo e do Buçaco, por uma banda, a Gândara e as cidades de Coimbra e Aveiro, pelas outras bandas, têm sido descobertas estações arqueológicas ou construções e sedimentos isolados atribuídos às culturas neolítica, castreja, romana, mourisca. Nem tudo se situa dentro dos limites que à Bairrada poderão atribuir-se, pois algo do que vamos contemplar estará por certo abrangido numa faixa da sua envolvência exterior; porém, a relação de vizinhança bastará para justificar as inserções no enquadramento da mesma zona de influência etnológica.

O contorno da Bairrada continua impreciso. Sem vacilações sabe-se apenas que o coração da região palpita no vale do rio Cértima, onde os paleontólogos apontam marcas de uma fauna com espécies dignas de registo: *elefans antiquus*, hipopótamos, *équus*, veados.<sup>64</sup> Mas a região não tem só coração, também tem corpo, que no entanto queremos deixar por ora rodeado pela sua envolvência natural e como que diluído no enquadramento. Tentaremos ver essa mancha geográfica no mapa com o desejo de nela começarmos em breve a espetar umas bandeirinhas mentais de variadas cores.

Os locais e materiais de valor arqueológico abrangidos pela ampla área contemplada já foram objecto de estudos competentes em certos casos, mas, reccamos, não sistemáticos nem definitivos a nenhum título. Falta também elaborar uma imagem de conjunto mais ou menos completa que atenua a carência e a dispersão das fontes e, ao mesmo tempo, para elas chame a atenção: é este, em resumo, o objectivo do presente bosquejo. Os estudos arqueológicos com incidência na região e na sua envolvência tornaram-se raríssimos nos últimos cinquenta anos, aspecto que ilustra os apertos que travam a investigação especializada neste campo (quando é certo que noutros pontos do país tais estudos têm avançado nos últimos anos por vezes de forma notável, nomeadamente com apoio dos respectivos

---

<sup>64</sup> Forjacas (Mealhada) é um ponto principal focado pelos paleontólogos. Sobre o assunto, aproveita a leitura designadamente de dois estudos: «A geologia do Quaternário e o Homem paleolítico do Vale do Cértima», por Alberto Souto, revista «Arquivo Distrital de Aveiro», nº 17, Março, 1939; e «As aluviões da Ribeira do Cértima e a presença do Homem pré-histórico na região da Mealhada», por L. C. Gama Pereira, rev. «Pampilhosa - Uma Terra e um Povo», nº 4, Abril, 1985.

municípios). A própria divulgação dos estudos feitos em tempo e publicados em revistas ou livros de circulação restrita, tornou-se escassíssima, limitando-se a indivíduos e sectores normalmente «fechados» pelas circunstâncias.

Não admira, pois, que seja mal conhecida, apreciada e divulgada a riqueza arqueológica da região e sua envolvência. Parece reinar mesmo a impressão (infundada, é claro) de que não se encontram ali quaisquer monumentos arqueológicos dignos de verdadeira consideração. E porque os estudos especializados são poucos e não circulam suficientemente, as luzes já produzidas não conseguem debelar a invasão das sombras. Os melhores casos têm-se limitado a merecer um tratamento sumário, de mera afloração, em que se jogam hipóteses científicas e não se atingem conclusões — vejam-se os estudos dedicados à estação de Cacia e ao problema da localização de Talábriga, ou à estação de Cabeço do Vouga, por exemplo — e os casos restantes tendem a permanecer na forma de conjecturas por vezes muito vagas e decerto muito curiosas mas também desprovidas de documentação fiável suficiente, ou na forma de simples intuições inspiradas por lendas, ou de lendas inspiradoras, dada a inexistência quase absoluta de programas de pesquisa sobre o terreno.

Os estudos arqueológicos recentemente elaborados, alusivos à área bairradina, são tão poucos que podemos lembrá-los desde já: um «Levantamento arqueológico de seis freguesias do concelho de Anadia», trabalho dactilografado de Carlos Manuel dos Santos Capela feito no âmbito do curso de História/Arqueologia da Faculdade de Letras coimbrã em 1982/83, e um «Esboço arqueológico do concelho da Mealhada», trabalho de natureza similar, também dactilografado, de José Machado Lopes e José Carlos Varela (*idem*, 1980), ambos não divulgados; e o estudo encetado ainda por José Machado Lopes sobre a chamada «estação luso-romana das Areias» (Vimeira, Mealhada).<sup>65</sup>

Por outro lado, anunciam-se por fim dois programas de escavações: no «Cabeço da Mamoá», em Mamodeiro (Aveiro), descoberta de Alberto Souto em 1941 mas nunca escavado, e no

<sup>65</sup> Ver «Jornal da Mealhada», de 16-03-91 a 15-05-1991 (quatro números).

lugar da falada «cidade romana de *Vacca* ou *Vaccua*», no Cabeço do Vouga (Lamas do Vouga, Águeda), que poderão ser úteis ao esclarecimento da controversa identificação do castro do Marnel. E, nos últimos cinquenta anos, isto, que é tão pouco, é (quase?) tudo!

A escassez de pedra em boa parte da «terra verde» bairradina pode sugerir uma correlativa escassez de monumentos arqueológicos na região, um pouco a lembrar o caso de Menfis, a antiga capital do império faraónico construída com materiais perecíveis (os adobes, em especial) que os tempos varreram drasticamente, e as heranças árabicas que a Bairrada recebeu durante uns séculos e compaginou com as romanas. No entanto, apesar de tudo, não são poucas as referências que podem coligir-se aos locais e aos materiais de interesse arqueológico emergentes na área focada, a demonstrar que os povoamentos aí se iniciaram nas mais remotas idades.

Se quisermos dar a esta pequena incursão um pouco de ordenação cronológica, começaremos naturalmente por atender às construções megalíticas do período neolítico, as designadas mamoas, antas ou arcas e dolmens, monumentos funerários dos mais idosos que a arqueologia contempla. Existem (restam!) na região alguns espécimes a descoberto, por exemplo o dolmen que Francisco Dias Ladeira estampou na capa do primeiro volume do livro «Município de Águeda» (sem data: 1984?) e que se encontra a escassas centenas de metros da estrada Águeda-Caramulo, logo após S. João do Monte. «A uns 15 metros a sul do dolmen passa a estrada romana do Marnel (Talábriga), a Viseu», indica o mesmo autor (p 23).

Francisco Ladeira, na obra que consagrou àquele concelho e na página já citada lembra outros monumentos neolíticos similares: na Macida do Beco, freguesia de Macinhata, com espólio «normal na maioria dos dolmens»; na Maçoida, espécimes escavados por Sousa Baptista «são destituídos de mesa e corredor, mas denota-se a *mamula*, de cerca de 8 metros de diâmetro»; em Serém, junto da via romana, a «mamoas» em parte posta a descoberto e logo abandonada no meio de um eucaliptal, etc.

No segundo volume da obra, Ladeira refere-se, entre outros, ao dolmen da Piedade, na freguesia de Espinhel, que ostentava curiosas incrustações num dos seus esteios e em cujo espólio

apareceu uma taça cheia de moedas de ouro. Apoiando-se em indícios e observações pessoais, o autor aponta também a existência de um dolmen (inutilizado) em Aguada de Baixo, a sua freguesia natal.

João Domingues Arêde, em opúsculo publicado em 1925, observa que na Macieira de Alcoba (Águeda) se encontravam mós manuais, pegadas de gente moça fossilizadas, grutas junto do rio e também nas imediações do Préstimo, com escórias e outros elementos de fundição de metais. A via romana passava por ambas as localidades, Préstimo e Macieira de Alcoba. Na vizinha terra de S. João do Monte tinham sido achados «machadinhos de pedra e, próximo do Valle do Lobo, da mesma terra, tres mamôas que serviram de tumulos.»<sup>66</sup>

A mamoa identificada em 1941 por Alberto Souto, em Mamodeiro, e que em breve irá ser escavada, é tida desde já como espécime único no concelho de Aveiro.<sup>67</sup> Situa-se num lugar ermo de pinhal conhecido como Cabeço da Mamoa e resultou com certeza da atenção inicialmente prestada aos topónimos em causa: Mamodeiro, Cabeço da Mamoa. Na verdade, certos nomes de lugares antigos podem fornecer indicações preciosíssimas, e é neste sentido que o topónimo Mamarrosa, freguesia do concelho de Oliveira do Bairro, anda frequentemente interpretado como «mamoas». Perto, nos lugares de Bustos e Caneira, também haveria mamoa, pois em tombação feita em 1683, de propriedades que eram do marquês de Marialva, aparecem ainda várias referências a terras situadas na zona das *Arcas*.<sup>68</sup> Igualmente em Sangalhos, no vale do Cértima, há

<sup>66</sup> «Estudos Regionais - Subsídios para a História da antiga terra do Préstimo e terras que foram do seu Termo», por João Domingues Arêde, Couto de Cucujães, 1925, pp 11-14.

<sup>67</sup> Sobre o assunto, interessa a leitura do artigo «Monumento megalítico de Mamodeiro», por Maria Miguel Lucas, in «Boletim Municipal de Aveiro» nº 13/14, 1989; idem, nº 19, 1992, pp 45-46.

<sup>68</sup> Devemos esta anotação a Armor Pires Mota, que acrescenta: Por exemplo, na tombação, «Simão Pires, de Bustos, fazia uma propriedade nas *Arcas da Caneira*; João Simões, da Caneira, foreiro de casas e currais que confrontavam com a estrada velha que dava para Aveiro, fazia duas terras, uma no sítio das *Arcas* e outra no sítio das *Arcas das Fontainhas*, também junto à estrada que seguia para Aveiro.» Entretanto, será de notar que as designadas mamoa formavam conjuntos, ainda que desses conjuntos antigos hoje só restem unidades isoladas.

lugares ainda hoje conhecidos como de «mamoas». Só uma pesquisa competente e aturada na região permitirá estabelecer as destriças e descartar as meras pretensões, embora não deva perder de vista, em última análise, que um determinado monumento megalítico poderá realmente ter sido detectado num dado sítio e não ter para nós deixado sinais para além de vagas memórias. Falamos de monumentos do período da pedra polida, anterior à era dos metais!

A carência de pedra que actualmente se verifica em bastantes extensões da Bairrada pode não ter sido aí sempre tão generalizada. Por outras palavras, admite-se que os megalitos necessários à construção das populares arcas e mamoas (designações derivadas do aspecto das suas formas) tenham podido estar presentes em lugares da «terra verde» hoje talvez insuspeitáveis. Enfim, algum monumento megalítico intacto poderá esconder-se ainda num local da região, soterrado há milénios por uma colina protectora, como acontece no Cabeço da Mamoá.

Os construtores da cultura castreja precisaram de pedras para erguer as suas características casas circulares, mas não se cansaram a manusear, com prodígios de força titânica, os poderosos megalitos do período neolítico. Todavia, com dimensões muito menores, as construções castrejas mostraram-se de certo modo mais vulneráveis aos estragos do tempo. As ocupações dessas casas e citânias remontam à idade do Bronze Final, mas ainda assim, restam vestígios e registos apreciáveis desta cultura na região.

Armando Coelho Ferreira da Silva, na obra «A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal»,<sup>69</sup> admirável trabalho de síntese, contempla, no distrito de Aveiro, os concelhos de Aveiro, Ílhavo,

---

<sup>69</sup> Edição do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, 1986, 367 pp + Estampas. Constituiu a prova de doutoramento do autor e é obra de referência indispensável. Jorge de Alarcão, em Prefácio, alude à reconstituição do «modelo» da habitação castreja conseguida por Armando Coelho: «Os dados de escavações particularmente bem conduzidas, interpretados em função do que se conhece sobre a estrutura da família, a actividade económica e as práticas funerárias, permitiram-lhe reconstituir esse espaço [da citânia] do viver quotidiano, esse recinto murado com vários edifícios virados a um pátio normalmente lajeado, com seu redil de gado, seu recanto onde as cinzas dos mortos se enterravam.» (p 11).

Águeda, Albergaria-a-Velha, Sever do Vouga, Estarreja, Vale de Cambra e outros situados mais para norte, abrangendo portanto os cimos da região que nos ocupa e não a sua totalidade. Porém, faz referências ao Monte de S. Julião, Cacia, e Aradas, Verdemilho, no concelho de Aveiro; ao Cabeço do Vouga, Lamas do Vouga, e a Recardães, freguesias do concelho de Águeda onde encontramos lugares chamados «Craсто»; e a S. João do Monte, Cristelo, Castelo de S. Gião, Branca, e Cristelo de Serém, no concelho de Albergaria-a-Velha. Relativamente a Aguada de Cima (Águeda), o autor comenta uma inscrição alusiva ao culto local de uma divindade céltica nos seguintes termos: «e ainda, mostrando características próprias com dativo céltico, a inscrição dedicada a *Cusei P* (ou *R)aeitico* na franja meridional da cultura castreja».<sup>70</sup>

Um outro castro despontava precisamente no Monte Craсто (Anadia), no coração da Bairrada. Joaquim da Silveira e Leite de Vasconcelos, que visitaram o *Castro de Arcos* em Setembro de 1910, classificam-no como “um castro lusitano autêntico” (conforme o primeiro escreve em artigo dedicado ao assunto no “Jornal de Anadia”, 13-01-1912). José Rodrigues referiu-se-lhe também em artigo publicado em 1976.<sup>71</sup> Este autor declara-o fundado na época romana e anota que dele «resta vária tijolaria, uma soterrada e outra dispersa por entre o silvado que reveste parte da encosta». O castro dominava perfeitamente o traçado da antiga estrada militar romana de Olisipo a Bracara Augusta (Lisboa a Braga), observa José Rodrigues, que escreve ainda: «Propriamente o que haveria de construções castrejas deve ter sido destruído pela instalação já antiga, que ocupa grande parte da plataforma cimeira, do cemitério paroquial e da capela de Nossa Senhora das Febres.»

Alguns autores mostram acreditar que existiu também um castro no lugar atribuído a Talábriga, em Cacia, e outro na «cidade» junto ao rio Marnel, num tempo em que os rios Vouga, Águeda e Cértima desaguavam directamente no mar. Porém, como acentua Armando Coelho na obra citada, é problemática a localização

<sup>70</sup> Obra cit., p 288.

<sup>71</sup> Artigo «Anadia», rev. «Aveiro e o seu Distrito», nº 21, Junho, 1976, p 24.

de Talábriga e Lancóbriga, o que, apesar de tudo, não impede que as estações arqueológicas de Cacia, Cabeço do Vouga e Marnel disponham já de um relativamente vasto conjunto de estudos.<sup>72</sup>

Com isto, entrámos francamente no período da cultura romana, que aparece documentada com abundância porque a romanização foi intensa na região. Patenteia-se nas estações arqueológicas referidas, na via militar dita de Antonino Pio, que atravessava a Bairrada por Mealhada-Águeda, da qual restam pelo menos dois marcos miliários com epigrafia decifrada,<sup>73</sup> para

<sup>72</sup> No livro «Districto de Aveiro» (1877), Marques Gomes sustenta que a velha Talábriga ficava em Cacia, apoiando deste modo o corógrafo quinhentista Gaspar Barreiros. Alberto Souto parece concordar até certo ponto com a tese no seu estudo «A estação arqueológica de Cacia - Primeiras palavras - Primeiras impressões» (Aveiro, 1930; texto reed. in livro «Cacia e o Baixo Vouga. Apontamentos Históricos e Etnográficos», Aveiro, 1984). Ver também, na revista «Arquivo do Distrito», entre outros, os artigos: «Talabriga», pelo p<sup>o</sup> Miguel A. de Oliveira (n<sup>o</sup> 14, 1938); «Ainda o *ubi* da Talabriga», por João Domingues Arêde, abade aposentado de Cucujães (n<sup>o</sup> 29, 1942) e «Romanização do Baixo Vouga (Novo *oppidum* na zona de Talábriga)», por Alberto Souto, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia», Porto, 1942; e, enfim, «Numisma com a effigie de Honório», por João Sarabando, rev. «Aveiro e o seu Distrito», n<sup>o</sup> 21, Junho, 1976. Acerca do Cabeço do Vouga e do Marnel, leiam-se nomeadamente, na rev. «Arquivo do Distrito de Aveiro», os estudos: «Estação luso-romana do Cabeço do Vouga. - I Terraço subjacente à ermida do Espírito Santo, ou da Vitória», por A. G. da Rocha Madahil (n<sup>o</sup> 27, 1941); «Senhores do Marnel II», por A. A. de Sousa Baptista (separata, 1953); «Vestígios de vias romanas no concelho de Águeda», por Joaquim Soares de Sousa Baptista (n<sup>o</sup> 30, 1942); e, por fim, «Da Emfnio ao Casal de Lausato - Os primeiros senhores de Águeda», por Deniz de Ramos, rev. «Aveiro e o seu Distrito» n<sup>o</sup> 33, 1984.

<sup>73</sup> Sobre as vias romanas na região e seus marcos miliários, e sobre a romanização em geral, ver, entre outros, as obras: «Subsídios para uma Carta Arqueológica do Distrito de Aveiro no período da Romanização (Coimbra, 1956); «O Couto de Aguim», por José Rodrigues (Anadia, 1959, pp 10 e segs.; pp 150 e segs.); «Município de Águeda», por Francisco Dias Ladeira (Águeda, 1984?, I vol., pp 29 e 32); e naturalmente «As Grandes Vias da Lusitânia», por Mário Saa. E dois artigos na rev. «Arquivo do Distrito de Aveiro»: «Estradas romanas no distrito de Aveiro», por J. Domingues Arêde, e «Vestígios de vias romanas no concelho de Águeda», por Joaquim Soares de Sousa Baptista (n<sup>o</sup> 30, 1942); na rev. «Aveiro e o seu Distrito», outros dois artigos: «O marco miliário da Mealhada», por Artur Navega Corrêa (n<sup>o</sup> 11, 1971); «Da Emfnio ao Casal de Lausato - Os primeiros senhores de Águeda», por Deniz de Ramos (n<sup>o</sup> 33, 1984); e «A via militar romana», por Francisco Dias Ladeira (rev. «Aqua Nativa», n<sup>o</sup> 2, 1992), etc.

além de *villas* e espólios a esmo. Ainda hoje são frequentes os achados quando os agricultores lavram com tractor, abrem caboucos ou procedem à abertura de furos para captação de água. Por vezes os novos poços atingem dezenas de metros de profundidade, mas quase sempre os achados se perdem lamentavelmente. Por sorte, não foi esse o caso de um forno cerâmico encontrado em data recente a três metros de profundidade, em Costa de Arribas, lugar de Eixo (Aveiro). Consideraram-no remontável ao século VI ou VII da nossa era e acreditou-se que, naquele tempo, o forno se situaria à beira de água, precisamente na margem sul do braço de mar que se alongava até ao Marnel, o que facilitaria o transporte fluvial ou marítimo dos produtos fabricados.<sup>74</sup> O achado tem o mérito de documentar a longa idade das tradições cerâmicas da região, tanto mais que o forno aparece num local chamado «Barreiro».

Dulce Emília Alves Souto é a autora dos «Subsídios para uma Carta Arqueológica do Distrito de Aveiro no período da Romanização» (Instituto de Arqueologia de Coimbra, 1956) que vale a pena compulsar. Por outro lado, José Rodrigues dedica à romanização um capítulo no livro «O Couto de Aguium», onde refere uma ara votiva, que mostra em gravura, e variados outros vestígios da mesma cultura. Deniz de Ramos, no artigo citado em nota, insere em mapa *villas* romanas nas cercanias de Águeda. Viriato de Sá Fragoso<sup>75</sup> também aponta outros testemunhos da ocupação romana no concelho de Cantanhede, anotando que em livro anterior dera desenvolvida notícia de achados arqueológicos na freguesia da Pocariça, no mesmo concelho, tais como moedas romanas de prata e cobre, esqueletos humanos, mós manuais, sepulturas, olarias, etc. Recentemente, uma notícia de jornal deu conta da descoberta de

<sup>74</sup> Sobre o «forno suevo-visigótico» de Eixo, ver o «Boletim Municipal de Aveiro» nº 6, 1985, p 41, e nº 7, 1986, pp 25-26. Por outro lado, sabe-se da existência de fábrica de telha na vila de Eixo por indicação contida em testamento feito em 1555 por Jorge da Silva, morador que foi no lugar da Granja de Cima, escudeiro da princesa Santa Joana. Em 1722 ainda funcionava um forno de telha naquela vila (ver o «Boletim» citado, nº 3, 1984, p 43).

<sup>75</sup> No livro «Cantanhede - Subsídios para a sua História» (Coimbra, 1960, pp 9-12). Antes Viriato de Sá Fragoso publicara um livro sobre a sua terra natal, «A Freguesia da Pocariça» (1939).

um tesouro junto de restos de paredes, cerâmica e algumas sepulturas, no lugar de Pardieiros, perto de Portunhos, Cantanhede: cerca de um milhar de moedas romanas dos séculos IV e V.<sup>76</sup> Em Sangalhos registaram-se outros achados de moedas romanas. No Barcouço, Mealhada, povoação muito antiga, também têm sido encontrados vestígios romanos e anteriores, provavelmente do neolítico. Mas a lista alonga-se. Em resumo, a romanização deixou espalhados pelo terreno testemunhos em variedade e quantidade ainda hoje admiráveis.

Manifesta-se, porém, a tendência para deslocar esses testemunhos, quando se afiguram valiosos e transportáveis, da região para centros periféricos: Coimbra, Aveiro, Conímbriga. Viriato de Sá Fragoso indica alguns museus que guardam peças do espólio cantanhedense e outros autores agem identicamente. E quando o visitante da região com elas se depara, dificilmente sentirá como «suas» aquelas peças assim deslocadas: o museu como que dissolve ou incaracteriza o que antes pertenceu a um certo lugar.

Da cultura mourisca restam vestígios amiúde de natureza diferente. Relacionam-se em especial com a linguagem, as técnicas, o imaginário, os costumes, substratos pouco palpáveis em abordagem arqueológica. Numa síntese tão abreviada como esta se pretende não é possível mencionar nenhum espólio significativo. A influência árabe patenteia-se de outros modos na região, sobretudo em expressões culturais, incorpóreas.

As pesquisas e os estudos da arqueologia devem avançar mais e melhor, e sem demora, na Bairrada e sua envolvência. É urgente promover campanhas de escavações criteriosas e bem orientadas. Concluiu-se já que, em certos casos, não adianta descobrir o que estava soterrado, portanto bem conservado, e logo o deixar a céu aberto, exposto a múltiplas predações, quando os conhecimentos obtidos por essa via nem sequer justificarem o esforço da escavação. Escavar por escavar é pior que fazer chover no molhado, ouve-se dizer em círculos especializados. A região, no entanto, está demasiado longe de pisar tal risco. Sabe ainda pouco de si mesma e carece de saber mais.

---

<sup>76</sup> Segundo o jornal «Auri-Negra» (Febres), de 12-12-1991. O IPPC (Instituto Português do Património Cultural) e os Serviços de Arqueologia do Centro intervieram no caso.

# bibRIA



LETRAS BARRADINAS  
Primeras Abenda

bibRIA

O desenvolvimento dos estudos focados sobre os valores culturais da Bairrada condenou a nossa antologia das obras literárias relacionadas com a «região dos pântanos», publicada em 1990, a mostrar-se bastante incompleta decorridos que foram dois breves anos. As pesquisas feitas no terreno não deixaram de produzir resultados, ao ponto de se impor a necessidade de actualizar aquela antologia com a presente adenda.

Aparece designada como a primeira — inculcando portanto a possibilidade de futuros acrescentos — porque o avanço dos trabalhos de recuperação dos valores culturais bairradinos, a continuar, enseja uma expansão crescente dos conhecimentos nesta fase de reasunção do património histórico-cultural da região que se encontrava praticamente perdido. Será bom, enfim, que o actual movimento de renascimento se alargue e não mais esmoreça.

No livro «Letras Bairradinas» antologiamos obras muito raras ou dispersas, de ficção e poesia, visando reunir contributos para uma identificação dos elementos estético-literários caracterizantes da Bairrada. Pertencem a uma dúzia de autores: Bernarda Ferreira de Lacerda, António Feliciano de Castilho, João de Lemos, Fialho de Almeida, Manuel Alves, Adolfo Portela, Tomás da Fonseca, Acúrcio Correia da Silva, José Francisco Moreira, Augusto Pires, António de Cértima e Pedro Homem de Mello — todos falecidos. Na *Introdução* do livro (p 25) se lamentava no entanto que as obras de autores como Adão de Figueiredo, Feliciano Soares e Jessé de Almeida não tivessem estado acessíveis à leitura e se previa a sua inclusão na mesma antologia quando viesse a ser reeditada.

Tal reedição, porém, parece ainda estar longe, mas hoje é possível ampliar a lista de omissões com outros nomes significativos, que também interessam um tanto ao objectivo orientador da selecção dos textos antologiadados. São eles António Rodrigues Pepino Leónidas (ou Rodrigues Pepino), Francisco da Cruz (ou Chico da Cruz), António Barata, Miguel França Martins (ou Zil de França), Ercília Pinto e Virgílio Abreu. Estes seis autores bairradinos, junto com os três já referidos (Adão de Figueiredo, Jessé de Almeida e Feliciano Soares), por sinal todos dados à poesia excepto este último, bem justificam uma leitura que os coloque em relação com o eixo temático daquela antologia.

Quer dizer, vão continuar a ter cabida neste enquadramento

os autores de ficções, poesias ou prosas narrativas focadas sobre a Bairrada de forma perceptível. E se persistimos em os seleccionar exclusivamente entre os falecidos, dispensando a participação de qualquer outro, isso deve-se por ora a que as suas obras, privadas de circulação e tornadas muito raras, existem numa espécie de limbo, enquanto a dos autores vivos antologáveis aparecem em situação normal. Adverte-se, no entanto, que o conjunto dos nove autores que esta adenda põe na berlinda não vai com certeza poder acrescentar nada de substancial aos méritos literários dos doze já seleccionados. Serão, para algum exegeta impaciente, num caso ou noutro, figuras e obras de relevo talvez um tanto secundário no plano que nos ocupa, mas, ainda assim, é de crer que todos valem a pena. As migalhas também são pão nesta mesa e é deste pão que pretendemos alimentar-nos.

Vamos em seguida aproximar-nos de cada um destes nove autores para, em breve relance, lhes podermos observar o respectivo perfil. Poucos deles publicaram mais de um livro (Adão de Figueiredo, Jessé de Almeida, Feliciano Soares e Ercília Pinto), mas o que vem à nossa rede é quase sempre extraído de uma obra de cada autor, não mais; os que publicaram um único livro são Rodrigues Pepino, Chico da Cruz e Virgílio Abreu, e os restantes não chegaram a estreitar-se, limitando-se a espalhar as suas produções soltas pelos jornais da região. Só quem folheie com dedo sistemático as colecções desses jornais, especialmente do período entre as duas grandes guerras (1914-1945, aproximadamente), poderá chegar a ler as obras de António Barata, Zil de França e António Vicente, por exemplo, poetas que integraram a «Plêiade Bairradina» e não se estrearam em livro.

A edição era bastante custosa naquele tempo e tal dificuldade surge bem evidenciada no caso de Acúrcio Correia da Silva, cuja colaboração na imprensa, apesar de abundante e valiosa, continua esparsa, e cujo espólio, em grande medida, se mantém absolutamente inédito. Na verdade, a circulação do texto literário, na época referida, ainda se limitava muito ao manuscrito, à declamação em público, ao jornal ou à inserção no corpo textual de variados espectáculos. Não faltam motivos para supor mesmo que a circulação de poesia foi então, inclusive a nível do povo, mais intensa do que hoje se pode imaginar. Qualquer jornal fazia questão de publicar

regularmente versos, e a poesia jorrava, passava de boca em boca e perdurava nas memórias.

Feliciano Soares teve a sorte de publicar um razoável lote de livros. Começou com o romance «Crucificadas», em 1914, e completou a carreira em 1953, uns quarenta anos depois, lançando, sempre no Funchal, o nono título conhecido das suas obras, «Epístolas a Quem Ensina». Escreveu sobre questões pedagógicas e assistenciais, literatura e viagens, etc., e colaborou na imprensa madeirense. Interessa-nos aqui tão-só o romance de estreia deste autor (nascido em Aveiro, julga-se), pois nele se detectam alguns traços biográficos e, de qualquer modo se situa em ambiência da Bairrada. Feliciano Soares casou em Águas Boas, Oiã (Oliveira do Bairro) e perdeu cedo mulher e filha em circunstâncias que «Crucificadas» romanceia misturando realidade vivida com ficção.<sup>77</sup> O duplo enlutamento empurrou-o para a literatura no Funchal (onde era funcionário de Alfândega), decerto na tentativa de encontrar na escrita um lenitivo para os seus desgostos e, o que devia ser remédio pontual, tornou-se vício duradouro.

A curiosidade dos motivos reais e ficcionais da obra de Feliciano Soares, aos nossos olhos, faz esquecer as incipiências e frouxidões da sua iniciação literária. Foi, de qualquer modo, a única narrativa romanceada que escreveu. Abunda em digressões sentenciosas e muito sentimentais, idealistas ou moralizantes, que empobrecem a narrativa, mas não resta dúvida: «Crucificadas» procura captar o ambiente de uma quinta e a sua envolvência social na região bairradina no princípio deste século. O autor, neste ponto, é claro e exacto: situa o entrecho na Bairrada, então na chamada «província do Douro e Minho» porque, naquela data, assim o impunha a divisão administrativa introduzida pouco antes pelas reformas republicanas.<sup>78</sup> E embora não seja hoje uma obra para

---

<sup>77</sup> Ver, de Armor Pires Mota, «A minha terra em romance», in livro «Encontros de Escritores e Jornalistas da Bairrada - Comunicações», ed. AJEB, Anadia, 1991, pp 40-43.

<sup>78</sup> Um projecto de Código Administrativo apresentado por António José de Almeida em 1911, propôs a criação de seis grandes províncias no país. A do «Douro e Minho»

admirar sem restrições, contém trechos que apesar de tudo merecem figurar em antologia.

Ercília Pinto também publicou uma quantidade de livros entre 1940 e 1971. A sua bibliografia de catorze títulos, afora dois cadernos didáticos, reparte-se pela poesia, o texto de teatro, estudos diversos e crónicas. A autora nasceu em Aguada de Baixo (Águeda), mas as suas funções de professora do ensino primário forçaram-na a uma errância que em certa medida se patenteia na obra publicada. Há aí referências a Soure, Leiria, Costa Nova, Oliveira do Bairro, Curia, Anadia, etc. e, sobretudo, a Coimbra, onde existiu um semanário em que ela colaborou assiduamente. Ercília Pinto viveu quase sempre na região bairradina ou nas proximidades e, apesar da atenção que lhe mereceu a crítica social, a polémica e o debate ideológico, dedicou à sua região natal algumas páginas em livros que vale a pena reter. Encontram-se nas «Crónicas do meu Tempo» (fascículo I, Coimbra, 1950), «A Minha Defesa em Verso» (1954), opúsculo em que responde a um processo motivado pela publicação do seu conto «Espíritos em Vila Nova» (1952) e em «Modos Antigos de Contestar», outro opúsculo, de 1971, com versos que evidenciam o seu pendor para a crítica social e a polémica. Ercília Pinto é, de qualquer forma, e não apenas pelos anos em que viveu (entre 1914 e 1980), uma figura intervalar.<sup>79</sup>

Adão de Figueiredo não se conformou no inconformismo como a celibatária Ercília. Optou por um estilo de vida boémia bastante isenta de marcas ideológicas visíveis que lhe permitiu afirmar-se na poesia e publicar pelo menos quatro livros, dois dos quais foram reeditados. É, no entanto, um autor algo fugidio. Terá nascido no Bolho, Cantanhede. Sabe-se pouco dele: colaborou em jornais da sua vila natal e de Anadia e frequentou a Universidade de Lisboa. Estreou-se muito cedo nas letras, publicando «Flores Singelas» (Coimbra, 1924), livro com «versos dos 17 e 18 anos». Provavelmente relacionou-se com António de Cértima, António

---

era constituída pela federação dos distritos de Aveiro, Braga, Viana do Castelo e Porto. Abrangia portanto a Bairrada. Fica deste modo esclarecida uma questão levantada por Armor Pires Mota no texto atrás citado.

<sup>79</sup> Ver *Terra Verde*, supl. do «Jornal da Bairrada», 01-05-1992.

Vicente e mais elementos da «Plêiade Bairradina», e também com Manuel de Oliveira Guerra, poeta de Oliveira de Azeméis e fabricante de vidros decorativos, entre outros autores. Fixou-se na capital durante muitos anos mas, ainda assim, entusiasmou-se com a Curia, então em fase ascendente, e dedicou-lhe todo o livro «Curia, Flor da Bairrada» (Lisboa, 1927; reedição «remodelada e aumentada» no ano seguinte, sempre com prefácio de Albano Coutinho).

Nesta sua terceira obra, Adão (Coelho de) Figueiredo compraz-se em invocações às águas termais do lugar, ao parque e lago, buvete, casino, hotéis, basares, alamedas, etc., descrevendo uma espécie de roteiro sentimental com acentos líricos que o tempo amareleceu mas onde é possível achar ainda algum lampejo de poesia e de interesse, talvez nostálgico, pois a Curia foi naqueles anos um espelho da Bairrada.

Jessé de Almeida também publicou alguns volumes. Nasceu no Vale Grande, Águeda, emigrou para o Brasil e ali tirou do prelo nomeadamente «O Eterno Adão» (Rio de Janeiro, 1937), obra que dedicou a amigos do torrão natal «pelo seu devotamento à Arte», o que faz jus ao seu lema literário: *Ars suprema lex*. Aliás, apoiou muito a «Plêiade Bairradina», pois cedo fez amizade com o padre Acúrcio. Publicou ainda os livros «A Vida pelo Amor» e «O Mistério do Mar» (1954). Numa poesia datada da Primavera de 1923 lemos os versos: «Nesta mudez da minha aldeia, / Pequenininho recanto da Bairrada, / Terra do vinho, das searas fulvas / E dos pardos repletos de verdura»... Outra, intitulada «O meu canteiro», evoca ainda a Bairrada e a sua mãe.

Será pouco, convenhamos, mas «Nas Curvas do Caminho», livro de Rodrigues Pepino, encontramos mais. Nesta única obra (editada pelo autor em 1922 com chancela da «Plêiade», da qual foi membro), António Rodrigues Pepino Leónidas, apresenta poesias de excelente recorte que se inspiram francamente na por ele designada «Região do Sol e dos Pâmpanos», especialmente as poesias subintituladas «Regionais» e «Flocos». Lê-se aí uma boa dúzia de sonetos merecedores de antologia, tanto mais que o livro se encontra esgotado e esquecido há muitos anos. Não se atribua isto a alguma culpa do próprio livro. Também os «Versos dum Cavador», do tão glorificado Manuel Alves, e variadas outras obras de grande relevo na literatura bairradina, andam esgotadas e

esquecidas, ausentes das estantes dos alfarrabistas e das bibliotecas públicas, portanto das leituras em geral, não porque lhes escasseiem as excelências, mas pelas simples imposições das circunstâncias que tornam injustiçados os melhores livros.

António Rodrigues Pepino Leónidas, ou só Rodrigues Pepino (Fermentelos, Águeda, 1884 - Coimbra, 1970), foi inspector escolar e pessoa de elevada cultura. Dedicou-se profundamente às questões do ensino e, como poeta, mostrou sensibilidade lírica e uma notável finura estilística.<sup>80</sup>

O livro único que Virgílio Abreu conseguiu publicar ostenta o singelo título de «Versos» (Anadia, 1896). No entanto, à semelhança de outros autores, colaborou bastante nos jornais e divulgou os seus textos pela recitação em salões ou pela circulação de mão em mão dos manuscritos. Este poeta, contemporâneo de Manuel Alves, exprime um lirismo cortês, muito sereno e amável, que parece colocá-lo numa especial sintonia com o ambiente social e natural característico da fértil planície bairradina. A evidente amenidade da sua poesia alia-se a uma religiosidade apaziguadora e relaciona-se com o quotidiano do autor. Os versos são para ele, em boa medida, uma forma de abarcar o círculo das suas relações sociais e de exprimir em público as suas afeições e devoções particulares. Daí as marcas intimistas que ostentam.

Virgílio Abreu nasceu em Ançã (?), Cantanhede, emigrou na juventude para o Brasil, ali casou, regressou e foi funcionário em Anadia, onde faleceu em 11 de Dezembro de 1910 com 56 anos de idade. Era parente do historiador Jaime Cortesão.<sup>81</sup>

Diferente foi o estro de Chico da Cruz ou Francisco Cruz. Nasceu no Cercal (Oliveira do Bairro), lugar também do nascimento de Acúrcio Correia da Silva, o Cercal Verde dos poetas. Tal vizinhança foi determinante: Chico da Cruz, mais novo, pertenceu à «Plêiade» e não demorou a publicar a sua primícia literária, «Tardes de Sol» (Aveiro, 1922), com chancela do grupo organizado

---

<sup>80</sup> Para melhor conhecimento de Rodrigues Leónidas, recomenda-se a leitura nomeadamente do livro «Fermentelos», por Artur N. Vidal e Áureo R. de Figueiredo, Aveiro, 2ª ed., 1980, pp 309-311.

<sup>81</sup> Ver *Terra Verde*, supl. do «Jornal da Bairrada», 01-05-1992 e 07-08-1992.

pelo padre-poeta, para além de colaborações dadas à imprensa. Dois anos decorridos, em Maio de 1924, publicou uma pequena *plaquette*, «Azas Luziadas», com versos de homenagem aos heróis aviadores Brito Pais e Sarmento Beires. Mas a sua produção literária é reduzida.

Chico da Cruz canta a mulher e o amor, a saudade e o ciúme, inspirado por uma Judit de Coimbra que aparece referida na dedicatória do livro e nestes versos: «E a terra efflorescente da Bairrada, / Judit, é orgulhosa porque a pisa! / Afagar-te a cab'leira desgrenhada / É o praser das brisas!» Em suma, é escasso o acento bairradino dos versos do conterrâneo do padre Acúrcio, pormenor a que não será alheia a posterior fixação do autor na vila de Vagos.

Outros poetas de quem se conhecem poucas obras literárias são António Barata, António Vicente e Miguel França Martins (Zil de França), todos do concelho de Oliveira do Bairro

Barata (1887 - 1970) deixou no espólio um livro intitulado «Cardos em Flor» com poesias que foi publicando em jornais até 1912. Miguel França Martins nasceu no Brasil (em 1900) mas viveu a parte significativa da existência na vila oliveirense; foi conservador do Registo Civil até ali falecer com 59 anos. Colaborou em jornais e espectáculos diversos com poesias que, a avaliar pelas amostras, mereciam recolha criteriosa. António Vicente nasceu no Troviscal e exerceu a clínica em Bustos. Julga-se que é escassa a sua produção global. Era irmão de Arlindo Vicente, pintor, advogado e político que se distinguiu em Lisboa.

Eis, em breve resenha, os nove autores «novos» que podem incluir-se na antologia das «Letras Bairradinas» a reeditar. Com efeito, há trechos a seleccionar nas obras de todos eles — embora em extensão variável, dado que se orientam por diversos níveis estéticos — para que fiquem finalmente colocados em relação com o eixo temático explicitado. Será, simultaneamente, um acto de justiça a prestar aos autores que ficaram omitidos por força das circunstâncias e uma ampliada valorização da literatura produzida em ligação com a Bairrada.

Naturalmente, nem todos os autores nascidos na região (e já falecidos, insistimos) escreveram sobre o ambiente natal, por certo o que melhor conheceriam. São a minoria, parece, pois abundam

os bairradinos que assinam obras literárias sem relação aparente, mínima que seja, com a terra em que nasceram. É este o caso da condessa de Proença-a-Velha, de Alexandre do Amaral, M. Correia da Silva, R. Rodrigues dos Santos, Albano Coutinho, visconde de Seabra, Fernando Caldeira, Eugénio Ribeiro, António Homem de Mello (Toy) e Laudelino de Miranda Mello, por exemplo.

Alexandre do Amaral foi co-fundador da «Plêiade» e começou a publicar as suas poesias no jornal «Povo de Águeda» quando frequentava a Universidade coimbrã, em 1915.

Manuel Correia da Silva (apesar de ser irmão de Acúrcio Correia da Silva, o primeiro paladino da Bairrada, e de ter sido redactor do «Gente Nova», o jornal da «Plêiade», até emigrar para África em Maio de 1920), manteve-se indiferente à sua região natal. Deu à estampa três livros pelo menos, todos de poesia (o derradeiro terá sido «Cantares de Angola», 1960), sempre numa afirmação de pendor nacionalista que plasmava vivências africanas. Aposentado, viveu em Cernache do Bonjardim e só cantou o «Lar bendito!», ao que se conhece, num lampejo: «— Ó terra de pomares e verdes ramarias / Aonde os rouxinóis, em dólido gorgoeio, / Entoam orquestrais, suaves melodias!... / — Permita o céu que, em paz, eu morra em teu seio!»<sup>82</sup>

O Barão de Mogofores (poeta "Elmano Conimbricense" da Nova Arcádia), Albano Coutinho, a condessa de Proença-a-Velha,<sup>83</sup> o visconde de Seabra e Rodrigo Rodrigues dos Santos, de Anadia, surgem numa atitude idêntica.

Albano Coutinho nasceu na capital e fixou-se em Mogofores em 1876 após lhe falecer o pai e, embora dedicando-se à produção vinícola e à defesa dos interesses agrícolas da Bairrada, continuou ligado ao jornalismo republicano e à literatura. Escreveu uma comédia, representada em Anadia na inauguração do teatro, em 1879, e publicou um romance em folhetins de jornal e um volume de textos diversos. A condessa, sob o pseudónimo de M. Grisalde,

<sup>82</sup> In «Jornal da Bairrada», 28-03-1959.

<sup>83</sup> Ver «Monografia do Concelho de Anadia», por Bento Lopes, Anadia, 1985, pp 54-55, e supl. *Terra Verde* do «Jornal da Bairrada», 02-10-1992.

publicou no princípio do século alguns livros para crianças e sobre assuntos musicais (foi compositora distinta) onde não será possível detectar a marca regional. O visconde de Seabra, autor do primeiro Código Civil português, notabilizou-se com traduções de Horácio e outros clássicos. Rodrigo Rodrigues dos Santos, que chegou a colaborar no «Gente Nova» e outros jornais da região, publicou pelo menos dois livros de poesia, designadamente um lembrado «Clarão Vermelho - Poemas sociais» (Anadia, 1935; 3ª ed., 1936), com um longo prefácio de Abel Salazar. Cheio de ardores revolucionários, o autor parece sentir em especial a condição dos camponeses, portanto, em certa medida, dos trabalhadores bairradinos. Diz numa quadra: «Tenho fome, mas contudo / Ninguém me dá de comer... / A Terra não produz tudo? / Terei culpa de nascer?» (p 197).

Os autores restantes, todos de Águeda, distinguem-se aos nossos olhos porque também se alhearam da «região dos pântanos»: Fernando Caldeira publicou versos e textos de teatro, como «O Sapatinho de Setim» (Lisboa, 1915), a primeira das suas peças que retumbaram nos palcos da capital; Eugénio Ribeiro deu à estampa alguns livros de poesia na mesma época (a primeira República) para cantar o amor e a mulher, Deus e a natureza; António Homem de Mello (Toy), pai de Pedro Homem de Mello, autor do romance «História de Maria Flor» (Águeda, 1943) e das «Cantigas do Toy» (Montijo, 1940), *plaquette* com retrato do autor e desenhos por João Carlos, de «quando [Toy] por Coimbra andava», manteve uma postura bastante afim; e Laudelino de Miranda Mello, embora tivesse tirado do prelo diversos volumes de ficções, impressões e memórias, também não deixou grão que sirva para a nossa colheita.

O frequente alheamento dos autores perante a Bairrada condena a região a manter-se numa relativa invisibilidade (ou excessiva transparência?). Apesar de tudo, porém, ergue-se e corporiza-se cada vez mais persuasivamente o que pode designar-se como «a literatura bairradina». Os esforços de recuperação prosseguem. Entretanto, não se estranhe o facto de tão poucos dos seus autores aparecerem com obras nas leituras correntes. Os estudos regionais, focados sobre as respectivas culturas, estão entre nós a dar os primeiros passos. Mas note-se o motivo que impeliu Adão

de Figueiredo a escrever, na abertura da obra poética que dedicou à Curia, esta frase perspicaz: «Um livro sobre o poder atractivo e afectivo de uma terra, é um livro que fica, mesmo que não valha nada».<sup>84</sup>

*Porto-Bustos, Setembro de 1992.*

bibRIA

<sup>84</sup> In «Curia, Flor da Bairrada», Lisboa, 1927, p. 14.